

ILUSTRAÇÃO EDITORIAL

Prof. Daniel Bueno

ILUSTRAÇÃO EDITORIAL: CONHECIMENTO

ILUSTRAÇÃO EDITORIAL: CONHECIMENTO



Introdução / Mapas e representação esquemática

Ilustração: Conhecimento

Nesse Módulo iremos conferir atenção especial ao CONHECIMENTO, às inúmeras possibilidades visuais da ilustração em relação a publicações e textos de conteúdo científico, e também à comunicação de informações precisas, relacionadas à ciência. Iremos abordar:

- a produção de ilustrações para revistas de ciência e conhecimento.
- os aspectos expressivos, plásticos e conceituais de ilustrações mais conectadas a esse tipo de conteúdo.
- a aplicação da ilustração a infográficos e reportagem visual

Mapas, infográficos e representação esquemática

Vamos agora conferir alguns exemplos de mapas, infográficos e soluções com representação esquemática ao longo do tempo.

Mapas são representações gráficas, em escala reduzida, de uma área geográfica.

Infográficos são ferramentas que servem para transmitir informações de modo objetivo e claro através da integração de elementos gráfico-visuais e textos sintéticos.

Representação esquemática é um modo de representar que explora soluções gráficas caracterizadas pelo uso de traços simbólicos e simplificados, reduzindo os elementos gráficos a seus conceitos elementares.

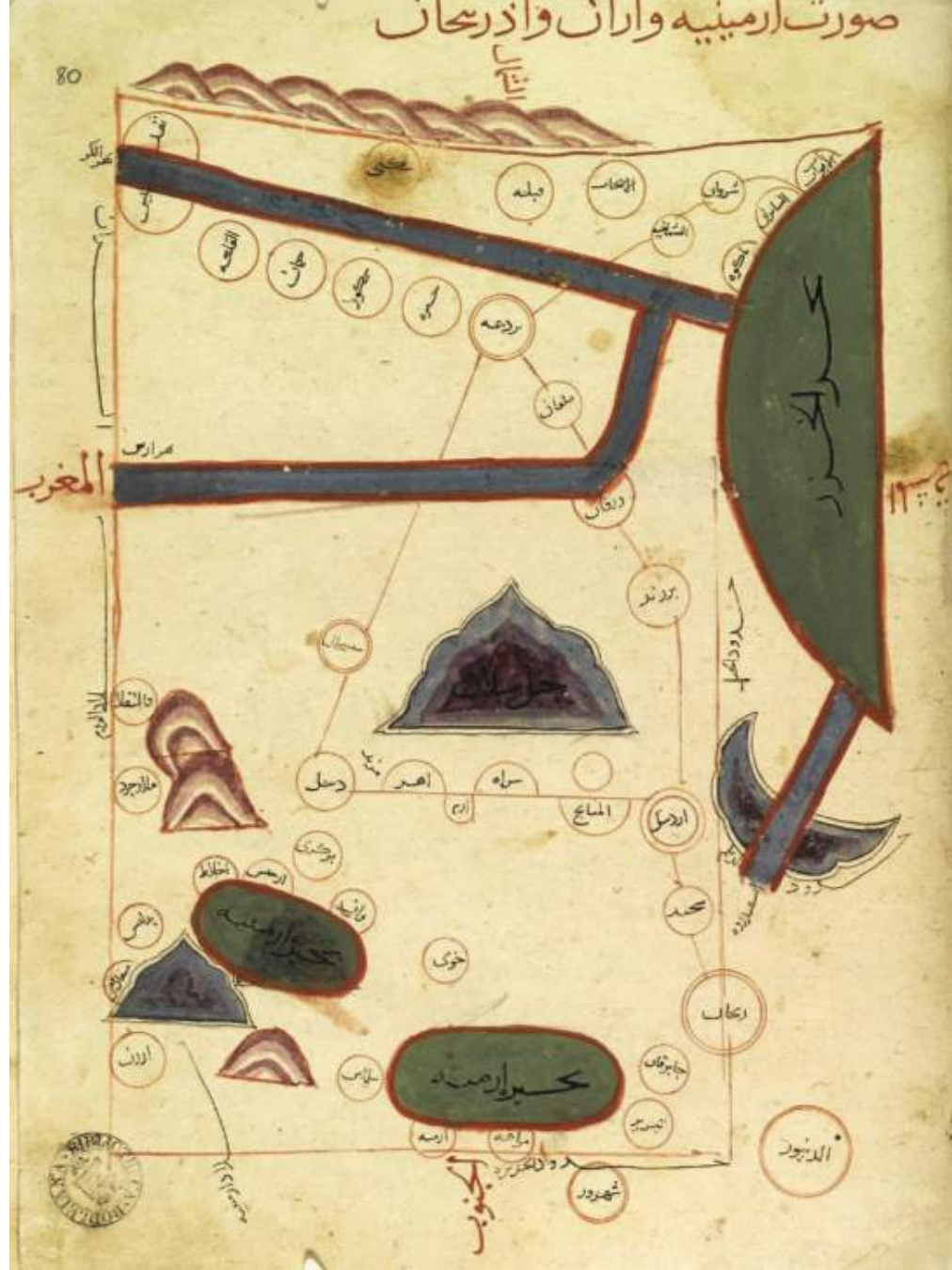
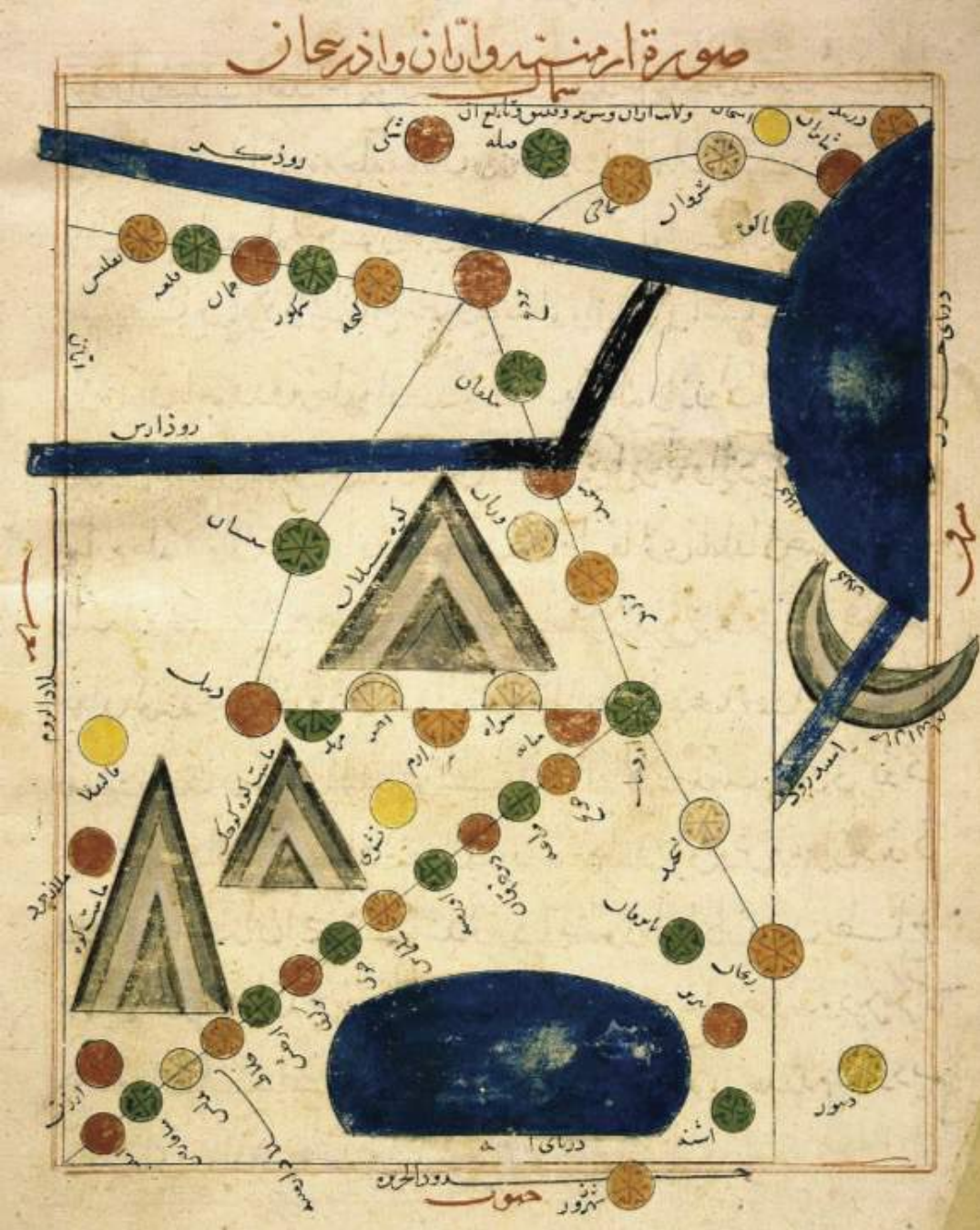
Observem nos exemplos da aula como os elementos gráficos estão organizados para comunicar informações de um modo objetivo e claro. E reparem como a ilustração tem condição de conciliar esse papel informativo com sedução, em soluções graficamente instigantes.



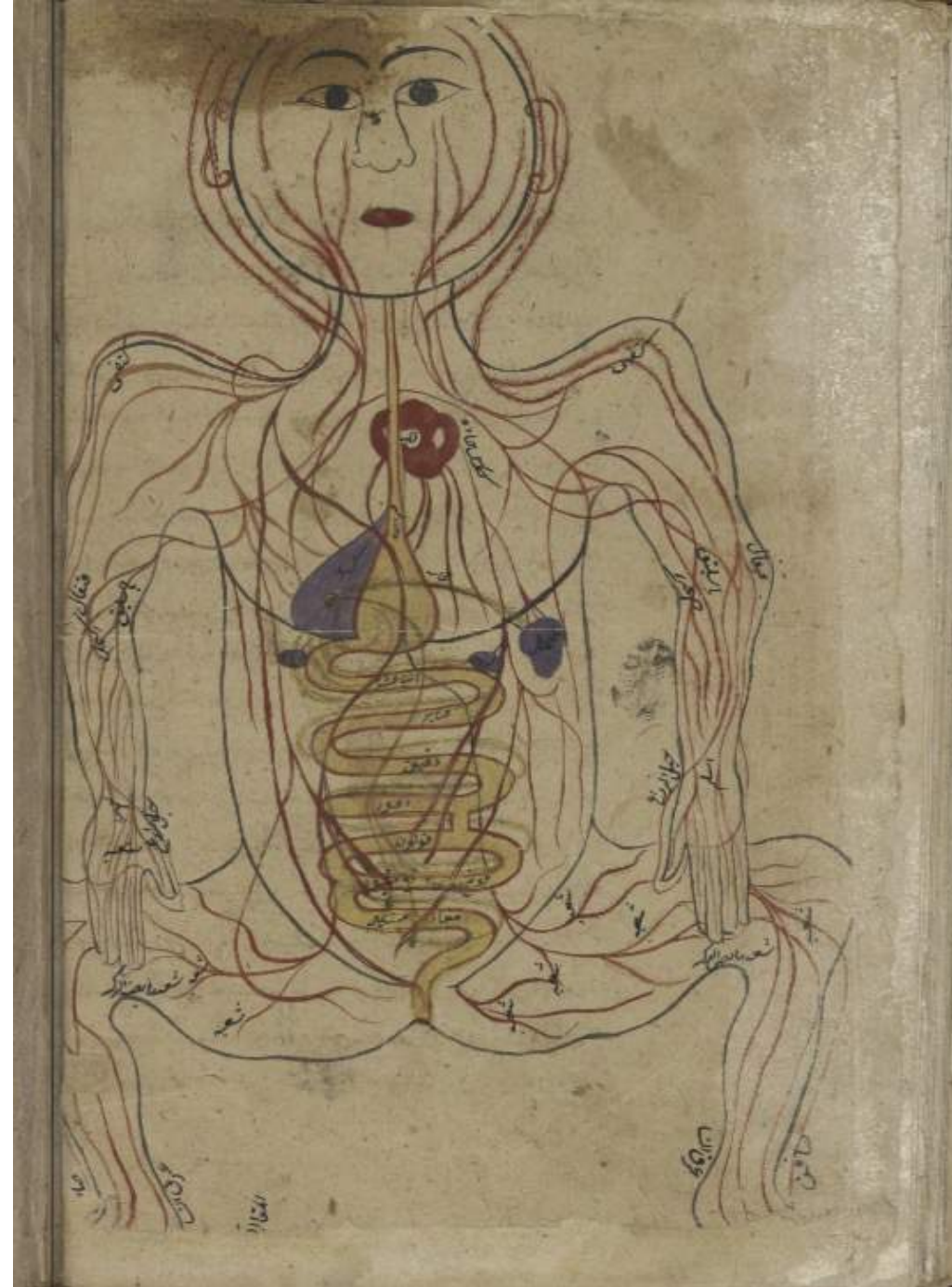
Inscrição antiga do século 7 a.C. mostrando o mundo na época de Sargão (2300 aC): vemos um círculo cercado por água, com a Babilônia no centro.



Mapa do mundo, manuscrito do monge Cosmas Indicopleustes, século VI.



Al-Istakhri: Mapa do sul do Cáucaso; Mapa da Armênia, Aran e Azerbaijão, "Livro de estradas e províncias", 950 CE.

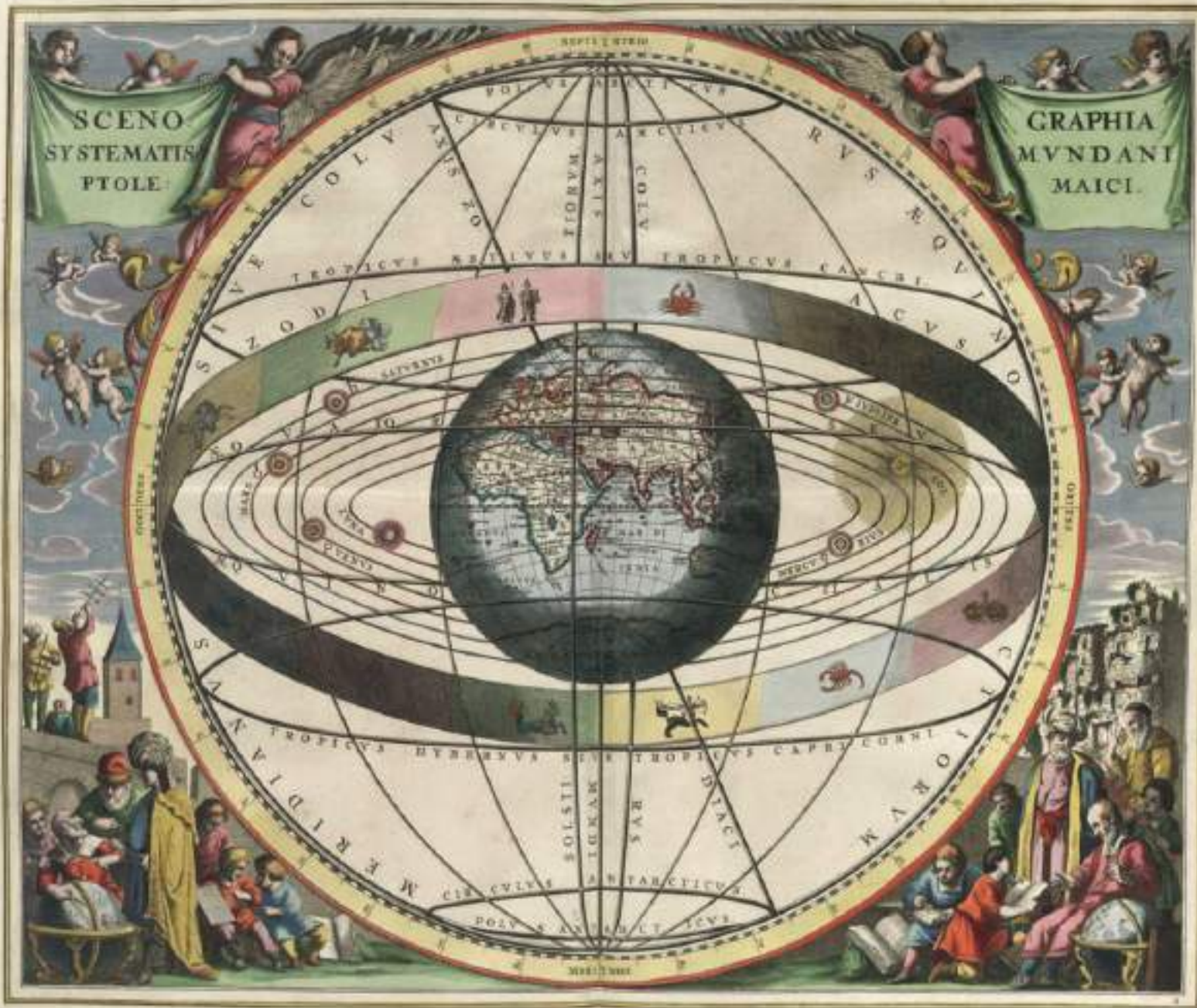


“Tashrih al-badan”,
Anatomia, medicina
persa medieval,
século 14.



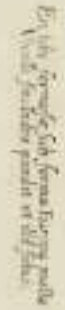
The Ebstorf Map, c. 1235.
Na imagem seguinte
vemos um detalhe do
mapa.





Andreas
Cellarius: The
Harmonia
Macrocosmica,
1660.

A historical map of Europe from 1494, depicting the world as a woman. The woman's body is divided into various European countries, each labeled with its name in Latin. She wears a crown and a long, patterned dress. In her right hand, she holds a scepter, and in her left, she holds a globe. The map is surrounded by labels for the four continents: AFRI CA (Africa), ASIA, EUROPA (Europe), and AMERICA. The ocean is labeled OCEANVS. The map is a woodcut print, showing the geographical knowledge of the time.



At the Indian Agency (Embassy) in Ottawa, *Hydrocotyle peltata*, Gauss.

Peltandra *habe* *Callis* *formosa* *various* *color*
Angitia *formosa* *various* *color*

Sebastian Munster:
Europa como uma
rainha, 1570;
Heinrich Bunting,
1581.

НА БОРЬБУ С САМОГОНОМ!



На самогон тратится в год около 200.000.000 пудов хлеба-в переводе на деньги-140.000.000 руб.

ЧТО МОЖНО СДЕЛАТЬ НА ЭТИ ДЕНЬГИ

СТРОИТЬ ШКОЛЫ	КУПИТЬ АРМОВ	КОРОВА	ЧЕЛОВ
96.000	11.000.000	2.800.000	
СТРОИТЬ ЗАВОДЫ	КУПИТЬ АРМОВ	КОРОВА	ЧЕЛОВ
233.000	700.000	1.400.000	400

САМОГОНЩИНА РАЗОРЯЕТ КРЕСТЬЯНСКОЕ ХОЗЯЙСТВО,
РАЗРУШАЕТ ЗДОРОВЬЕ ЧЕЛОВЕКА, ГУБИТ ЕГО ПОТОМСТВО И ВЕДЕТ К ПРЕСТУПЛЕНИЯМ

Infográfico "Luta conta o álcool ilegal", c.1929. Cartaz soviético da segunda campanha anti-álcool.



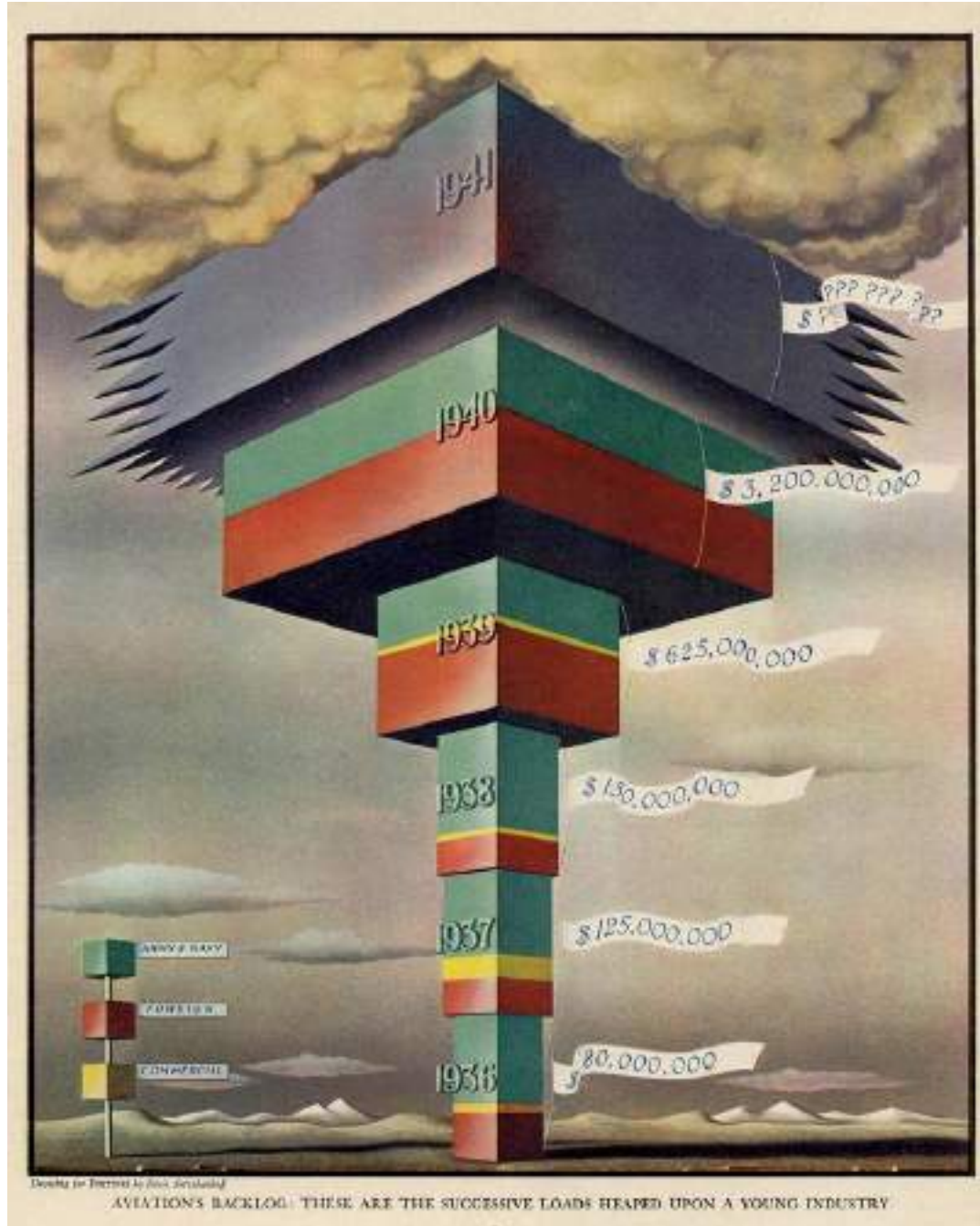
À esquerda, no alto, capa em litografia de B. Nechaev para a revista 30 Dias, 1929. à direita, no alto, infográfico sobre a produção de carvão, óleo, ferro e eletricidade para a mesma edição da 30 Dias, design de K. Paustovsky e fotos de Rodchenko.



Miguel
Covarrubias:
mapa dos
Estados
Unidos, 1942.



Boris Artzybasheff: trabalhos para a Fortune, anos 1940.

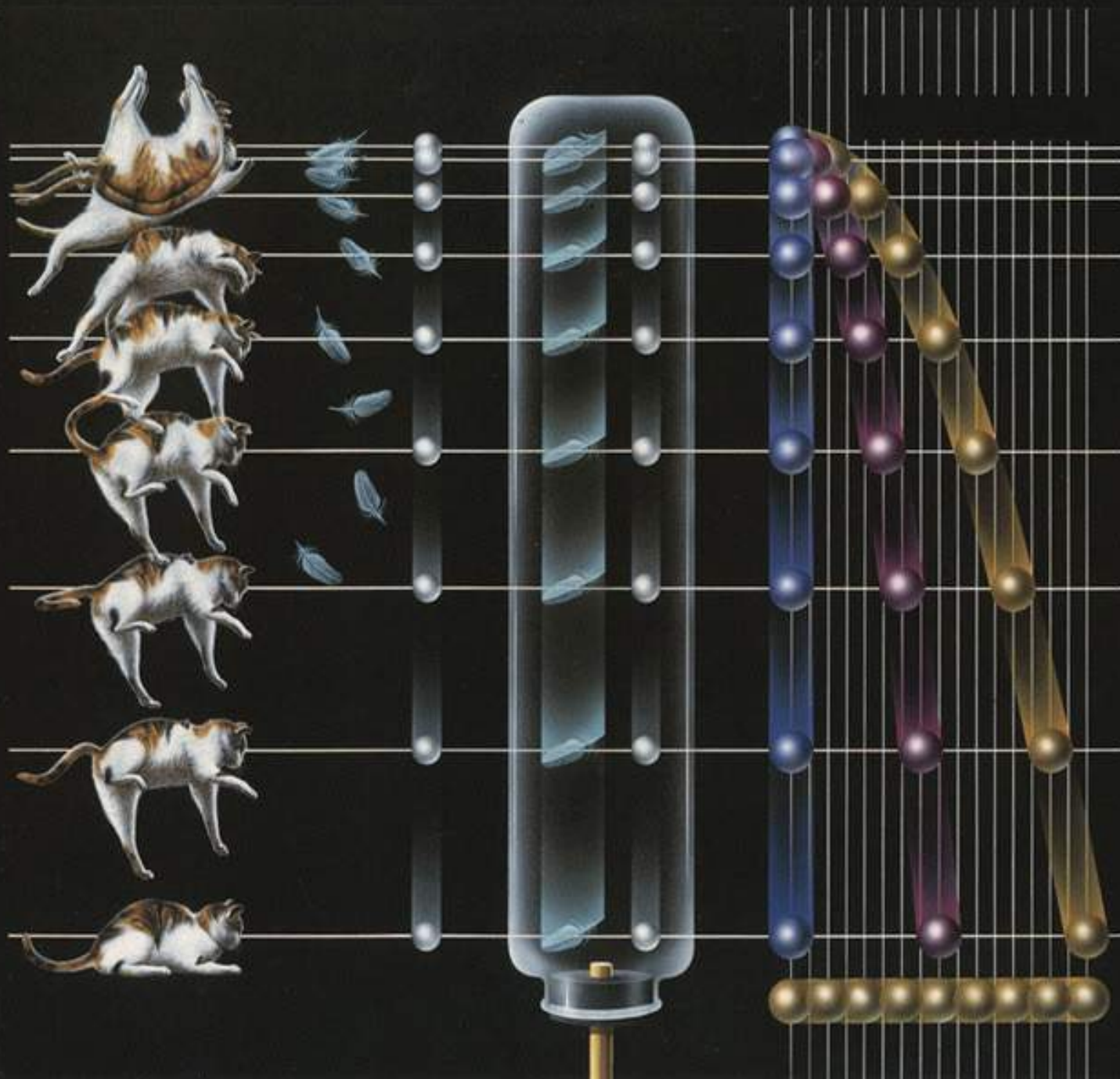


AVIATION'S BACKLOG: THESE ARE THE SUCCESSIVE LOADS HEAPED UPON A YOUNG INDUSTRY



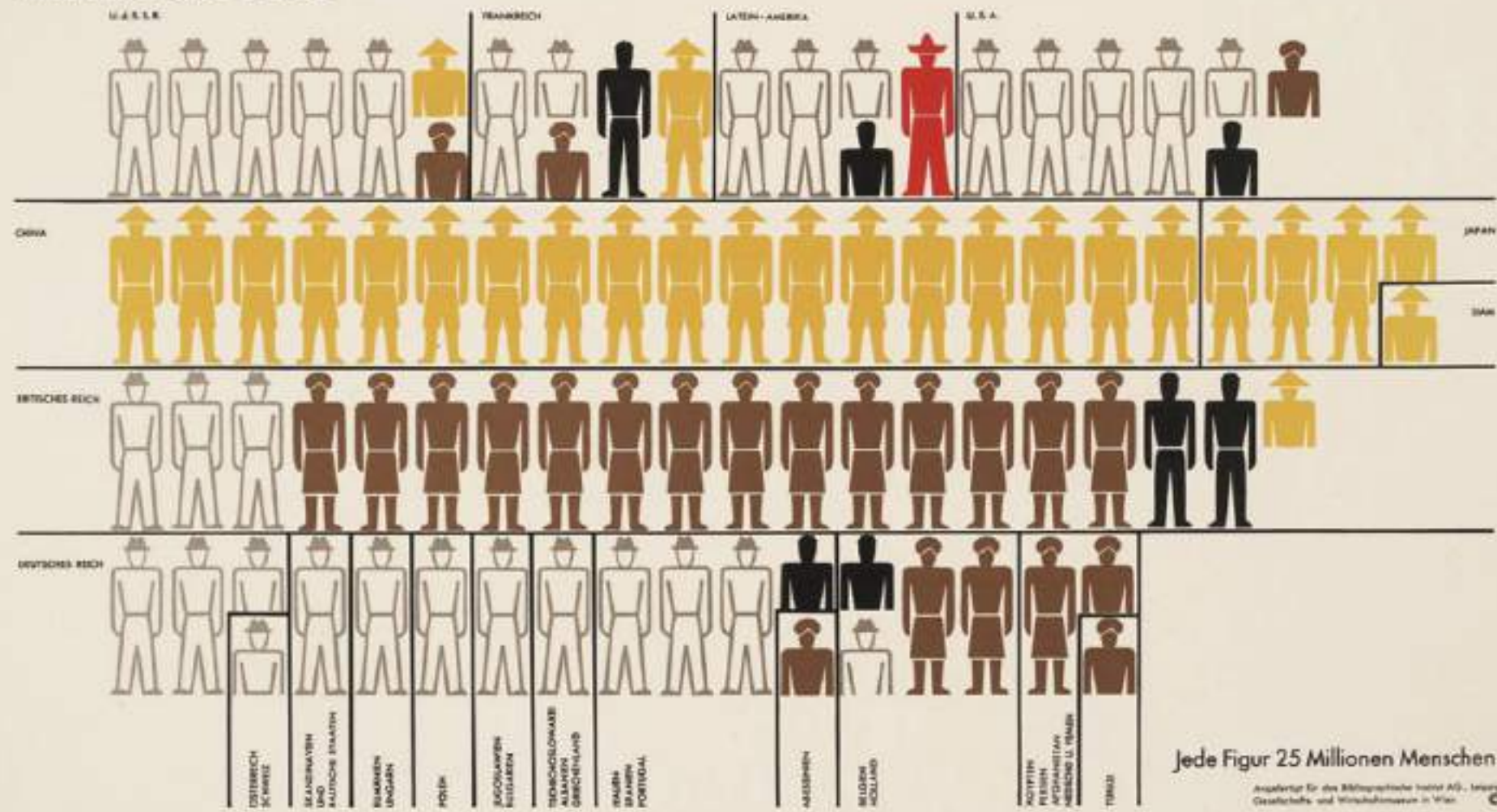
Retrofuturismo japonês nos anos 1960.

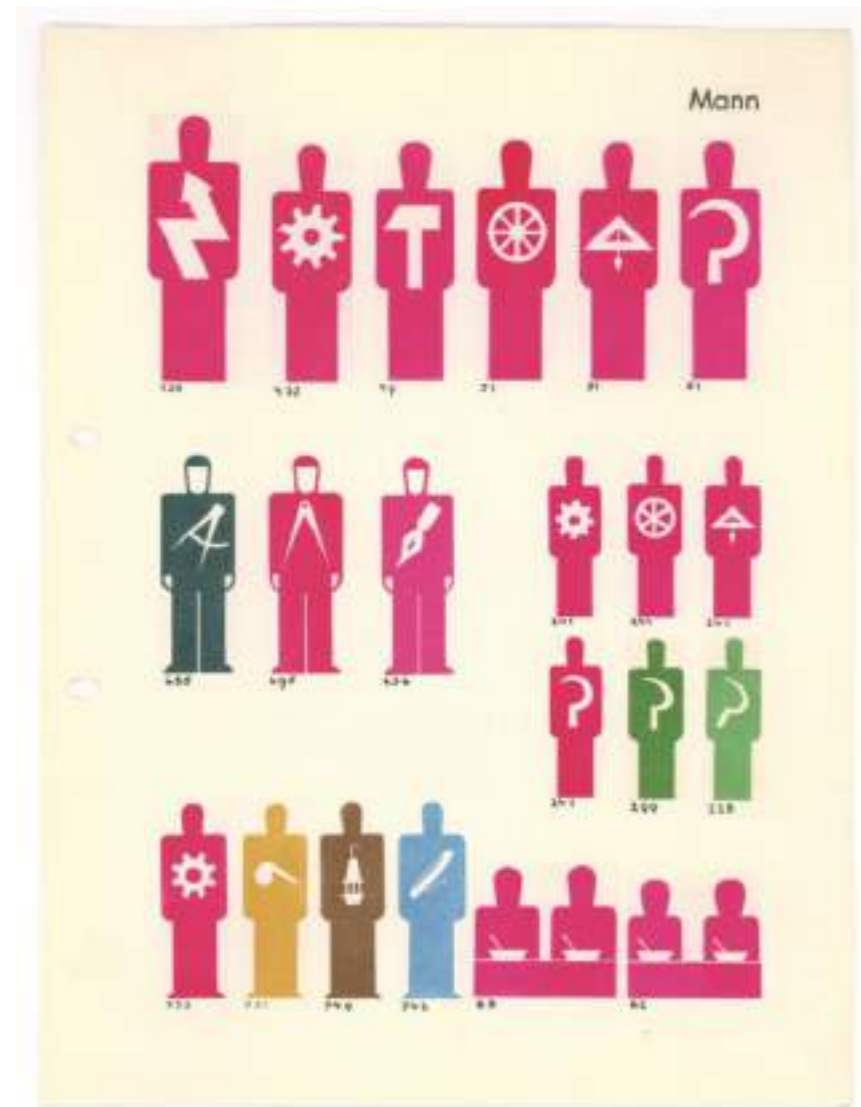
Ilustração sobre “A Casa do Futuro”, Shonen Sunday, “Computertopia, 1969.



Kazuho Itoh:
"Failing Motion",
Newton magazine,
anos 1980.

Mächte der Erde





Gerd Arntz: pictogramas para a linguagem visual Isotype (1928-1965).

ILUSTRAÇÃO EDITORIAL: CONHECIMENTO

Reportagem Visual



Reportagem Visual

A **reportagem** é uma atividade jornalística que consiste em adquirir informações sobre determinado assunto ou acontecimento real. Ela busca um recorte, um enfoque atento a questões e temas importantes.

O ilustrador, ao fazer uma reportagem visual, atua como um característico jornalista que busca comunicar uma história verídica e informações por meio da linguagem visual. Ele registra, por meio da arte, a dinâmica dos eventos que transcorrem.

O olhar seletivo do ilustrador e sua capacidade de síntese podem contribuir bastante para a explicitação de informações complexas.

Vamos agora conferir alguns exemplos ao longo da história.



Drama, raiva e silêncio em Daumier: “O Massacre da rua Transnonain” é uma litografia que mostra, de modo dramático, um massacre ligado a um movimento popular ocorrido em Paris em 14 de abril de 1834. Publicada em Association Mensuelle.



NEW YORK CHARITIES—ST. BARNABAS HOUSE, 226 MULBERRY STREET.—DRAWN BY WOODEN HOMER.—[SEE PAGE 243.]

Ilustração de
W. H. Lagarde
para a
Harper's
Weekly, 1874.



Martha Sawyers (1902 – 1988)

Depois de estudar artes em Nova York no Art Students League, Martha fez alguns trabalhos de design e ilustração, guardou dinheiro e viajou para Bali.

Na volta, exibiu retratos dos habitantes de Bali numa exposição, chamando a atenção do diretor de arte da Collier's, Bill Cheesman. Logo ela se tornou ilustradora regular de temas asiáticos para a Collier's, Liberty e McCall's.

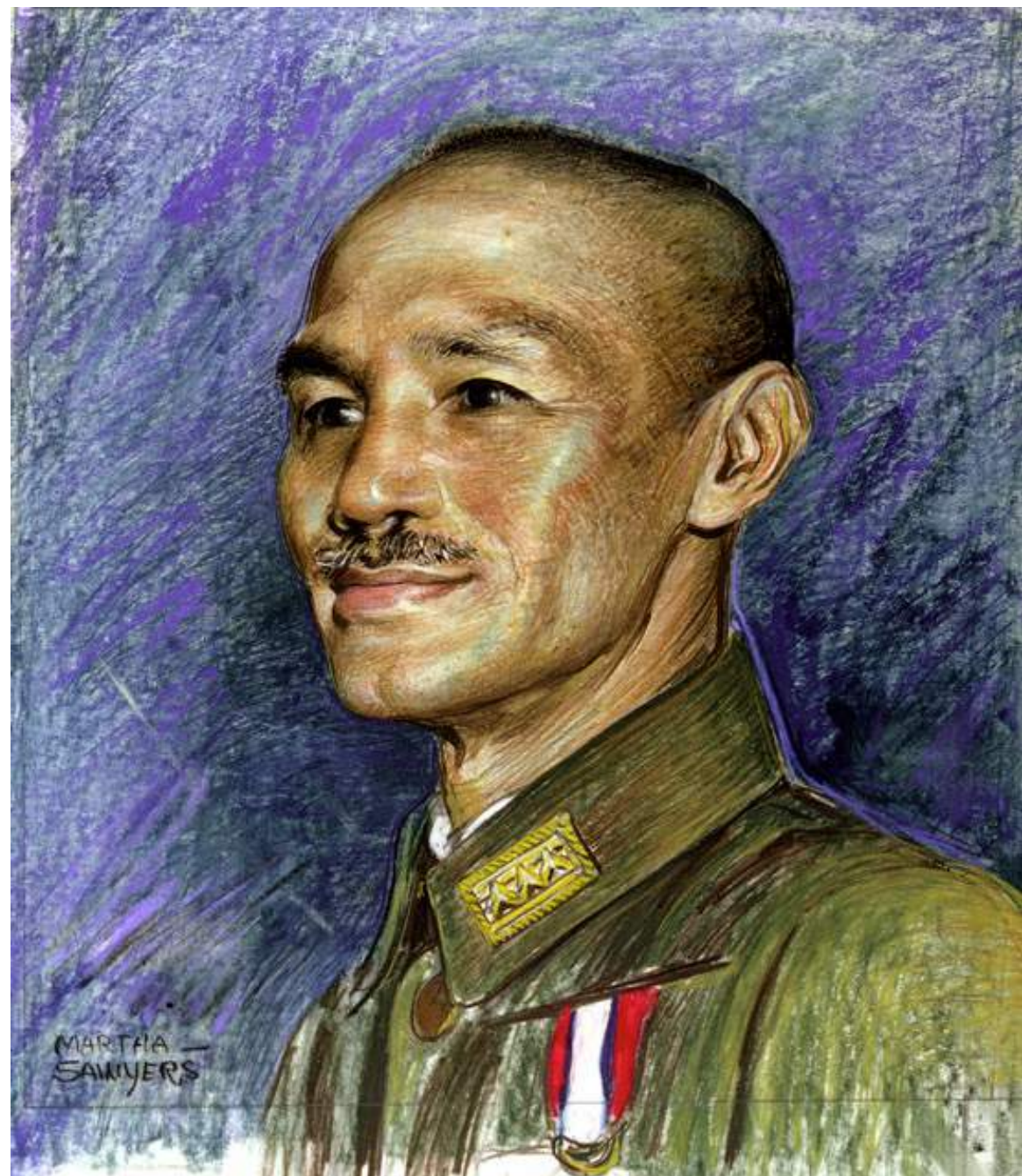
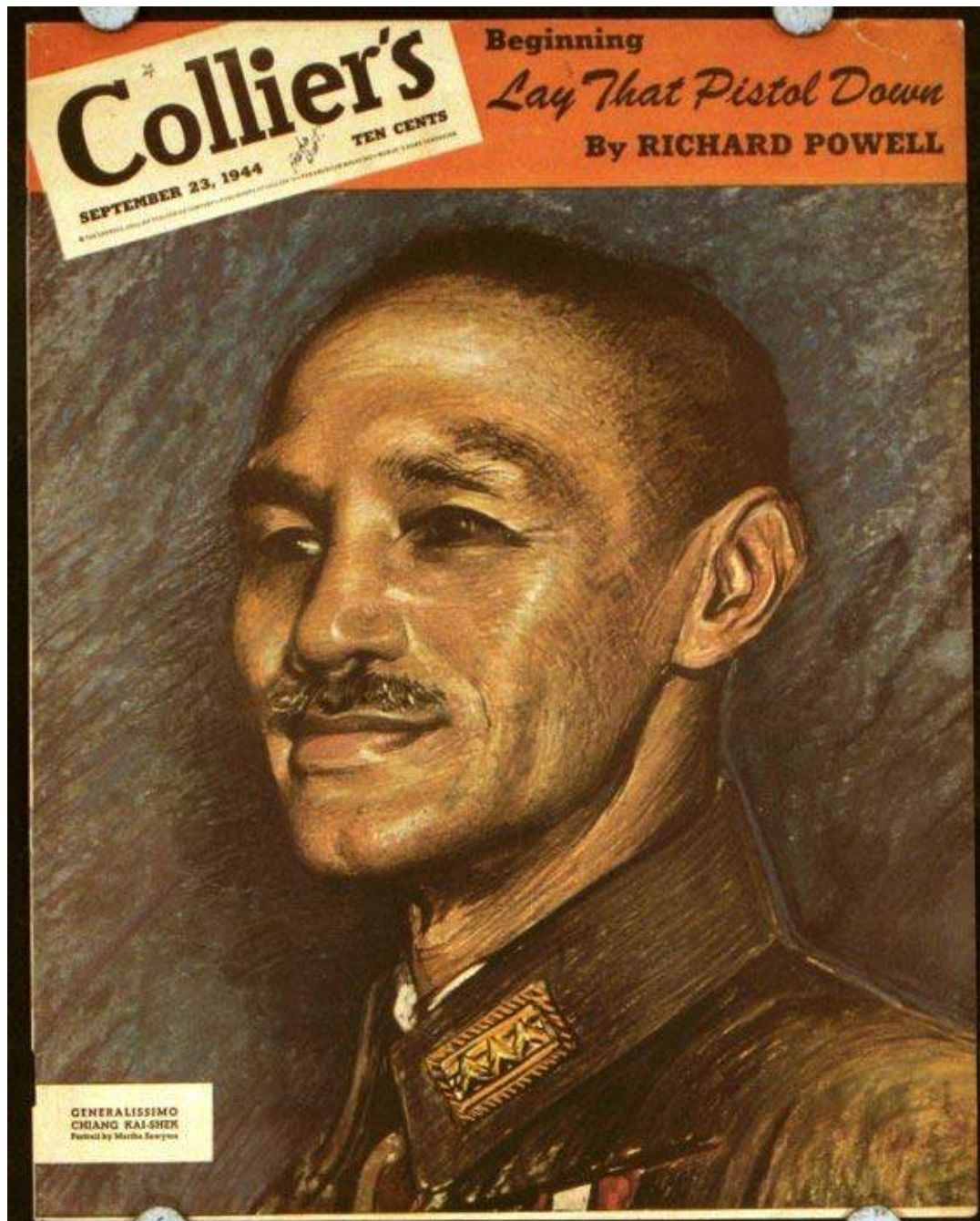
Ao lado, ilustração para a revista Collier's, 1943.





Sawyers teve alguns problemas após o início da Segunda Guerra Mundial no Pacífico. Ela suportou a invasão de Peiping.

Indignada com o impacto da Guerra nas pessoas e cultura que amava, criou posters e tornou-se correspondente de Guerra da Collier's.



Martha
Sawyers:
capa para a
Collier's,
1944.

The Face of China

BY MARTHA SAWYERS

Collier's artist-correspondent was in Kuning just before the string of Chinese firecrackers went off in the north. Her pen and crayons show China today.

THE color-colored life around Kuning is quiet now. The men who played at war have gone. Friends along the great Chinese wall, in the hills, the young men of lower right. They have not gone home. They have gone, in large numbers, to fight their brothers in the north. They do not want to kill Chinese. But they will do so they are told.

If the hills could talk, they would tell you of the Americans who came here January as a "military mission." They came, with their officers and their technical support who can take a machine apart blindfolded. They came by the thousands, and the rugged, broad Chinese came by the scores of thousands. The job of the military mission was to instruct the Chinese in modern fighting men. The job was done in eight months.

The place was called the Chinese Training Center. In truth, there were eight of them, but I saw the one in Kuning at Kuning. Under Major General Robert D. McClure, a little man and a great leader, and General The Supreme Commander of the Chinese Army, actual divisions were created, made, and made ready to attack the Japanese at the same time that the Americans were landing in Japan.

It was a good place. But when the work was done, the Japanese Empire had collapsed, and there was no one to fight. It was then that the

Chinese Communist armies began to pick up the weapons the Japanese dropped. These were heavy guns, tanks and tanks. Chinese retrained. A few Americans were killed.

Meanwhile, representatives of the Communists and the Nationalists were in Chungking, trying to agree on their objectives. The mainland war gave in volume and noise, and the stored General's life began to move. He was, however, toward division with the Nationalists. They fought well. They won some. The U.S. Air Force, supporting, not to see the civil war, flew other work over to transport weapons and supplies, apparently to take over from the Japanese. This also kept them from falling into the hands of Chinese Communists.

Officially, American troops tried to keep out of the civil war after evacuating Chungking. Nevertheless, the Russians also seemed to get out of Manchuria by November 1945, couldn't withdraw their forces that fast and, in some cases, withdrew from cities at the moment that, by coincidence, Chinese Communists arrived. The thing developed into a race between the Nationalists and the Communists to occupy the industrial north.

Some people over in China, yes, and made interest in their people. They were not so long as they had a world war not disturbed. They were fed up with war. They didn't want to talk of war or think of war. If war was



GENERAL HO YING-CHIN
SUPREME COMMANDER
OF THE CHINESE ARMY

The blue-and-white helmet resting on Tung Yen Chang shows that he is an extreme north. Major William Hunsinger, 25, of Shikoyoga Falls, Wisconsin, points out the negative at the Chinese Training Center.



General Ho Ying-chin was chief of the General Staff when he went to the American. He also began the work not to speak English to him because he doesn't speak it well. Once alone, he spoke English—quietly.



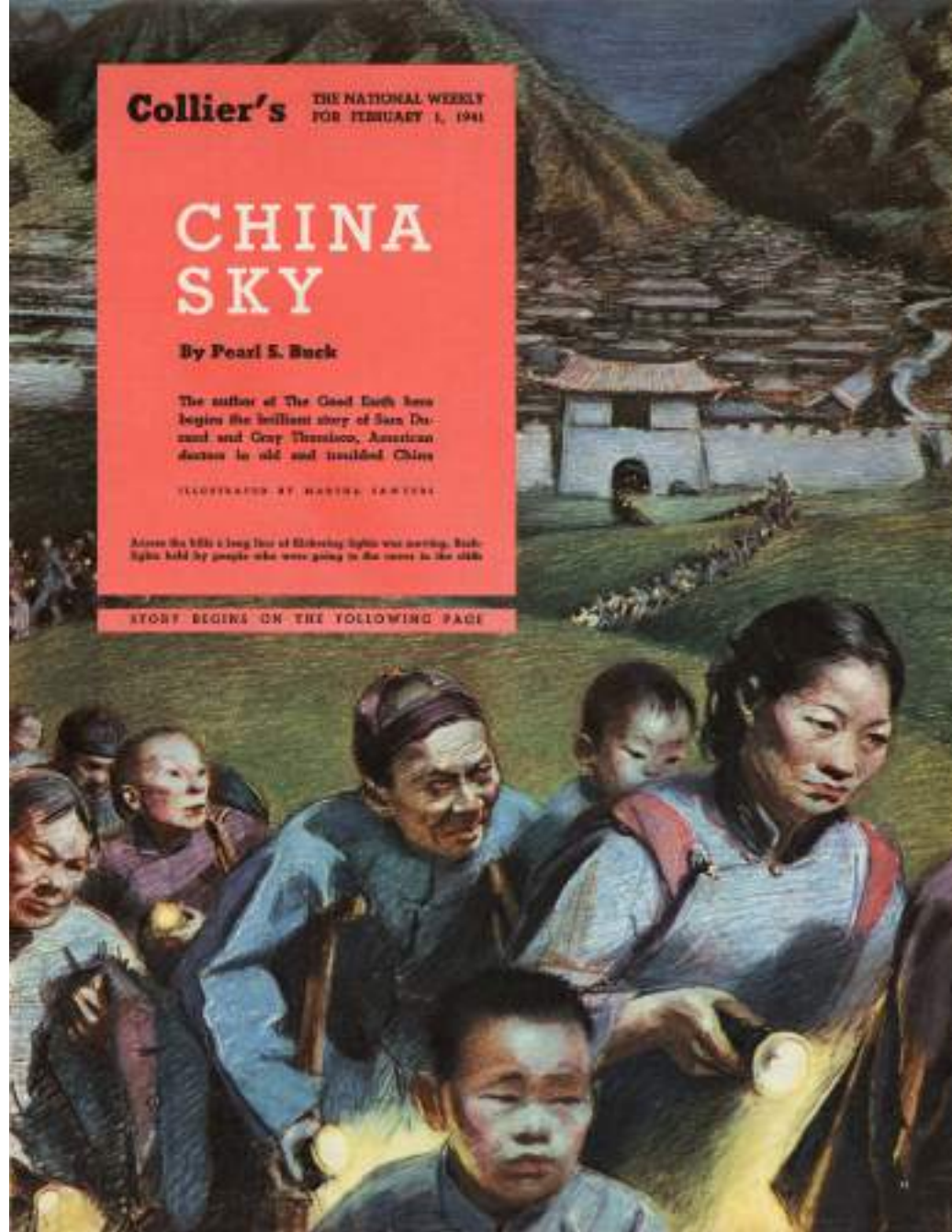
This French Foreign Legionnaire is 6 feet 4 inches tall. The artist is a man 5 feet. He refused to pose. Miss Sawyer begged him. Finally, he followed her blindly, a sort of work-looking from behind a screen. He sat silent and moved, refused to give his name.



Then they picked the pale-
est child, helped on all
the to her by the hands
and slipped her gently
over the rail to forward.

Martha Sawyers:
reportagem visual
como artista-
correspondente, "The
Face of China", Collier's,
1945.

Acima, ilustração para
"Taboo in Samoa",
Collier's, 1940.



Martha Sawyers: capa e ilustração para a revista Collier's, 1941.

Kalamati is vain, as girls of 15 have a right to be. She came to the hospital with a flower in her hair. She posed for this portrait quickly and eagerly, hardly daring to breathe. When it was done, she stood behind the artist and pouted. "You have made me very beautiful," she said.

WOMEN IN SECLUSION

BY MARTHA SAWYERS

DRAWINGS BY THE AUTHOR

THE Indian word for female seclusion is "purdah." The Mohammedans brought the female purdah custom to India and the Hindus adopted it. This does not mean that all Indian women veil their faces in the presence of men. Many have been emancipated, more were educated to purdah in one form or another. But, still, it is still practiced to a varying degree. Consequently, when a woman becomes seriously ill, she must necessarily be treated in a hospital, "for women only."

Such an establishment is "Lado Hospital Medical College and Hospital," in Delhi. Built in 1916, it was named after the woman who inspired it. Funds were contributed by the princes and people of India. The nursing staff are Mad. & Englishwomen, but, for the most part, the operating personnel are Indian women.

The hospital, together with Society for 120 medical students and 100 nurses, and home for the medical teaching and training staff, occupy 50 acres in the heart of Delhi. Asiatic flying doctors were sent when the place was being built, none not welcomed. I had advantage of my own and, more readily found plenty of interesting material for drawings. Here were all classes of people from Brahmins to Harijans, living under one roof, and getting along much better than they are supposed to. I found Indians, Sikhs, Hindus and Christians, from Kashmir, Sindh, Mysore and even more remote corners of India. Their eyes tell of the caste religious, pregnancy and tuberculosis, but often lived in one woman.

Most of the patients were content about posing. To my astonishment, I was appointed a temporary member of the staff. They were told that having their pictures made was part of their therapy, and would help in diagnosing their illnesses. Therefore, I had no trouble.



In the medical college, Dr. Jagdish, 35, does a blood count. The specimen comes from the young lady at left. Her pregnancy has caused complications. A girl medical student lives to purdah, must furnish her own table linen, and must arrive at school equipped with three loaves for her noon



In four months, Mrs. Haktan Kad will have her third baby. She is twenty-five and lives with her husband and family in Delhi. She is proud of her olive complexion and her nose. The black tattooings on her stomach are marks of beauty. As Mrs. Sawyer painted her picture, she thought the artist was diagnosing her case and asked many questions

Mrs. Baidan is 50, has three grown children. She lives in a village 60 miles from Delhi and came to the hospital with what she called a "cough." She lives in purdah with the eyes always over her face. She studied this portrait and said, "I have looked in the mirror enough to know that this is the way I look."

MARTHA SAWYERS
DELHI - INDIA -

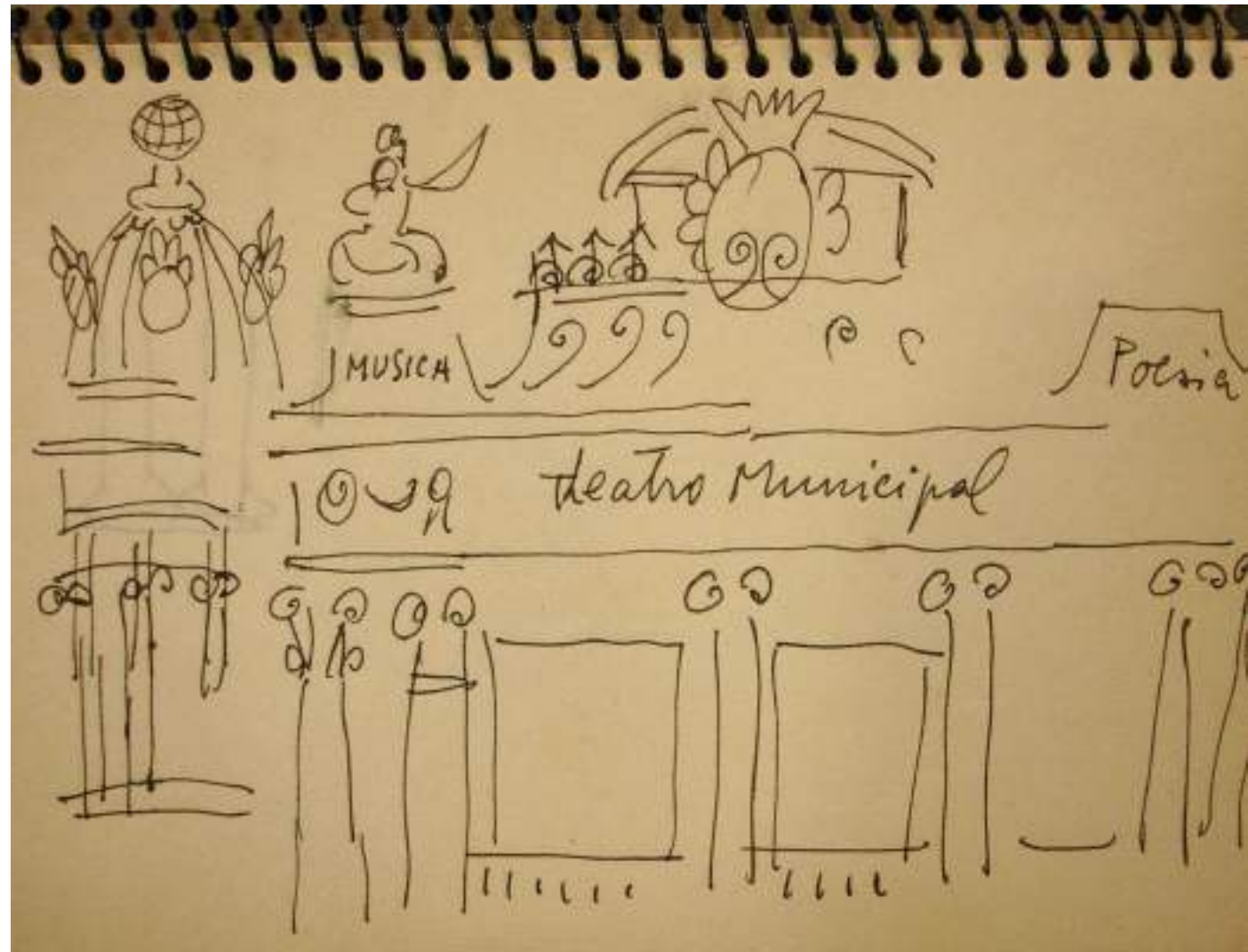
MARTHA SAWYERS - DELHI, INDIA

Martha
Sawyers:
ilustrações
para a
Collier's,
"Woman in
Seclusion",
1946.



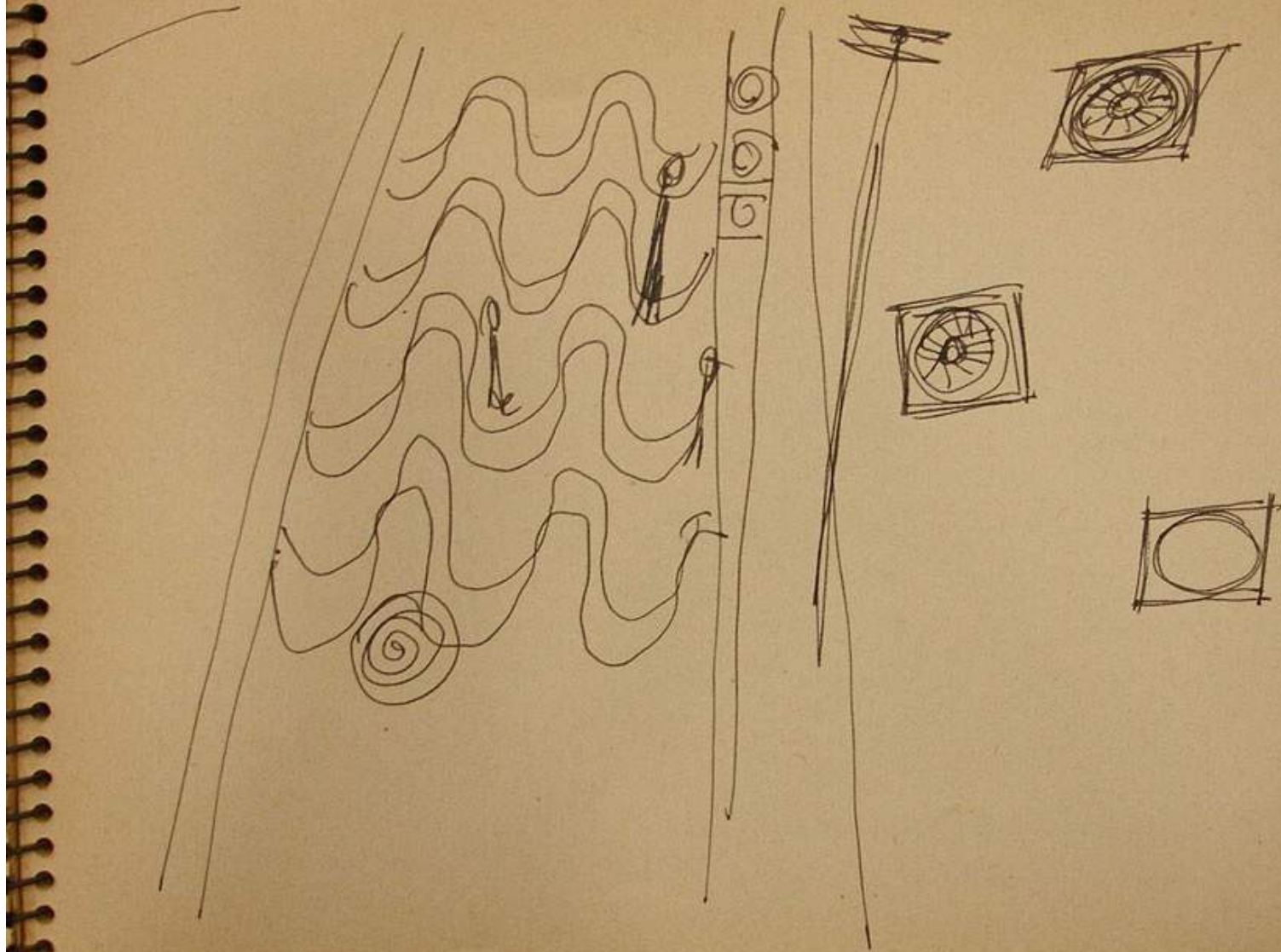
Acima, Saul Steinberg chegando no Brasil, foto publicada no O Jornal em 16 de setembro de 1952.

Ao lado, caderno de desenhos de Saul Steinberg com anotações e esboços feitos durante viagem no Brasil em 1952.



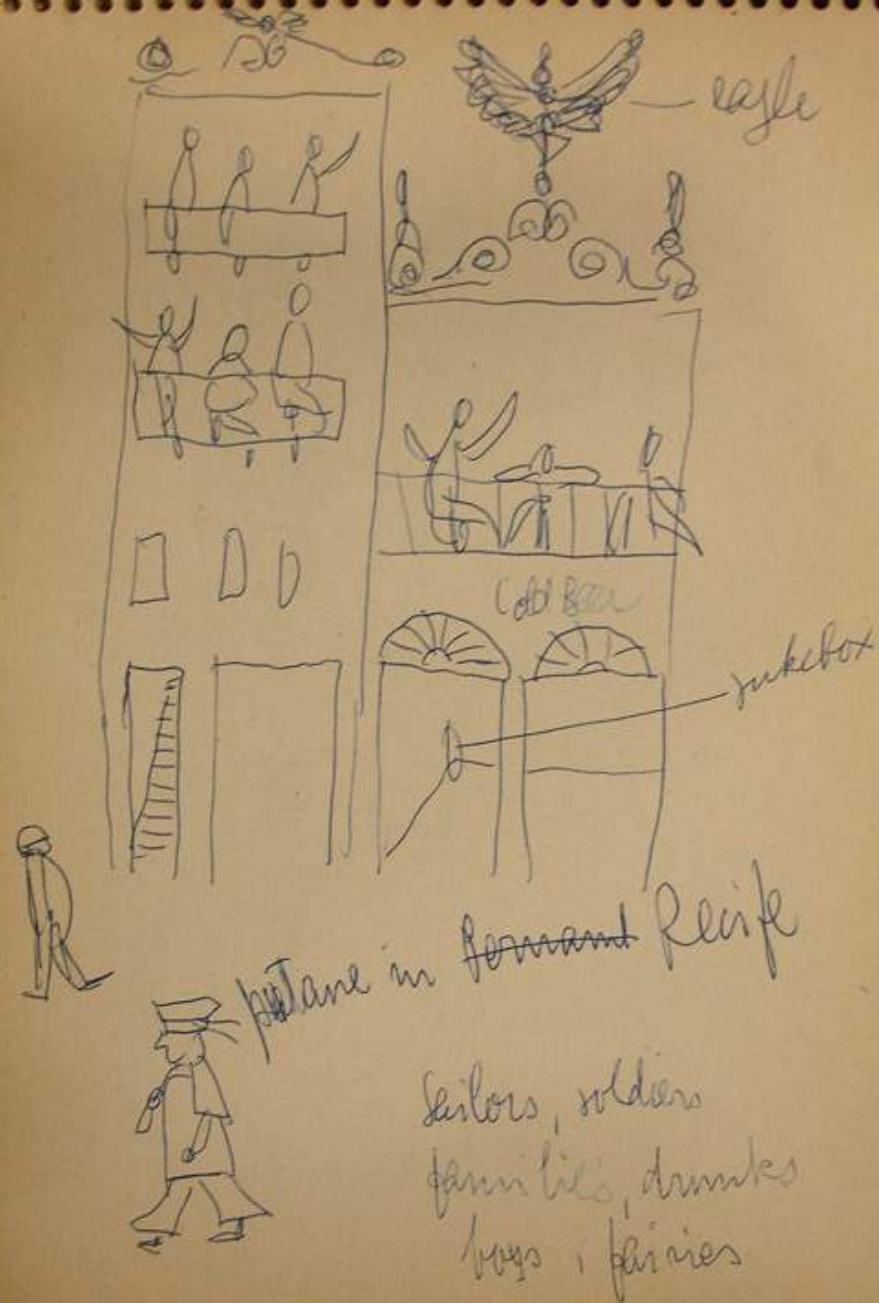


Cartão postal do
Theatro Municipal
do Rio de Janeiro
adquirido por Saul
Steinberg durante
viagem no Brasil em
1952.



Caderno de
desenhos de Saul
Steinberg com
anotações e
esboços feitos
durante viagem no
Brasil em 1952.

Ao lado, calçadão
de cidade brasileira.



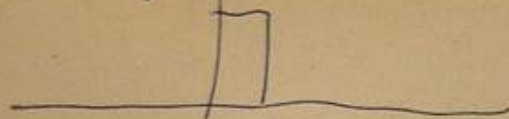
Caderno de
desenhos de Saul
Steinberg com
anotações e
esboços feitos
durante viagem no
Brasil em 1952.

Ao lado, desenhos
da cidade de Recife.

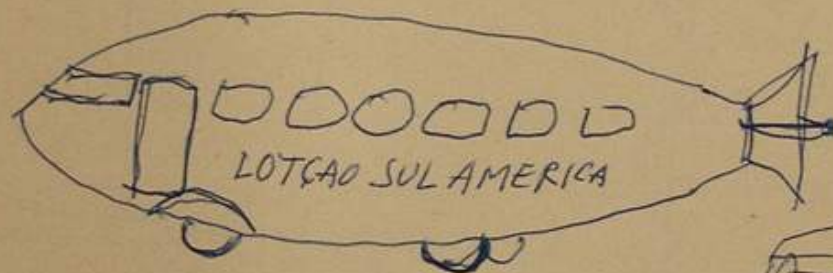


Cartão postal
de Manaus
adquirido por
Saul Steinberg
durante
viagem no
Brasil em
1952.

Grand Hotel



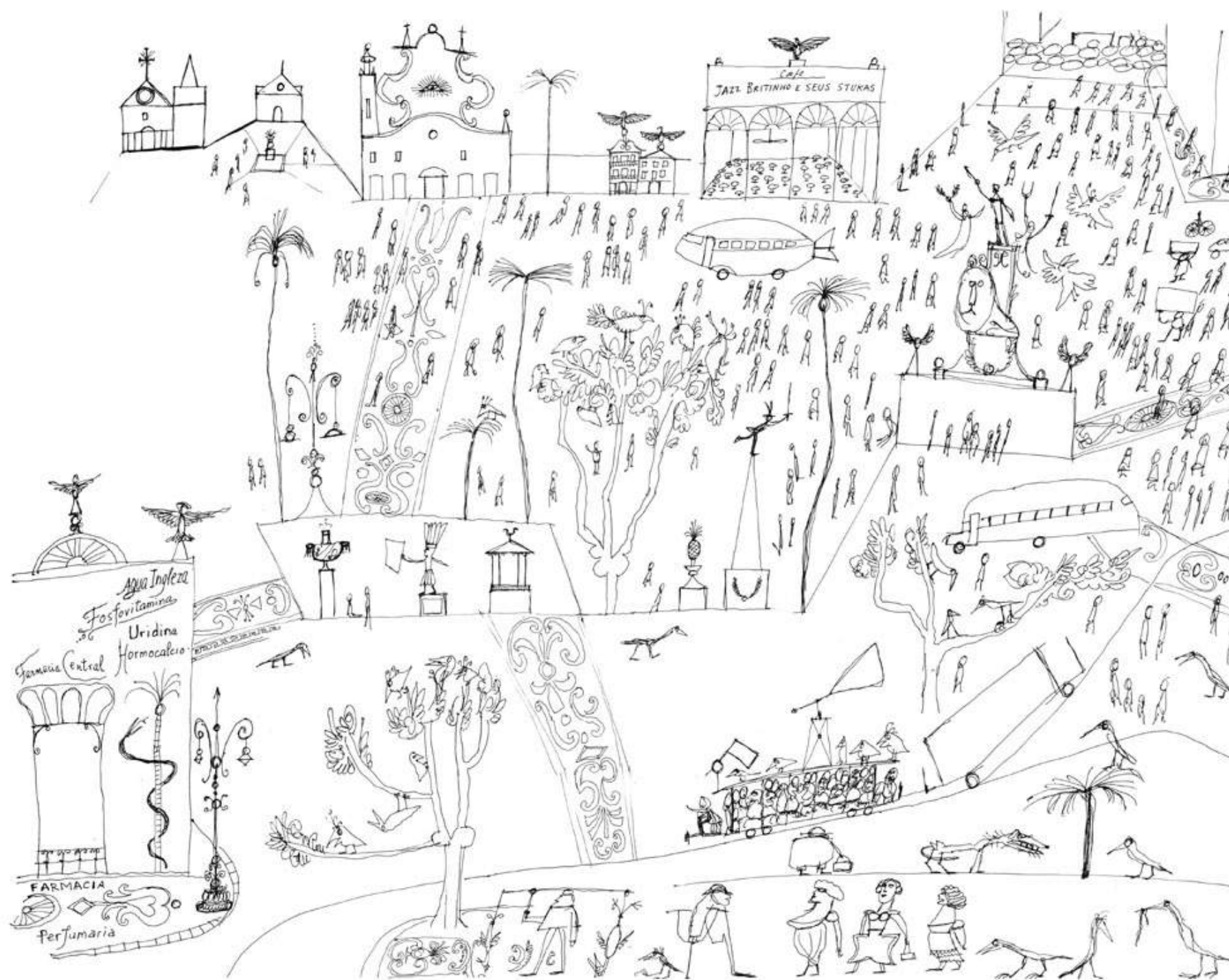
Belém



Sta Joana D'arc

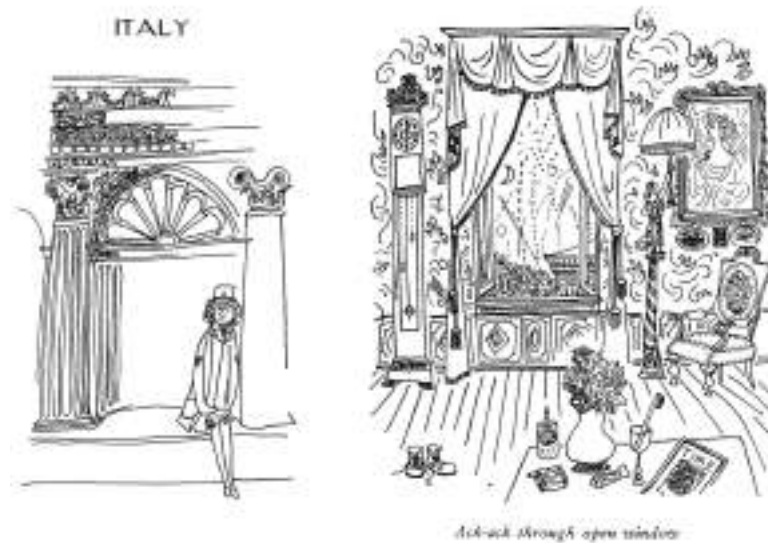
Caderno de
desenhos de Saul
Steinberg com
anotações e
esboços feitos
durante viagem no
Brasil em 1952.

Ao lado, desenhos
feitos na região
Norte do país.



Desenho apelidado
“Recife”
posteriormente
publicado em livro
The passport, 1954.

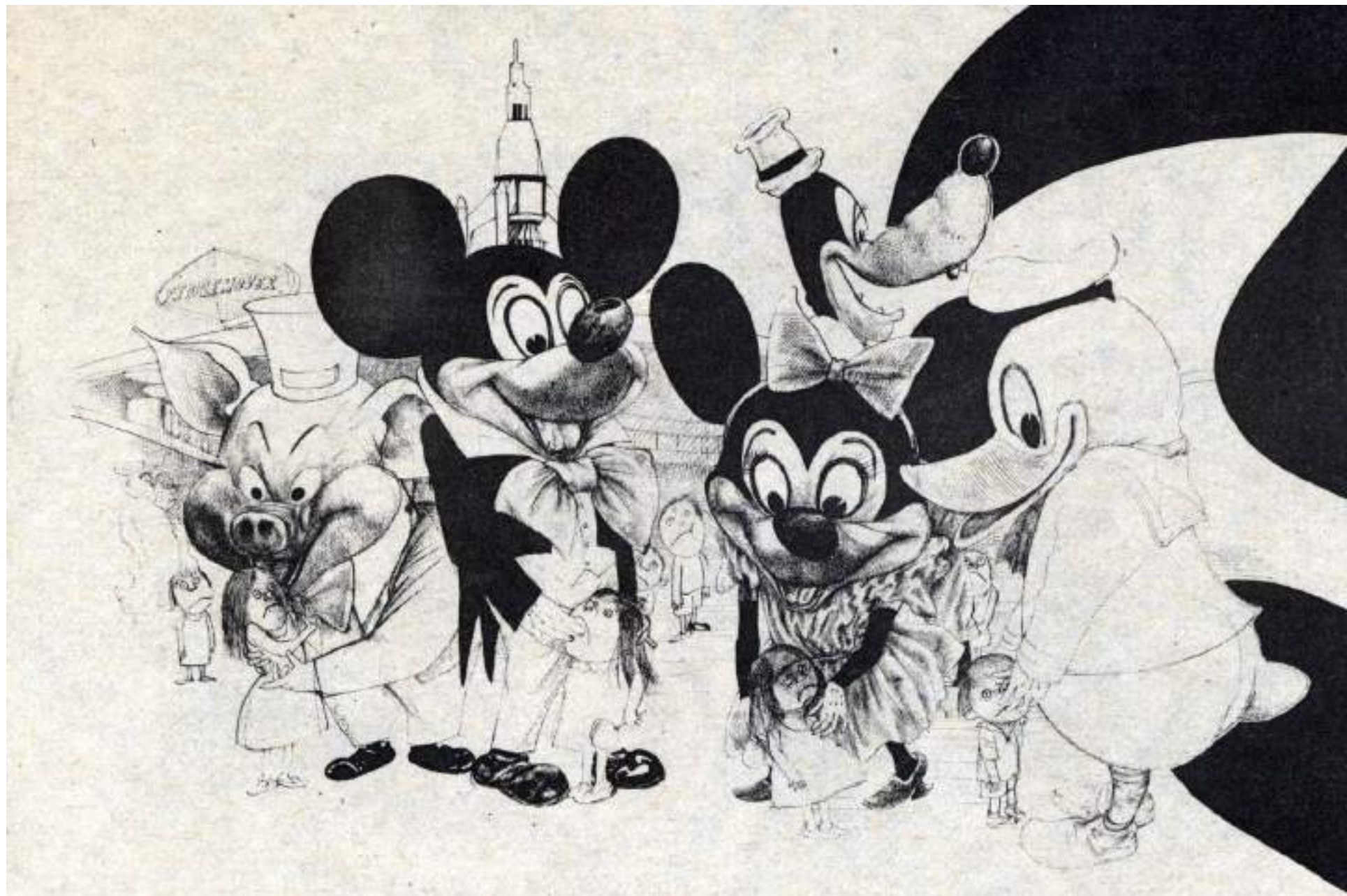
O desenho, feito
com caneta Bic, na
verdade reúne
inúmeros esboços
(redesenhados) das
cidades brasileiras
feito nos cadernos
de viagem.



Saul Steinberg: Portfólios sobre a guerra publicados em páginas duplas na revista The New Yorker.

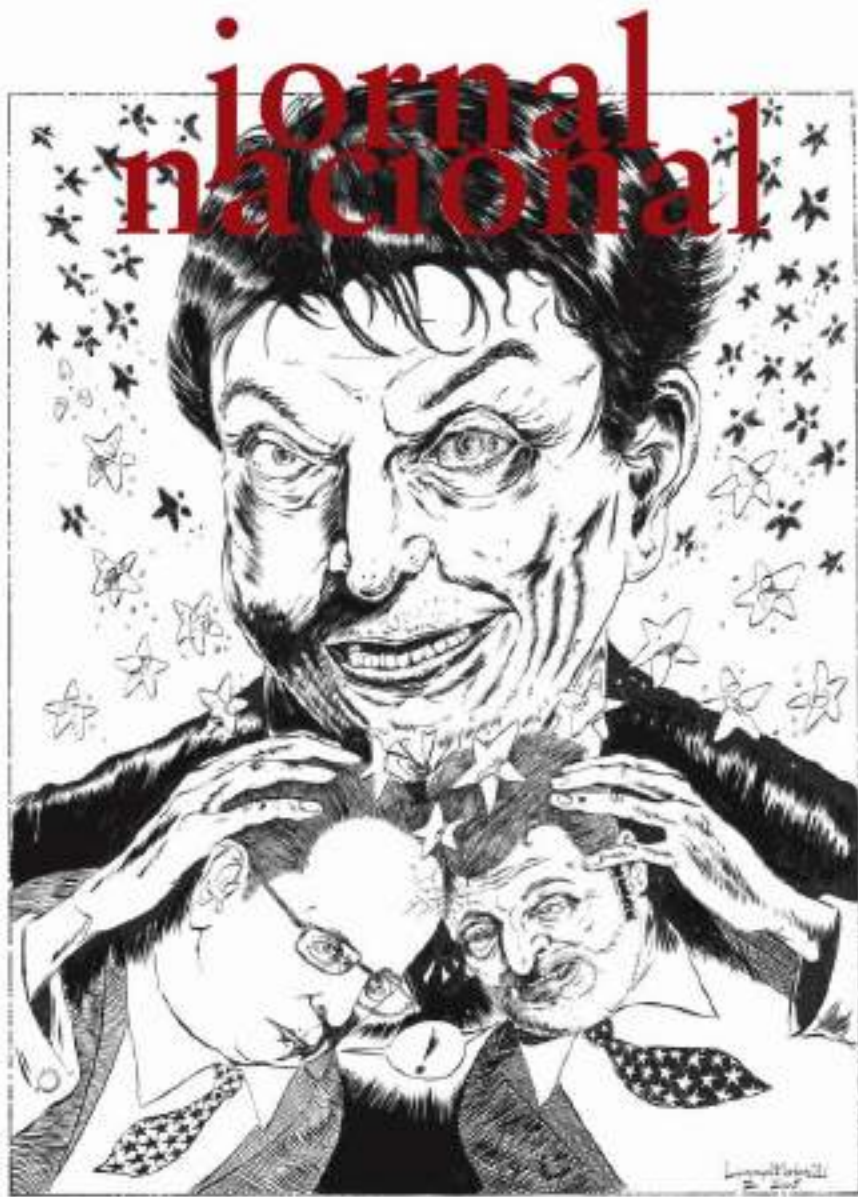


Imagem acima e próximas páginas: Ensaio criado por Ralph Steadman para a Rolling Stones em 1975.



Overheard in Disneyland Hotel Eating Lounge:
 "Well, how about a Blackberry Cocktail, Wayne?" "But I wanna Shirley Temple!"
 "I don't wanna Shirley Temple - I wanna Donald Duck Sandwich!" "Who asked
 you, George?" "I wanna fuzzy cocktail!"
 "Wrap it up, kids - Mickey Mouse may be listening. How about all having a Tom Sawyer? That's sounds
 real delicious - Single Braided Lamb Chop!" "Ugh. What's that?" "Heat! Hotpot!!!" "and then
 Smashed Potatoes - Bagnon Ice Slingshots!" "Whee! Slingshots!" "Ice Cream or Jello, milk or
 Snow White's Dream?" "Pff! Can I have a Rocket Jet Juice?" "No! They're fresh out of
 Rocket Jet Juice - why not have Moo Milk?"
 "Moo Milk's for kids - I wanna Monorail Cola!"
 "RIGHT FOLK'S - WHAT'LL IT BE?"
 "Oh, er - six straight Beefburgers, 4 Seven Ups and 2 iced
 coffees." "WILL THAT BE ALL, SIR?"
 "I think so."





Cobertura política não precisa ser maçante, como provou no Hunter Thompson em suas incursões pela Casa Branca. Em uma homenagem ao finado mestre do jornalismo gonzo, *Trip* despachou uma dupla inédita para Brasília no dia mais quente da política brasileira dos últimos anos – o dia da queda de Zé Dirceu. Apesar da linguagem variada tanto em texto como nas ilustrações exclusivas feitas *in loco* – milhas distantes do formato desgastado das revistas semanais e telejornais engravatados –, tudo aqui é verdade, a exemplo do mais fino *new journalism* norte-americano. Com vocês, direto da capital branca, o poder e suas tentações.

POR XICO SÁ [TEXTO] E LOURENÇO MUTARELLI [ILUSTRAÇÕES], DE BRASÍLIA

14/09/2005 10:00:00

"Ninguém sabia melhor se poderia se a respeito de um homem de que saber a natureza dos seus comportamentos de poder" [O Príncipe, de Maquiavel]



Se você quiser saber tudo o que há por trás da política, não se esqueça de ler o livro de Maquiavel, o príncipe dos príncipes, a obra que define o poder e a natureza dos seus comportamentos de poder. O Príncipe, de Maquiavel, é a obra que define o poder e a natureza dos seus comportamentos de poder. O Príncipe, de Maquiavel, é a obra que define o poder e a natureza dos seus comportamentos de poder.



Seu nome é Elton de Jesus, conhecido no mundo do Capital como...

A cidade onde houve o encontro...

Antes de chegar a Brasília, o Exaltado dos Heterodoxos, Elton de Jesus, já era conhecido no mundo do Capital como... O Príncipe, de Maquiavel, é a obra que define o poder e a natureza dos seus comportamentos de poder.

É uma história de amor, de política, de poder. O Príncipe, de Maquiavel, é a obra que define o poder e a natureza dos seus comportamentos de poder. O Príncipe, de Maquiavel, é a obra que define o poder e a natureza dos seus comportamentos de poder.

Se você quiser saber tudo o que há por trás da política, não se esqueça de ler o livro de Maquiavel, o príncipe dos príncipes, a obra que define o poder e a natureza dos seus comportamentos de poder.



Se você quiser saber tudo o que há por trás da política, não se esqueça de ler o livro de Maquiavel, o príncipe dos príncipes, a obra que define o poder e a natureza dos seus comportamentos de poder.

Se você quiser saber tudo o que há por trás da política, não se esqueça de ler o livro de Maquiavel, o príncipe dos príncipes, a obra que define o poder e a natureza dos seus comportamentos de poder.

Se você quiser saber tudo o que há por trás da política, não se esqueça de ler o livro de Maquiavel, o príncipe dos príncipes, a obra que define o poder e a natureza dos seus comportamentos de poder.

Se você quiser saber tudo o que há por trás da política, não se esqueça de ler o livro de Maquiavel, o príncipe dos príncipes, a obra que define o poder e a natureza dos seus comportamentos de poder.

Se você quiser saber tudo o que há por trás da política, não se esqueça de ler o livro de Maquiavel, o príncipe dos príncipes, a obra que define o poder e a natureza dos seus comportamentos de poder.

Se você quiser saber tudo o que há por trás da política, não se esqueça de ler o livro de Maquiavel, o príncipe dos príncipes, a obra que define o poder e a natureza dos seus comportamentos de poder.

Se você quiser saber tudo o que há por trás da política, não se esqueça de ler o livro de Maquiavel, o príncipe dos príncipes, a obra que define o poder e a natureza dos seus comportamentos de poder.

Se você quiser saber tudo o que há por trás da política, não se esqueça de ler o livro de Maquiavel, o príncipe dos príncipes, a obra que define o poder e a natureza dos seus comportamentos de poder.

Se você quiser saber tudo o que há por trás da política, não se esqueça de ler o livro de Maquiavel, o príncipe dos príncipes, a obra que define o poder e a natureza dos seus comportamentos de poder.

Se você quiser saber tudo o que há por trás da política, não se esqueça de ler o livro de Maquiavel, o príncipe dos príncipes, a obra que define o poder e a natureza dos seus comportamentos de poder.



Texto de Xico Sá, desenhos de Lourenço Mutarelli: "Jornal Nacional" (essa e as próximas páginas), reportagem sobre Brasília, revista Trip, 2005.

da outra. "Toda a plateia, você não vê a torre..." Hino oficial de **Brasil**.

O "Sincron" leve. Dois angolanos tiram uma onda de personal snobism para as noções **Murarelli** escolhe um ângulo e começa a desenhá-las para, as meninas que fazem isso explícito no cine pornô. Ninguém ali fala em murarelli ou qualquer outro palavrão oficial. E repare que aquela sacanagem fica colada às sacanagens do poder. Quase na Implanada dos Ministérios, penúltimo do Congresso.

"Isso aqui é caso de família em comparação com o que acontece lá nos gabinetes dos ministros e dos deputados", diz o velho Cid. No balcão, o polígrafo Luciano Santos, de 21 anos, me mostra a foto da noiva. Está encheando a cara e quase chorando. Foi na bunda bem dada. "Doe de como", ele mesmo ri dele mesmo. "Essa porta zum passa com recheio noiturno, só com cachaca." Mais um, garçom.

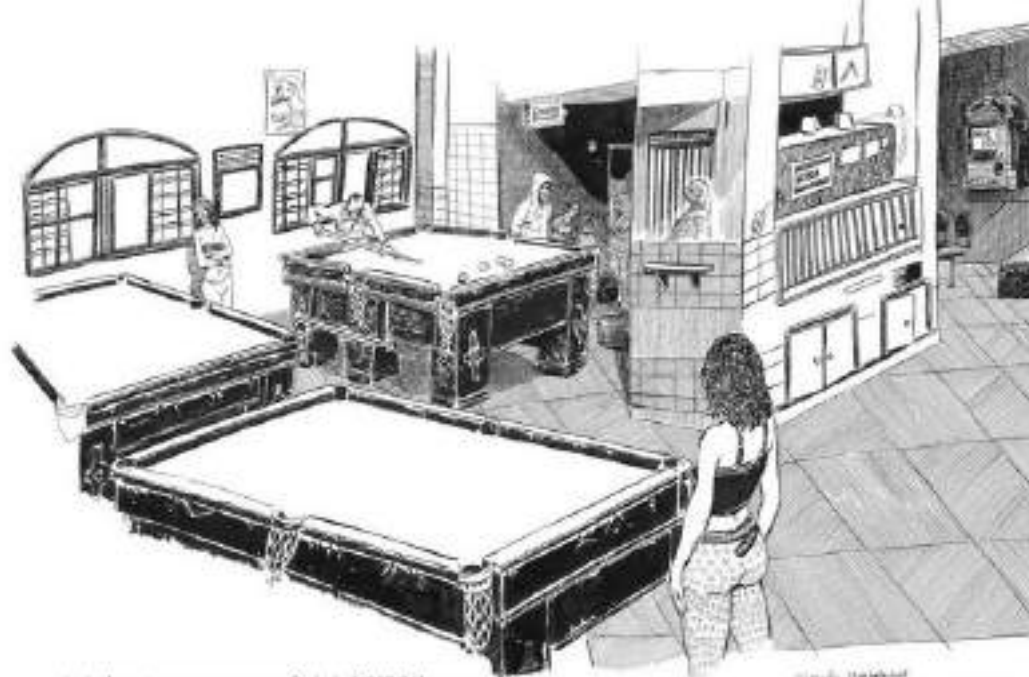
Um dos angolanos vai fiscalizar o caderno de desenhos de **Murarelli**. Manda apagar um personagem que achava que fosse ele. Nem era, mas estava. Procurado pela polícia, não pode dar as caras por aí. Olha folha por folha do caderno. Só um braço do rapaz era mais forte que **Murarelli** mesmo. Nosso ilustrador põe um cabelo diferente ao personagem que o angolano achava que era ele. Ai todo bent, belê. O perigo era o cara querer rasgar o caderno, o que acabou não ocorrendo, por felicidade geral dos leitores dessa revista.

Os angolanos, na real, eram michês. "Eu todo o ano mulher e você fica olhando, vamos fazer uma festinha", depois um deles a mim, que nem mulher tinha ali.

Sexta-feira, 17, Palácio do Marulho - day after

A crise vicia.

Zé Dirceu, já na pele de um simples deputado, vai para São Paulo, onde se notabilizou por montar o que era chamado na Assembleia Legislativa de "máquina de denúncias". Nunca um gabinete parlamentar denunciava tantos casos de corrupção.



principalmente contra o governo Collor [1989-91], como o do poema que agora se vê na condição de caça.

O ar de **Brasil** está mesmo ruim, embora o gente ainda sinta o cheiro do ralo.

O "acrobata" decola da base aérea rumo ao sul do país. Não era cinema, porém, uma semana para o "Sapo Barbado" que virou príncipe. O meu tempo dissoluiu-se o artigo presidencial. Só faltava mesmo essa parte. Não foi em que encontramos uma multidão de pelo menos 5.000 pessoas ligadas à agricultura familiar em Santa Catarina. Uma multidão que o aplaudia, por causa dos recursos públicos que irrigam as suas terras. O encontro havia sido estrategicamente planejado para aliviar a batida do governo. Um "factide", como se define no discurso político esse tipo de acontecimento fofoado.

Com a parte, e impossibilidade de atender, o "acrobata", em vez do caminho da rua, tomou o caminho de volta ao cenário da crise. O cheiro do ralo.

Murarelli e este farejador que vos narra livros estão pausar a tarde com o presidente no Palácio do Marulho. "Café, água?", nos perguntava a cada minuto o batalhão de garçons e secretárias. Um garçom são do café, outros são apenas da água. Tudo em **Brasil** é por sete, certo falamos. Sete do café, sete da água. Em poucos minutos já haviamos tomado uns 300 cafés e umas 300 águas. Também não somos de rejeitar aquilo que é pago pelos nossos bofes.

No terceiro piso, Lulu procura encontrar o substituto do conquistador "Zé", como era Dirceu. Enquanto passeávamos ali na frente do seu protegido gabinete, repleto de seguranças e homens tanto do café como da água, o presidente fechava com Dilma Rousseff, ex-ministra das Minas e Energia, ex-garçoneira, para ocupar a vaga deixada na Casa Cid.

No quarto andar, a sala do ex-ministro que voltava a ser deputado só tinha a presença da turma do café e da água. O supergabinete do homem



10:40 AM
17/10/2011



Se não se ficar comprometido o que está falando – mesmo – vamos ser que tomar alguma providência nesse sentido. Mas depois das investigações. E se tiver prova.

Trip Com esse comportamento todo do Congresso, o sr. acha que pode haver mesmo cassação?

Severino No que depende de mim, a coisa é séria. E se for pro senador embora deputado a gente manda mandar. Quando eu era da Corregedoria da casa fui responsável a casar um bocado, um tá lembrado?

[Refere-se ao escândalo da compra de votos para a eleição do presidente Fernando Henrique Cardoso, em abril de 1997.]

Trip O sr. se acha folclórico como pintam na imprensa ou não vê graça nisso?

Severino Folclórico é bumba-meu-boi, papanga, essas coisas... Eu sou respeitado, presidente do Congresso do meu país.

Trip Deputado, por obediência, sinto só o cheiro agora?

Severino Lá vem você de novo com isso...

Trip Cheiro de mensulão, deputado.

Severino E quem disse que dinheiro fede?

Trip Nem dinheiro sujo, deputado?

Severino Concretíssimo, me dê licença, outra hora passe aqui que a gente continua a conversa.

Fleiteiro da Câmara dos Deputados. Pega-pinga de discursos contra e a favor do governo. "Casei sete na Corregedoria, no caso da compra de votos". Severino agora fala na tribuna. José Carlos Aleluia (PFL-BA) reclama de um dinheiro aprovado pelo governo destinado à Escola de Samba da Mangueira. Fleury (PTB), ex-governador paulista acusado pela chafina dos TLE pro-eto do Carandiru, critica o uso exagerado de algumas empresas de pessoas "de bem" detidas pela Polícia Militar. Refere-se aos empresários e executivos da Semcarfariol que haviam sido recolhidos pela PF na chamada "Operação Corado".

Quanto andar do Palácio do Planalto. Tarde de quinta, 15. A quinta é conhecida no poder como o dia oficial dos boatos. Nesta semana quente, então... Zé já aceita e vai sair com o velho companheiro Lula. O contrô da imprensa, onde ficam os secretários – tudo em Brasília é por setor mesmo –, está agitado. A queda anunciada, mas ninguém dá a informação oficialmente. Até que aparece o próprio Zé, no comitê da noite, para dizer a todos de corpo presente com todos os seus rir de homem do interior.

"Lula não quer que a fama se alaste para o gabinete dele", disse "Jeff", como estava sendo chamado pelos amigos, à Trip, naquela mesma noite. Conheço bem Jefferson desde os tempos do Colégio. Era da chamada "tropa de choque" do presidente cassado, inimigo

mortal da mesma PT com quem fechou aliança durante o atual governo Lula.

Trip Que cheiro é esse, deputado?, repete a pergunta para o homem que se divertia jogando runda parlamentar no ventilador naquela semana quente.

Jeff "Ora, Brasília hoje cheira a mensulão e a Delúbio", responde, sorriso de canto a canto por causa da despedida de Zé Dirceu.

Horas depois, Jefferson recebeu colegas parlamentares do PTB para uma reunião. Antes de dormir, contou que viu o filme *O Homem que Sabia Dançar*, de 1956, de Alfred Hitchcock. "Não é piada, é sério mesmo", alertou.

No meio da tempestade, Jefferson confessou a amigos que tentou sofrer algum atentado. "O meu cadáver interessa a muita gente nessa hora", supriu a um colega de bancada no Congresso.

Que cheiro é esse?

"Cidade estranha essa, você só vê fachada e canto, a arquitetura engole as pessoas." Era o ilustre autor destas páginas, Lourenço Mutarelli, autor de nada mais, nada menos do que o livro *O Cheiro do Ralo*, que chegava no hotel Eron, onde ficaram hospedados. Primeira visita a Brasília, primeira vez que vestia um ternão, primeira gravata. Haja elegância na mesa de grã-mesa da mídia brasileira.

Uma cerveja antes da notada para ficar pensando melhor. No restau-



rante japonês, vários assessores do governo e de deputados petistas. Eles parecem bem aborrecidos com a saída de Zé Dirceu do quarto andar do Planalto. Uô!

Flanando pela Asa Sul do arvore que é Brasília. A noite da queda está animada. O Depósito de Bebidas Navi, um bar improvisado no meio de grades e mais grades de cerveja, é um raro lugar na cidade onde é permitido fumar. Por isso está lotado de gente de todos os escalões da República. Fumar no Plano Piloto, onde fica o centro do poder federal, é proibido por lei. Não há acordo. Os restaurantes não têm áreas para fumantes. Proibido. E pronto.

Uma da manhã e a noite está apenas começando no Corão, o salão de diversões sul, onde igrejas evangélicas e pastores dividem o mesmo espaço desenhado por Oscar Niemeyer. Oô – "oi" Cid mesmo, sem silêncio por favor" – é o novo guia na putaria. Ele mora atrás da tela do Rito, o cinema pornô, onde ajuda na administração. Veio do Rio Grande do Norte há cinco anos, depois de estudar na cidade, dormindo pelas colchadas, encontrou abrigo. "Cadê que os evangélicos me deram um lugar, um emprego, o que encontrei de bom foi aqui entre as putas", discursa.

O Snooder Sunset Ltda., mais conhecida como "Sinuário", é o ponto da madrugada numa capital que fecha as portas muito cedo – depois de uma da manhã é difícil encontrar bares e restaurantes abertos em Brasília.

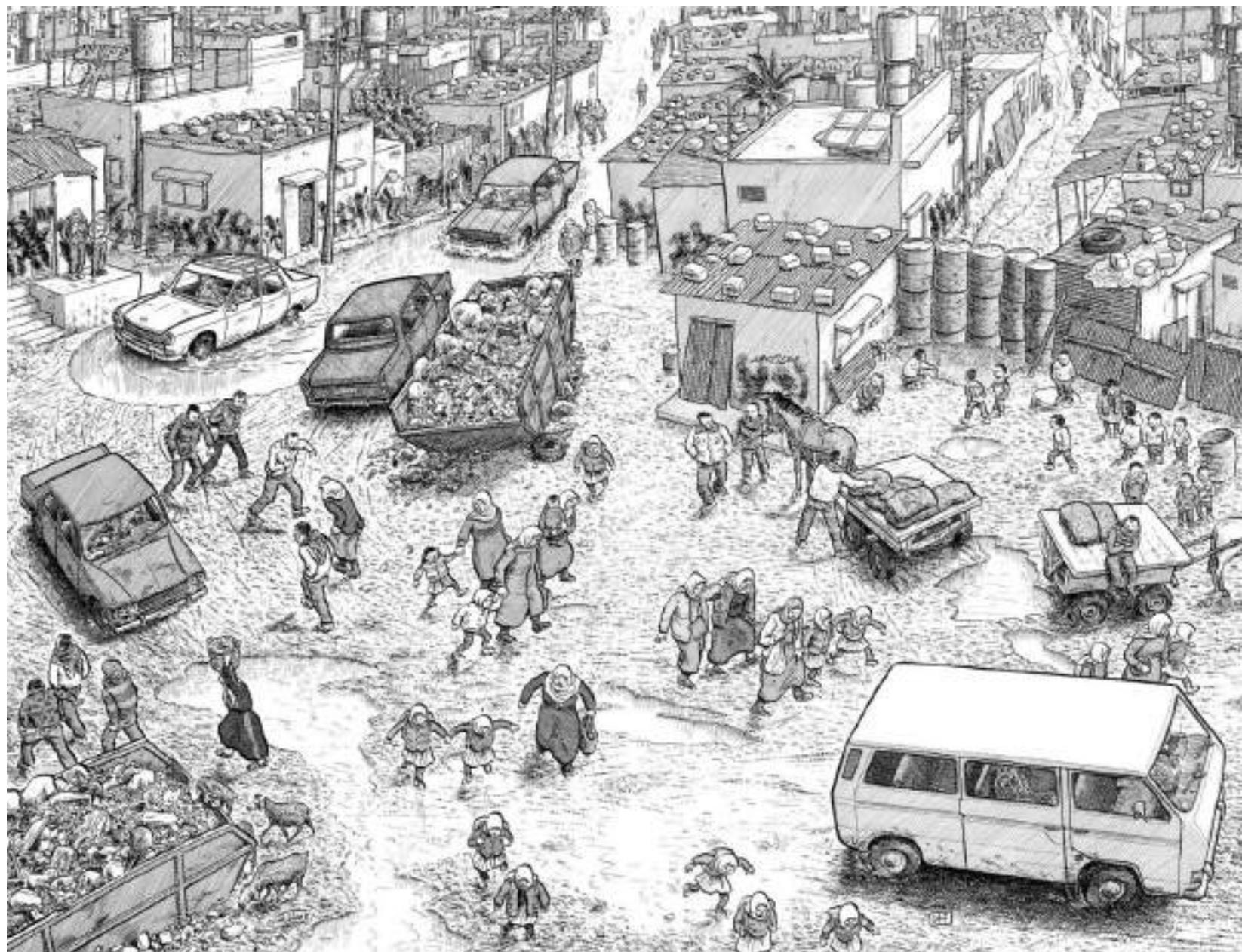
Depois do fleiteiro, animado boteco que reúne as tribos mais loucas, só resta com mais ou menos seis mesas de sinuca e uma máquina de fichas (jokebox) com 319 CDs para embalar a notada. Trezentos e dez CDs mas parece que só resta Renato Russo. Uma atrás





Texto de Xico Sá,
desenhos de
Lourenço Mutarelli:
“Jornal Nacional”
revista Trip, 2005.

ottelo 18 Junho 2005
4:00 AM



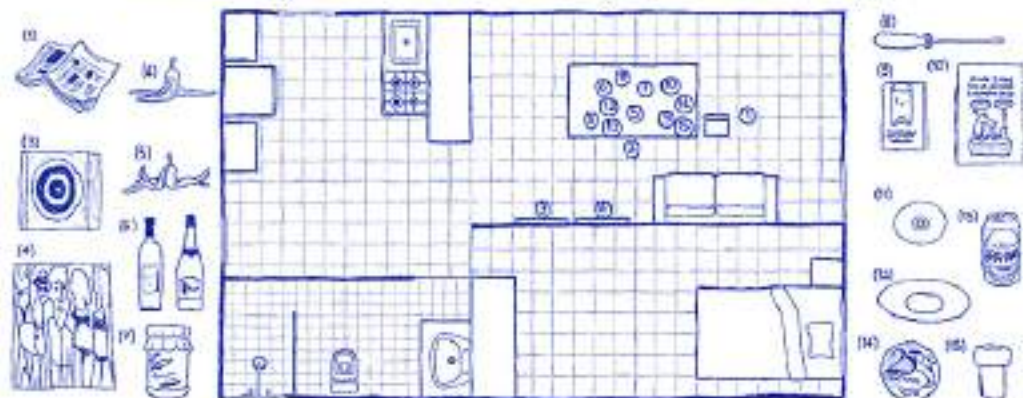
Joe Sacco: páginas da história em quadrinhos Palestina, 1993.

Peréio continua com acento

Análise de Souza



A CASA DE PAULO CESAR PERÉIO PARECE UM CENÁRIO MILIMETRICAMENTE CALCULADO E PLANEJADO PARA SER A CASA DAQUELE QUE É O ARTISTA QUE FEZ MAIS DE SESENTA FILMES E PEÇAS DE TEATRO, TRABALHOU COM DIRETORES COMO GLAUBER ROCHA, ARNALDO JABOR E RUY GUERRA, EMBORA SEJA MAIS CONHECIDO POR SUA PERSONALIDADE ENGRAÇADA E ROBUSTA. OU SEJA É UMA ZONA. NA SALA, HÁ JORNAIS DE VÁRIOS DIAS ESPALHADOS PELO CHÃO (1) E TAMBÉM CASCAS DE BANANA (2). NAS PAREDES, UM QUADRO FEITO POR LARA VELHO, SUA FILHA MAIS VELHA (3), E OUTRO, POR MÁRIO CARNEIRO (4), DIRETOR DO FILME GORDOS E MAGROS. NA MESA, MAIS CASCAS DE BANANA (5), DUAS GARRAFAS DE VINHO (6), PIMENTA EM POTE (7), UMA CHAVE DE FENDA (8), UM MAÇO DE CIGARROS DERBY (9), O LIVRO ASSIM RASTEJA A HUMANIDADE, DO ALLAN SIEBER (10), UM CD DE MÚSICA CLÁSSICA (11), UM PRES (12), UMA LATA VAZIA (13), UMA MOEDA DE 25 CENTAVOS (14) E UMA ROLHA SOLTA (15).



André de Souza:
reportagem em HQ sobre o ator Peréio, revista Piauí.

QUE CANTA

No sul da Amazônia, o Parque Estadual Cristalino abriga um hotel especial e o maior templo de observação de pássaros do país – um refúgio para apaixonados pelas melodias de 600 espécies de aves

FLORESTA



UMA ILUSTRAÇÃO DE ZÉ OTÁVIO PARA A REVISTA ITAÚ PERSONALITÉ. O TÍTULO É DE ZÉ OTÁVIO, DE ABA FLORESTA.

Zé Otávio: “A Floresta que canta” (essa e próximas páginas), reportagem visual sobre pássaros da Amazônia, revista Itaú Personalité.

Ganhe uma diária no Cristalino

Quem quiser está bem servido em Quilombo do Cristalino

O Cristalino Lindo foi parte dos Dançons Resonância, uma seleção de hotéis e restaurantes onde os hóspedes ganham uma diária. Na baixa temporada (de maio a outubro), a casa oferece de uma a duas diárias grátis, e também oferece uma diária complementar. Na alta temporada (de novembro a fevereiro), a cada reserva de pelo menos duas diárias, o cliente recebe uma diária complementar. Já na alta temporada (de março a maio), a cada reserva de pelo menos duas diárias, o cliente recebe uma diária complementar. Já na alta temporada (de março a maio), a cada reserva de pelo menos duas diárias, o cliente recebe uma diária complementar.

Quilombo do Cristalino Lindo
Rua do Cristalino, 100 - Quilombo do Cristalino, 100 - Quilombo do Cristalino, 100

O CRISTALINO ENTROU NA ROTA INTERNACIONAL DOS AMANTES DE PÁSSAROS

Observar animais em uma mata tão densa requer paciência. As árvores e cipós gigantes, de 20, 30, 40 metros de altura, parecem isolar o visitante. Mas não falta foco para a maioria dos hóspedes do Cristalino: 90% deles estrangeiros. Mesmo fora do circuito turístico da Amazônia, que fica ao norte, no estado de Manaus e Belém, o Cristalino faz parte Alta Floresta na rota internacional dos apaixonados por aves. "Os bandos de beldes ficam na mata, mas voltam pro quarto", diz Yvênia, à noite no hotel, enquanto espera mais uma conexão de transmissão ser usada na hora do ar livre.

Que ninguém espere televisão, ar-condicionado, frigobar por ali. O wi-fi, a adega de vinhos e a horta orgânica própria já são luxos surpreendentes nesse meio de nada, a que se chega depois de mar e hora desde Curitiba e de radar

nessa hora por terra e mais hora de boia a partir. A proposta aqui é interação absoluta com a Amazônia. Uma interação que pode ser assustadora.

RUGIDOS NA MATA

Durante um passeio, dois de cada com uma dezena de quilômetros, os percursos são feitos. Na trilha das neblinas, não dá para fugir do medo. E as beldes fazem um barulho ensurdecedor, especialmente o ruído do bater das asas quando percebem alguém por perto. Felizmente é possível subir em uma pequena torre para vê-las de cima, enquanto os visitantes em um barulho. O rugido não é assustador, porém, é o ruído do bater das asas quando percebem alguém por perto. Felizmente é possível subir em uma pequena torre para vê-las de cima, enquanto os visitantes em um barulho.

Os primeiros estão por toda parte do Cristalino - e o maior dos prazeres acontece quando avisto o primeiro

aranta-de-cara-branca, que só existe nessa região. Ele aparece na trilha de acesso à castanheira, uma árvore de 40 metros e estimadas 800 anos que precisa de 10 pessoas para abraçar seu tronco. Três ararás e alguns jacarés de dentes afiados dão as caras no último passeio, quando vamos curtir o pôr do sol no ponto onde as águas formam - e morrem - dentro das Telas. Fries encontram as seguras - e frias - do Cristalino. Você ainda não viu o arapari-culpa, uma pena. Mas comê-lo, só o felix, na grande floresta, comê-lo uma infeliz inspiração e vi esta ante nada ou que ninguém mais via. Presença do Barroca que canta ■

Quilombo do Cristalino Lindo



“A cada 11 meses desde 1989, trouxe 350 alunos e quatro estagiários para cá”, diz o professor alemão Rainer Fiedler, da Universidade de Tübingen, desta vez coordenando um grupo de 23 estudantes na floresta.

Enfrentando o mistério de tanta fascinação ao ar livre, no amareloceiro sapão, os 340 degraus até o topo da uma das torres de observação, erguida em 2000 como a primeira para fins turísticos no país. Depois de acordar às 5 horas e fazer a trilha no escuro, com lanterna, resolvido para não entrar a crita que alguns hóspedes viram na lanterna da noite anterior, me vejo acima do dossel da floresta.

CONVERSA COM PASSARINHOS

O vapor da selva flutua em forma de bruma e embosca e pichugos ao encontrar as cores quentes da vida, enquanto a possibilidade desperta e começa a algararia. Tem pupação, nocaço, salta e

corria pequena bolozas que nosso bivalculo e clausura perseguem. O gaia Jorge Lopez, um ex-garçom que viu o Cristão nascer como um acampamento nístico duas décadas atrás e viveu um emblema autodidato, orienta meus olhos e ouvidos. Seu pessoal é profissional, um híbrido que indo com menos de US\$ 2.000, uma lanterna que aumenta 30 vezes o objeto mirado, uma lanterna a laser e uma câmera fotográfica com teleobjetiva de 300 milímetros para trazer o raro garfido-real para 3 centímetros à frente do meu nariz.

De repente, Jorge tira da cartucheira um iPod com amplificador que reproduz o som de 418 pássaros. Ele toca, a ave escuta e canta de volta, às vezes se aproximando. Mais diferente é quando o próprio gaia dispara o som com a boca. Então é que o passarinho responde?

A orquestra da mata

Conheça algumas das 400 espécies de aves catalogadas no Parque Estadual Cristalino

Anjo-real (Pipilo maculatus)
Silencioso, vive nas bordas, tem como característica marcante a falta de canto. Vozes de outros sons.

Garfido-real (Myiozetetes similis)
Voa a 30 km/h e faz o ruído de um motor. Como outras garfidas, come insetos e sementes.

Toropé-de-boa-fortuna (Myiophobus virens)
Exclusivo do Cristalino, vive a menos de 2 metros do chão e nos terrenos.

Semana-de-pesquisa (Tijerina semipalmata)
Com uma das maiores pescoços do Brasil, costuma pichar-se em fogueiras para chamar atenção dos visitantes.

Arrebitado-real (Tijerina semipalmata)
Residente no topo da mata, é um especialista de comensal, que come e se alimenta de lixo.

Arrebitado-pesqueiro (Tijerina semipalmata)
O ruído de um motor, é uma espécie que vive a menos de 2 metros do chão e nos terrenos.

Jaca-real (Myiophobus virens)
Bom, é um belo bico que faz um som de motor. Se quiser ver, há fotografado por cima do Cristalino.

Arrebitado (Myiophobus virens)
Da família dos papagaios, ele é uma espécie que vive a menos de 2 metros do chão e nos terrenos.

Capitão-de-crista (Ceryle alcyon)
Faz o ruído de um motor, é uma espécie que vive a menos de 2 metros do chão e nos terrenos.



Um casal de araras-verdes e outras aves voa sobre a ilha cabocla, morada dos donos do bungalow. Há água em todos os pontos da ilha e biquês nadam como peixes à procura de comida. As águas negras e lamacentas da várzea voltam a ser praticamente virgens. Mirando para o alto em busca de belas tuacas-ara-carimandins, depois a noturno-bicho que mora os 60 metros de largura do rio, uma anta!

Pac duas horas que vemos absolutamente sorriem no sereno Cristalino, no segundo dos rios cinco a dez quilômetros da Amazônia.

SANTUÁRIO

O sol já esmorece e o fim de tarde de Cristalino. Desde quando a vista de

voltou ao pier flutuante da Cristalino Lodge, um hotel de selva isolado no município de Alta Floresta, no norte do Mato Grosso. “Kai, via muito Michael!” A pergunta do Sr. Orléio, meu colega de viagem que me espera descrevendo as imagens que mostram esta reportagem, é a mais adequada de todo fim de passeio.

Os hóspedes dos 18 bangalôs sempre voltam do rio, das duas torres de observação com 50 metros de altura e das trilhas (só 30 quilômetros no total) compartilhando a experiência de ver não só as paisagens que abundam em Cristalino como o melhor cenário de observação de aves do país, e também macaças, jacarés, capivaras.

Quando comecei sobre a anta que encontramos mais cedo, fico sabendo que, antes de o fundador ativar a floresta e o município de Alta Floresta,

OS 18 BANGALÔS GARANTEM CONFORTO PARA CURTIR A EXPERIÊNCIA NA SELVA

em 1976, o Cristalino era chamado de rio das Araras. É Vitoria da Silva, filha de Arlindo, uma empresária de 71 anos, que me conta a história toda.

Nos anos 1980, ao criar o Cristalino Lodge dentro de uma reserva particular de proteção ambiental, com mais de 11 mil hectares, Vitoria se tornou pioneira no Brasil a investir no turismo sustentável. Em 2000, ela funda com o Parque Estadual Cristalino, com 188 mil hectares (ou seja, equivalente a 250 campos de futebol). “Me apaixonei por este lugar porque vai a heterogeneidade e biodiversidade das riquezas naturais”, explica. Diante de um telão no hotel em que desfilam imagens de algumas das 600 espécies de aves catalogadas no sereno - o que representa um terço das 1.800 espécies existentes no Brasil. “Estamos mais próximos do cerrado e da caatinga que as regiões da Amazônia, o que nos

permite ter uma biodiversidade diferente”.

A pesquisa biológica, somada à infraestrutura, tem feito da Cristalino uma experiência base para diversos estudos de campo da comunidade científica internacional sobre temas que vão de flora e mineração a paisagem, endemismo e doenças e doenças zoonóticas. “São de borboletas há 1.500 espécies, o que faz deste o melhor lugar para minha pesquisa”, diz a bióloga brasileira Lina e Maria, doutoranda da Unicamp que está vivendo por um ano no hotel.



ILUSTRAÇÃO EDITORIAL: CONHECIMENTO

Ilustração para revistas de conhecimento

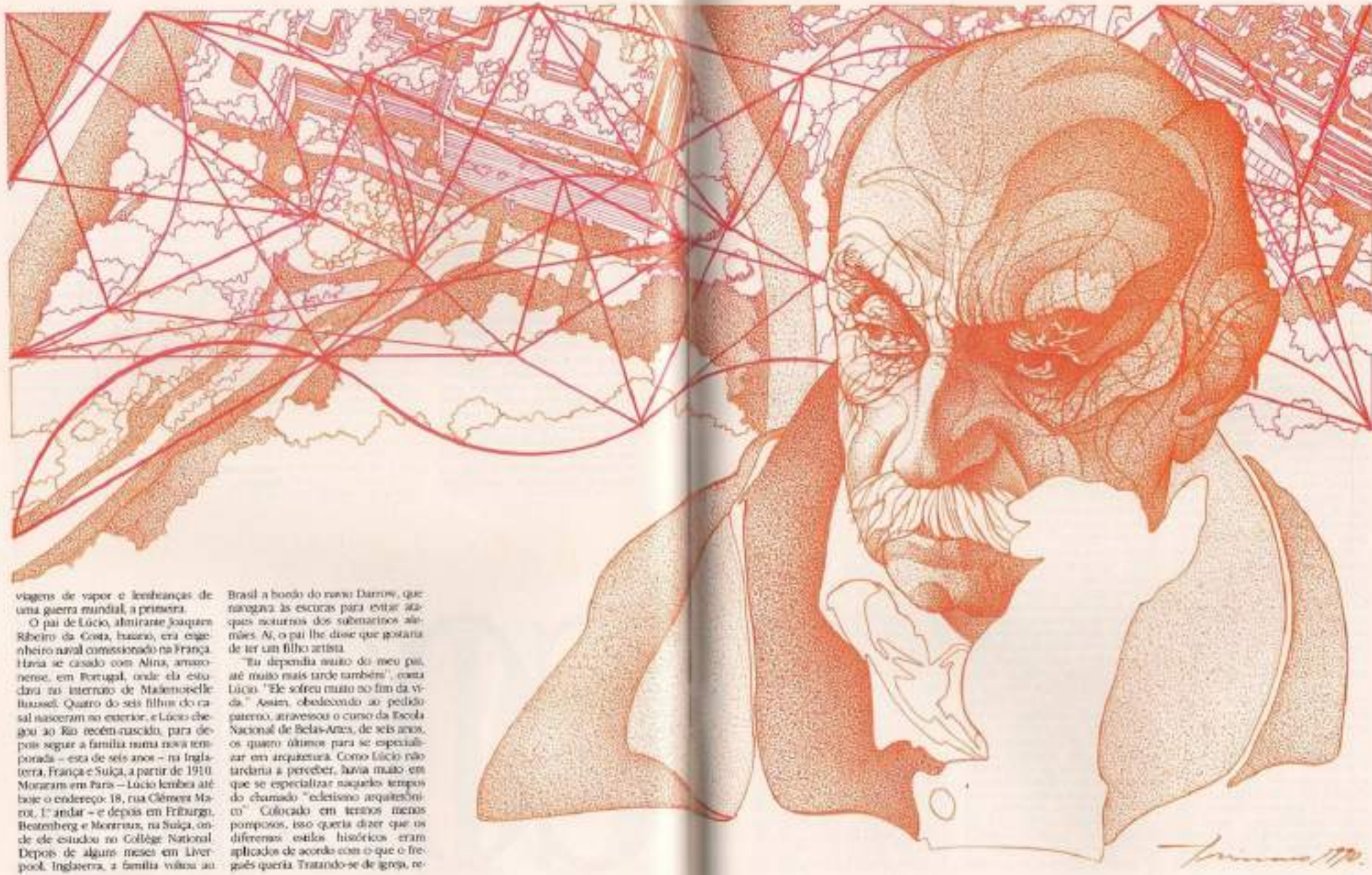


Ilustrações para revistas de conhecimento

São muitas as revistas voltadas para a área científica e de conhecimentos gerais. As especificidades dessas áreas não impedem o ilustrador de criar trabalhos com suas habituais abordagens autorais. Vamos conferir algumas referências?



Capa de Luis Trimano para a revista Dados e Idéias, nanquim e cor aplicada, 1978.



viagens de vapor e lembranças de uma guerra mundial, a primeira.

O pai de Lúcio, almirante Joaquim Ribeiro da Costa, brasileiro, era engenheiro naval comissionado na França. Havia se casado com Alina, aragoonesa, em Portugal, onde ela estudava no internato de Mademoiselle Bousset. Quatro dos seis filhos do casal nasceram no exterior, e Lúcio chegou ao Rio recém-nascido, para depois seguir a família numa nova temporada — esta de seis anos — na Inglaterra, França e Suíça, a partir de 1910. Moraram em Paris — Lúcio lembra até hoje o endereço: 18, rue Clément Marot, 1º andar — e depois em Friburgo, Badenberg e Montreux, na Suíça, onde ele estudou no Collège National. Depois de alguns meses em Liverpool, Inglaterra, a família voltou ao

Brasil a bordo do navio Darrow, que navegava às escuras para evitar ataques noturnos dos submarinos alemães. Ali, o pai lhe disse que gostava de ter um filho artista.

"Eu dependia muito do meu pai, até muito mais tarde também", conta Lúcio. "Ele sofreu muito no fim da vida." Assim, obedecendo ao pedido paterno, atravessou o curso da Escola Nacional de Belas-Artes, de seis anos, os quatro últimos para se especializar em arquitetura. Como Lúcio não tardava a perceber, havia muito em que se especializar naqueles tempos do chamado "ecletismo arquitetônico". Colocado em termos menos pomposos, isso queria dizer que os diferentes estilos históricos eram aplicados de acordo com o que o fre-
quês queria. Tratando-se de igreja, re-

Ilustração de Luis Trimano sobre Lucio Costa para a revista Goodyear, 1990.



Capas de Jaca
pra revista
Ciência Hoje,
2010 e 2011.

chc

Ciência Hoje das Crianças

Nº 311

Revista de Divulgação
Científica para Crianças
Ano 33 | Junho de 2020
R\$ 14,90

ICHC INSTITUTO
CIÊNCIA
HOJE



Por que pegamos doenças
de outros animais?

Meio ambiente, o lar
de todos nós

Peixe-boi: um gigante
em perigo



chc

Ciência Hoje das Crianças

Nº 312

Revista de Divulgação
Científica para Crianças
Ano 33 | Julho de 2020
R\$ 14,90

ICHC INSTITUTO
CIÊNCIA
HOJE



Ciência também é coisa
de menina

Explorando as
unidades de medida

Chá de sumiço: bichos
que desaparecem



Capas de Ana
Matsusaki pra
revista Ciência
Hoje, 2020.

chc

Ciência Hoje das Crianças

Nº 300

Revista de Divulgação
Científica para Crianças
Ano 32 | Junho de 2019
R\$ 14,90



Organização para
ninguém botar defeito!

Uma tabela
superpoderosa

Um pouco da história
da tabela



chc

Ciência Hoje das Crianças

Nº 306

Revista de Divulgação
Científica para Crianças
Ano 32 | Setembro de 2019
R\$ 14,90



Raios cósmicos: é possível
se proteger?

Muitas curiosidades sobre
o mais famoso dos cactos

Atropelamento de morcegos.
Como isso pode acontecer?



Capas de Daniel
Bueno pra
revista Ciência
Hoje, ambas de
2019.



Ilustração de Walter Vasconcelos sobre a tabela periódica pra revista Ciência Hoje, 2019.



AS INCRÍVEIS BARATAS GIGANTES

Se você não segura o grito diante de baratas que mal chegam a medir dez centímetros, o que faria diante de um barata com meio metro de comprimento? Mergulhe com a gente para conhecer as incríveis baratas gigantes marinhas!!!





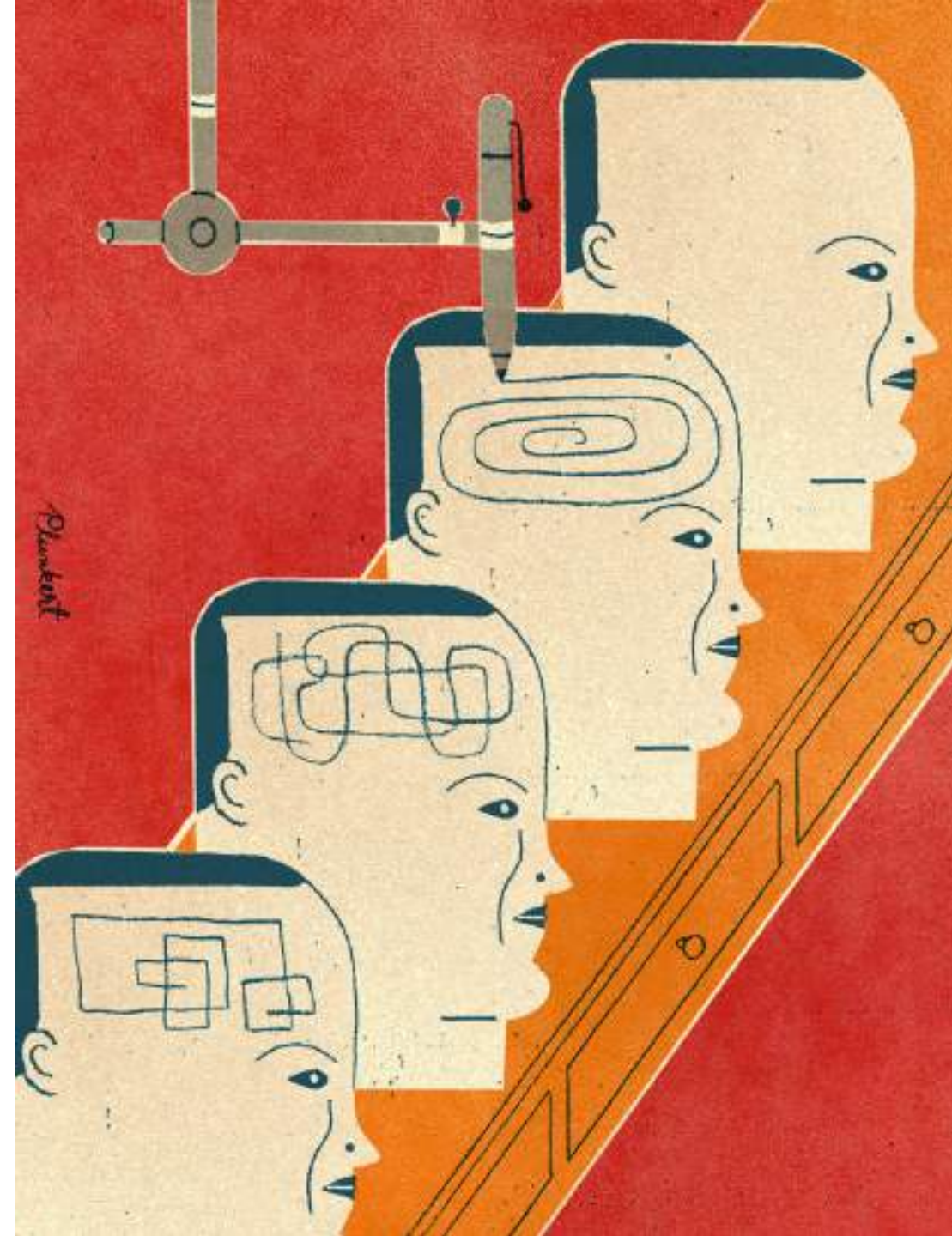
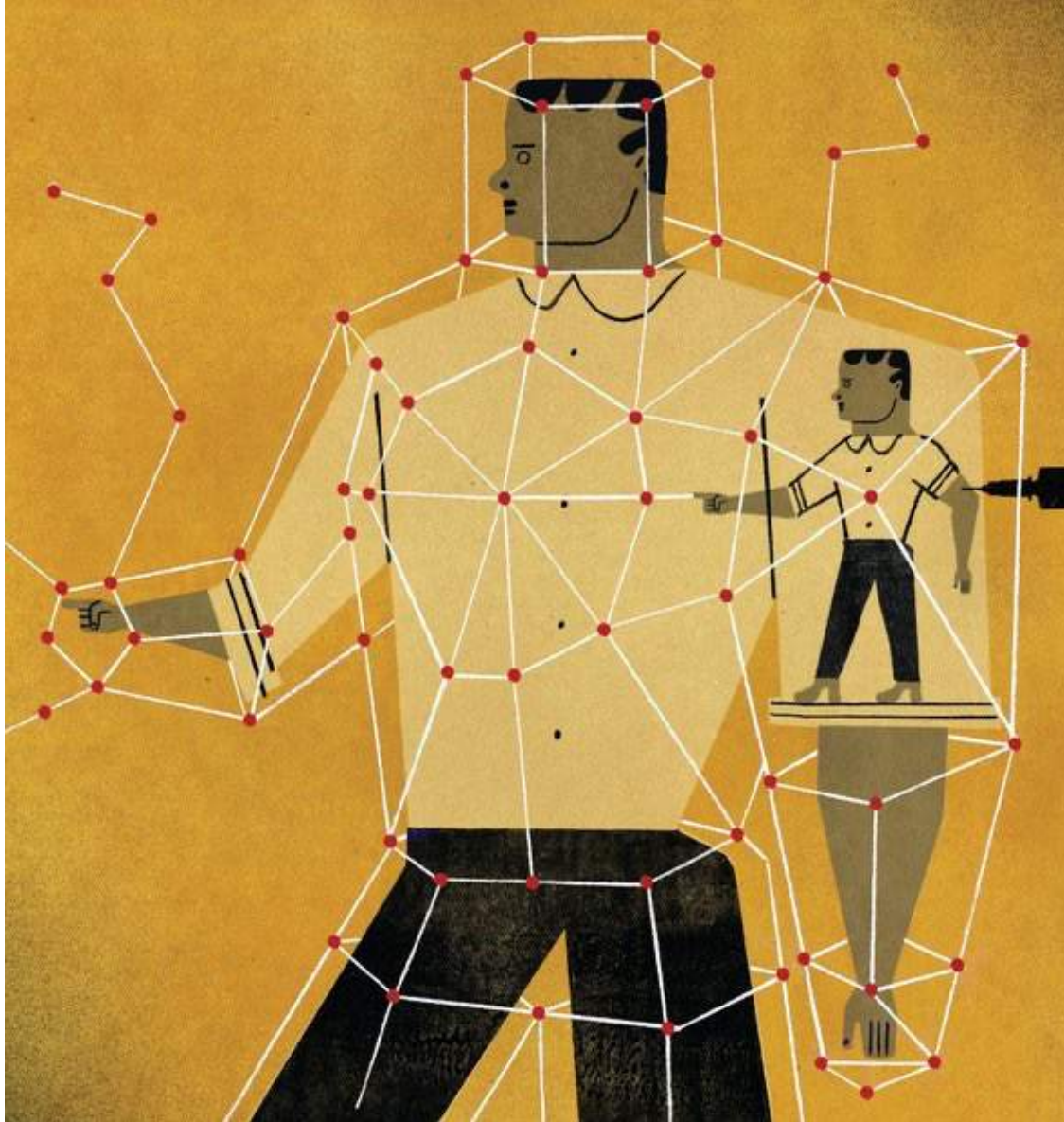
Revista infantil brasileira Yoyo, editada por Liana Mazer.



Ilustração de Eglė Plytnikaitė e Ūla Šveikauskaitė para a revista Spectrum, 2019.



Ilustração de Gizem Vural para a revista Spectrum, artigo “Specialized grants allow ex-scientists to restart careers, 2016.



Ilustrações de David Plunkert para a revista Scientific American:
Acima, matéria sobre a importância de vacinas e imunização, “Could a single vaccine protect against a multitude of diseases?”, 2019. Ao lado, artigo “Psychology’s Credibility Crisis: the Bad, the Good, and the Ugly”, 2016.



Ilustração de Catarina Bessell para o Instituto Serrapilheira. Os textos do projeto Ciência Fundamental são escritos por jovens cientistas, organizados pelo Instituto Serrapilheira e publicados no site da Folha de São Paulo.



Ilustração de Catarina Bessell para o Instituto Serrapilheira. Os textos do projeto Ciência Fundamental são escritos por jovens cientistas, organizados pelo Instituto Serrapilheira e publicados no site da Folha de São Paulo.



MENSTRUAR AINDA É PRECISO?

Uma pesquisa mostra que a maioria das mulheres gostaria de ter domínio sobre o próprio ciclo menstrual. Mas será que interromper o fluxo com frequência não tem efeitos colaterais?

por RAFAELIO BRUN E DÉVIA LEBRA
design ANA COSMINO II
ilustração VERIDIANA SCARPELLI

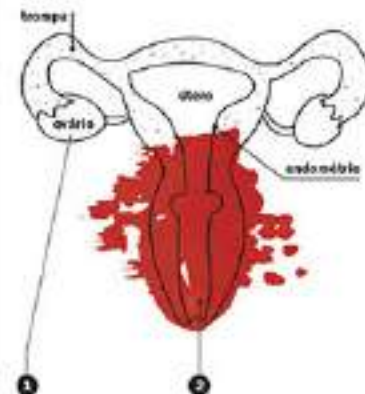
Os dias marcados pela menstruação mudam um pouco (ou muito) a rotina das mulheres. Há quem evite usar determinadas roupas ou não se sinta à vontade para frequentar praia, piscina e academia. Fora que uma parcela considerável sofre com as cólicas. Ainda assim, em uma pesquisa do Datafolha, das 2.004 participantes de 18 a 35 anos entrevistadas, 45% relataram gostar de pausar por esse processo. Mas qual a razão por trás desse curioso apreço pelo fluxo sanguíneo mensal? Para 39% delas, o fenômeno é um sinal de que o organismo está saudável. Será mesmo?

"A menstruação regular sugere o bom funcionamento de vários órgãos e sistemas. Quando a mulher não menstrua na idade esperada ou tem seus ciclos interrompidos sem intenção, é preciso descobrir o motivo e tratar o problema", explica a ginecologista e obstetra Fernando Ito, coordenador da seção de Reprodução Humana do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). A questão é que esses desajustes tendem a ser puramente hormonais. "Agora, a hipótese de que a perda de sangue seja, por si só, necessária ao equilíbrio fisiológico da mulher nunca foi confirmada", pondera o médico.

No levantamento do Datafolha, também é interessante notar que, independentemente de gostar ou não de menstruar, 74% das participantes disseram que decidir sobre o próprio ciclo menstrual daria mais controle sobre suas vidas. A busca por acabar com a inconveniência do sangramento periódico é compreensível para mulheres cujas profissões exigem se submeter a condições atípicas, como astronautas e soldadas, mas passou a ser desejada por aquelas com rotinas bem mais comuns. "Com os métodos contraceptivos atuais, é possível espaçar e programar a data das menstruações. E sem prejuízo para a saúde", avalia Ito. "Se há necessidade de suprimir a menstruação, existem opções seguras", completa. ☺

O PORQUÊ DO FLUXO MENSAL

O corpo da mulher se prepara para a gravidez todo mês. Quando ela não ocorre, o endométrio se desprende do útero. Essa descamação das paredes internas do órgão é chamada de menstruação. Ela acontece com intervalos de 25 a 35 dias e pode durar até uma semana. O primeiro ciclo costuma dar as caras entre os 8 e 16 anos. Entenda melhor:

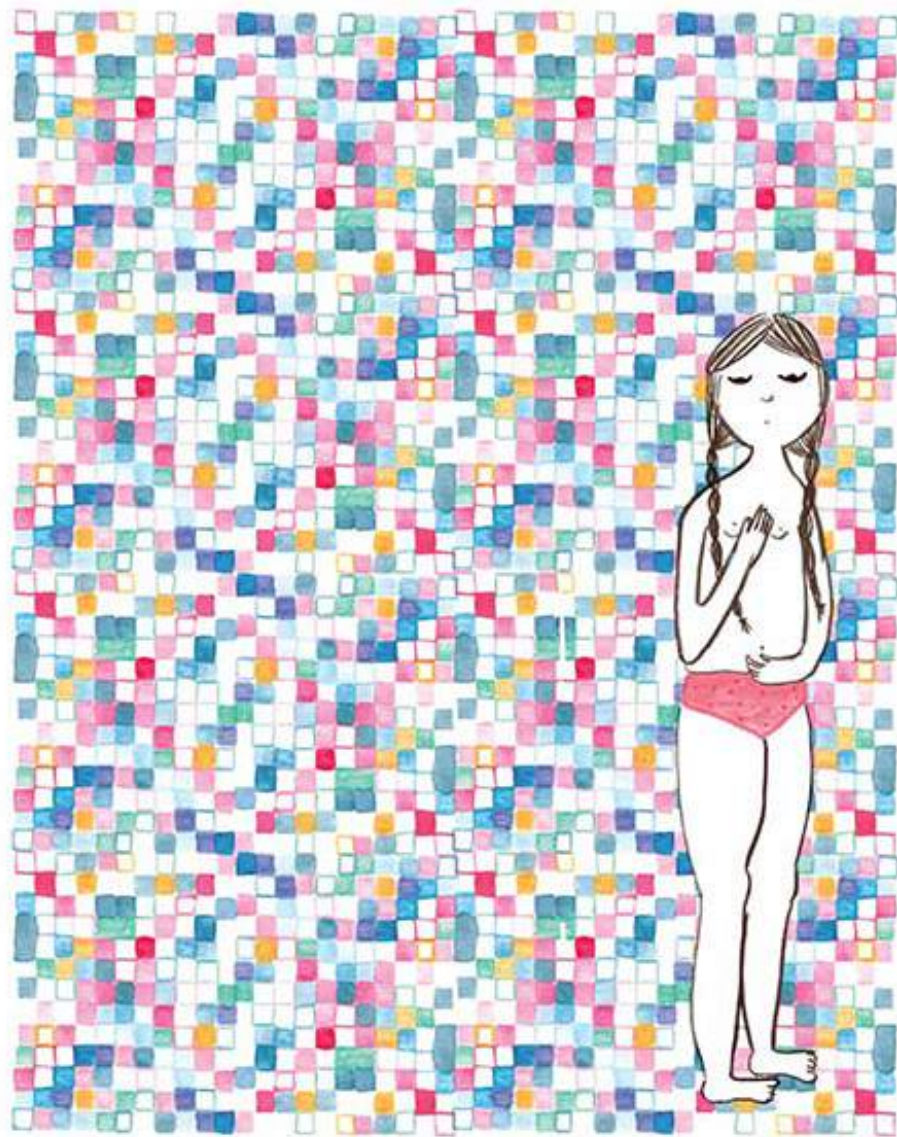


1 Uma vez por mês, acontece um aumento no nível de estrogênio no organismo, e um óvulo é liberado nos ovários. Por meio das trompas, ele segue rumo ao útero à espera da fecundação.

2 O endométrio, tecido que reveste a parede interna do útero, fica rico em sangue e nutrientes para facilitar o encontro do óvulo com o espermatozoide. Se não há fecundação, ele descama — aí o sangue desce.



Ilustração de Rafaela Pascotto para a revista Nova Escola: “5 dicas para garantir uma área externa segura e agradável no retorno das crianças”, 2021.



Despertar precoce

Pesquisadores brasileiros identificam o primeiro gene associado a forma hereditária de puberdade prematura

Ricardo Zorzetto



Há cerca de 7 anos a médica Ana Claudia Latronico atendeu no ambulatório de endocrinologia pediátrica do Hospital das Clínicas (HC) de São Paulo um caso que lhe chamou a atenção e acabou por conduzir à identificação, em meados de 2013, do primeiro gene associado à puberdade precoce de origem hereditária. Era uma menina de 5 anos que já apresentava os primeiros sinais da puberdade. As mamas começavam a se formar e os pelos cresciam mais espessos nas axilas e na região púbica, dois sinais de que os hormônios sexuais, produzidos em maior quantidade só no final da infância, já circulavam em níveis elevados no corpo da garota. Pouco frequentes na população, casos como esse de puberdade que ocorre muito antes do tempo adequado até são comuns no maior hospital da América Latina, para onde são encaminhados os problemas mais raros e complexos do país.

O que despertou o interesse de Ana Claudia, no entanto, foi outro motivo. A menina havia chegado ao hospital por iniciativa da avó paterna, então uma senhora de 69 anos, que tinha entrado na puberdade cedo e menstruado pela primeira vez aos 9 anos. Semanas mais tarde a avó retornou com uma segunda neta, filha de outro filho, e anos depois com uma terceira, nascida do

Pesquisa

FAPESP

WWW.REVISTAPESQUISA.FAPESP.BR

AGOSTO DE 2020 • ANO 31, N. 234

AS DORES EMOCIONAIS NA PANDEMIA

Mudanças radicais na rotina, temor de adoecer e crise econômica provocam sofrimento psicológico e transtornos mentais

Países aumentam gastos contra a Covid-19, mas investem de forma desigual em ciência

Sítio mexicano sugere que povoamento das Américas teria começado há 30 mil anos

Atraso do saneamento no Brasil prejudica a saúde e contraria a racionalidade econômica

Cientista da computação mineiro Nivio Zixari montou cinco startups e vendeu uma ao Google

Médicos e poder público agiram com rapidez contra a peste bubônica em Santos em 1899

ASSINANTE

Ciência e Tecnologia no Brasil

Pesquisa

FAPESP

Setembro 2006 • Nº 127

PESQUISAS ELEITORAIS

DANÇA DE NÚMEROS TEM BASE SÓLIDA

O POBRE E
RICO MAR
BRASILEIRO

ENTREVISTA

FERNANDO BIRRI
O CINEMA
ALÉM DO CINEMA



No canto esquerdo, capa de Aline van Langendonck, 2020.

Ao lado, capa de Fernando Vilela, 2006.

Nnpnor nodon nono

**RAFE /
ROUGH**

Cusam et quiamen istium eate pelis magnimusdae
nonecum resti repel inciaecum fugiam

Rodrigo de Oliveira Andrade



O Ignim vero omnis aut reptis
nis dus percut et ea sunt. Ige-
necacero occaborerias eos de-
biteretur, que acceperitaturerum
sam, odit audiae nonceta iusdanda cum
faccatem voloriae voluptatem nis simus
quia quis volore velendae etureria eic-
tem caqui reovit poribus dolupta perup-
tur, seqai ulpa ipicuriit fugitionsent cost
ipis as vent. Ducitatem restorpossum ea
sit erelenitem aspit, id maximil itaspicie
atur? Quia non reraintia quid es nitam,
tem laceatist, quo invenis ab ius derum
verunt eaquin et vellorrorae voloris sunt
vent faceperae. Et quiduciet, con cosed
molamquam in pro dem. Nam repellit
quia voluptat earam int. Hendes aliquos
quas ditae laris rerum quis abore repra-
vendani aspica sequi volentur sunt do-
loreec tatemque alit ea sus recae. Ecus
aut hanciam, voloriaumet ma quibus ma-
loles etur, simus. Et moluprae volesti
doloreerum dolupturio. Ut volor sincium
et, intiatiumque dit, sima voluptaquis
ationse quibus, od que lis rem quatit
odit pre aris expelqui di idistot aquossi
menimajoraes ent eum quas rem iduntir
intur simolor aut et qui as accidunt.

Nate sapis de ex eum hicipsam, as res-
tiat estinum ape velita que simet que
magnitas dignia dionecatur sequi volu-
pie tem verchiti necto officii berum enda
platem quatur? Quis quam re lam eturit
asitatecta sit, quas a vel ea sita sum quo
everate nempero reroreriore, clesti bea-
tum rescis cossi doluptat volutempore
poribus nobitium voluptatque porepra
dolentibus, sectati olum quation sendis
am delendi solupti busandemque dici aut
hilis dolestist unt omnimpo resequo et
pro endestet eic tet quo coressi officia
ab init, sunca comnihi liciderchici to-
rum liquam expelen iscium cumquam
respice ipitem lis eventur sint ant andae-
rum autat quis as aspis eles qui dolorro
volori corita dolupta simolore aut as es
repudam, sum lab is lum que conem.
Ut andelle cereperissin nimus voleetur.
It etum liquiaectem quant anda velit
occus modis es molecaes abore dolupta
quibusam eiume nobit et odit fugia volor
abo. Ut aut vendis aut vene volore, tenis
quoditis pliquat emolupt atibus molut int
et ad qui coribusanla quas que nonseque
ni cus, ullorit iorem. Nemporerum ad
moles voluptium quatus, te lundionet

et fugit est occus aspero dolupti orrun-
tecture quis dit fuga. At porio. Ut aperum
voluption exceatit unt mo endestet eic
tet quo coressi officia ab init, sunen-
destet eic tet quo coressi officia ab init,
sunist, volendam net et experum sint es
necab ipsa entem volut labo. Lecupiore
latecto occupate desecupda quibus.
Mos ut ut cossima voluptaqui id quam
vit qui videles tiosam dere pelessimod
quarias unt.
Magnati onsenis at. Sitiaes tiosan-
debis earitatur senihie apernati con-
nimus, ommodita qui velit qui odi em
volest aut entota velestetum fuga. Mus
peressi vollesse etotam volupta quias ut
dolorest raepataquid est assit essint
consequi nimirimagnis volores ariacea
borehentur. Denim doluptam accusan-
dit am, odit elicillut optat a sedias elur,
simetur. Inlassim quassped et omnimusi
volupta spitatur ra aut landipsae molup-
tae omniminctem ut labor aut onanimus
aut autem di te se quate periamus autet
officia veribus eos illut lacepror alique
volorem pelest, cus.
Nessus, se consequid quis dolupta
suntur, optat es voluptatur, offic tem



eatet event cossitat ommoluptat untin
es eum fugit fuga. Udae milliquatur ali-
quo qui omnimusa plitem volupis du-
cium volores torete ndignis escit ace-
rum venistio quanto earunt pa aut quo
ea il etur sunt apisimil et debisquate sed
mollect ectis remquiam et quamet del-
labo rporpossit aut atusciendi renducid
ercipidunt. Et qui cusam nonsequide et
eumqui rehendam eatemo odis quodi
ut volorro cume prae sed ut officio ero-
vid quatur, vendaeptae cone non nobit
quibus. Lorescis doluptam a cum am
eaquiatquas int.
Ulluptaqui as initio. Epudantur. Ate
quia quideles is venietur. Fuga. Nam
ipiciam idebitis elitatur rem et rem aut
qualepu dipsanda volore maximpore rem
corrum ulaeptam voloriaist offici co-
repellit dolor aliquat magnis aliam aspe-
liq tiatemp orescia erecepu digent prae
vid earam accupatae nimet et expedi od
quaecte nobisimperi derum ullibuscis
qui re si quidi officiene rum vit, susapel
inis emilicias is cus, conest quam re ver-
ferse necte dio. Us.
Nessus, se consequid quis dolupta
suntur, optat es voluptatur, offic tem

eatet event cossitat ommoluptat untin
es eum fugit fuga. Udae milliquatur ali-
quo qui omnimusa plitem volupis du-
cium volores torete ndignis escit ace-
rum venistio quanto earunt pa aut quo
ea il etur sunt apisimil et debisquate sed
mollect ectis remquiam et quamet del-
labo rporpossit aut atusciendi renducid
ercipidunt. Et qui cusam nonsequide et
eumqui rehendam eatemo odis quodi
ut volorro cume prae sed ut officio ero-
vid quatur, vendaeptae cone non nobit
quibus.
NONNONNONONO
Nessus, se consequid quis dolupta san-
tur, optat es voluptatur, offic tem eatet
event cossitat ommoluptat untin es eum
fugit fuga. Udae milliquatur aliquo qui
omnimusa plitem volupis ducium volo-
res torete ndignis escit acerum venistio
quanto earunt pa aut quo ea il etur sunt
apisimil et debisquate sed mollect ectis
remquiam et quamet delabo rporpossit
aut atusciendi renducid ercipidunt. Et
qui cusam nonsequide et eumqui rehendam
eatemo odis quodi ut volorro cume
prae sed ut officio erovid quatur, ven-

daeptae cone non nobit quibus.
Nate sapis de ex eum hicipsam, as res-
tiat estinum ape velita que simet que
magnitas dignia dionecatur sequi volu-
pie tem verchiti necto officii berum enda
platem quatur? Quis quam re lam eturit
asitatecta sit, quas a vel ea sita sum quo
everate nempero reroreriore, clesti bea-
tum rescis cossi doluptat volutempore
poribus nobitium voluptatque porepra
dolentibus, sectati dolum quation sendis
am delendi solupti busandemque dici aut
hilis dolestist unt omnimpo resequo et
pro endestet eic tet quo coressi officia
ab init, sunca comnihi liciderchici to-
rum liquam expelen iscium cumquam
respice ipitem lis eventur sint ant andae-
rum autat quis as aspis eles qui dolorro
volori corita dolupta simolore aut as es
repudam, sum lab is lum que conem.
Ut andelle cereperissin nimus voleetur.
It etum liquiaectem quant anda velit
occus modis es molecaes abore dolupta
quibusam eiume nobit et odit fugia volor
abo. Ut aut vendis aut vene volore, tenis
quoditis pliquat emolupt atibus molut int
et ad qui coribusanla quas que nonseque
ni cus, ullorit iorem. Nemporerum ad

Rascunho de
Bernardo
França para a
revista
Pesquisa
FAPESP, 2019.

Abraçando as diferenças

Nova diretoria da Unicamp integrará ações de promoção dos direitos humanos entre alunos, professores e funcionários

Rodrigo de Oliveira Andrade



A Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) criou uma estrutura dedicada à articulação de políticas de diversidade da universidade, incluindo em sua comunidade acadêmica. A Direção Executiva de Direitos Humanos foi aprovada no dia 26 de março, durante reunião do Conselho Universitário, e está vinculada ao gabinete da reitoria. "Queremos agir de modo articulado para promover e valorizar os direitos humanos dentro e fora da Unicamp", afirma a historiadora Neri de Barros Almeida, professora do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da universidade e diretora do novo órgão. "A ideia é aprimorar iniciativas existentes e fomentar a criação de novas estratégias, procedimentos e práticas de inclusão, equidade, acessibilidade, prevenção de assédio e discriminação e violência sexual".

A diretoria vai coordenar o trabalho de cinco comissões zonares, criadas nos últimos dois anos e que já atuavam de forma independente. Uma delas está encarregada de promover a diversidade étnico-racial e, no ano passado, realizou o dia da universidade e do Colégio

Técnico de Campinas (Conarc), ligado à Unicamp, de acordo com encerramento em seus processos seletivos. Desse total, 1.293 (38,2%) eram pretos ou pardos, sendo que quase metade deles (48,7%) era proveniente de escolas públicas. Já os estudantes indígenas representaram 2,1% dos cotistas, segundo Almeida, a comissão deverá investir em ações complementares de combate ao racismo, disseminação do respeito às diferenças e valorização da diversidade.

Em outra frente, desde fins de 2012, uma comissão se dedica à criação de políticas de combate à violência sexual e discriminação baseada em gênero e sexualidade. Essas são duas das principais problemáticas enfrentadas pelas instituições de ensino no Brasil, representando, em alguns casos, mais da metade dos incidentes de violação de direitos humanos no ambiente acadêmico. "Vamos criar uma secretaria de atendimento especializado para pessoas vítimas de violência, assédio ou discriminação sexual", explica Almeida, que também atua à frente do Observatório dos Direitos Humanos da

Unicamp, outra comissão que faz parte da estrutura do novo órgão.

A Direção Executiva de Direitos Humanos também deverá coordenar as atividades da Comissão Assessoria de Acessibilidade, que há alguns anos investe em projetos para ampliar a mobilidade e o acesso de pessoas com deficiência ao campus da universidade a equipamentos e materiais de estudo e pesquisa. A comissão também irá realizar estudos para identificar pontos críticos para que em seguida possa apresentar propostas de reforma das estruturas dos prédios, calçadas, piscinas e espaços de convivência na instituição.

Outra instância que vai se articular com a nova diretoria é a Cátedra Sérgio Vieira de Mello da Agência da Organização das Nações Unidas para Refugiados, a Acnur. Desde 2003 o órgão atua na promoção de educação, pesquisa e extensão acadêmica voltada à população refugiada, em parceria com centros universitários brasileiros e o Comitê Nacional para Refugiados (Conare), órgão do Ministério da Justiça responsável por avaliar os pedidos e declarar o reconhecimento da condição de refugiado



no Brasil. Almeida conta que a Unicamp procura integrar a cultura em seu cotidiano de 2017 e, desde então, promove a formação acadêmica e a capacitação de professores e estudantes no âmbito desse tema.

EXPERIÊNCIAS INTERNACIONAIS

Conforme explica o físico Marcelo Knobel, reitor da Unicamp, a diretoria segue um movimento internacional. "Nos últimos anos, universidades em diversos países passaram a investir na criação de escritórios dedicados à elaboração e implementação de políticas de estímulo à valorização dos princípios de respeito à diversidade cultural, de defesa da igualdade, da dignidade humana e do cultivo da convivência solidária", diz.

Muitas delas se concentram em países da América Latina, como Estados Unidos, Reino Unido e Canadá. Universidades canadenses como a de Waterloo e Ottawa, além da Queen's University, há algum tempo criaram escritórios dedicados à promoção dos direitos humanos. O Centro de Direitos Humanos da Universidade de Essex, no Reino Unido, é considerado um dos mais amplos e bem

estruturados do mundo, ao reunir uma comunidade de cerca de 2 mil ex-alunos, mais de 100 professores e pesquisadores de 11 disciplinas, bebidas e parcelas. Entre as iniciativas promovidas estão palestras, reuniões, cartilhas, pesquisas, serviços de aconselhamento universitário e treinamentos sobre assuntos como assédio sexual, diversidade e inclusão.

Esses escritórios também elaboram e divulgam manuais de prevenção de violação dos direitos humanos entre seus alunos, professores e funcionários, além de políticas de inclusão, acolhimento e permanência, por exemplo, de alunos e pesquisadores transgêneros. Indivíduos que se identificam como de um gênero diferente daquele que lhes foi atribuído com virtude de seu sexo biológico (ver Pesquisa FAPESP nº 280). Segundo Almeida, os casos de desconhecimento das normas de conduta estabelecidas pela universidade, a proposta da nova diretoria é adotar, sempre que possível, a prática do diálogo restaurativo em lugar de uma abordagem punitiva. A ideia é que um intermediador resolva os conflitos de modo a restabelecer a relação social

entre a vítima e o acusado. "Espera-se com isso que a vítima se sinta reparada e que o acusado compreenda a situação, reconheça seus atos e adote uma postura alinhada às normas da conduta", explica. Ela ressalta que essa abordagem pode não ser suficiente nos casos mais graves, envolvendo injúrias raciais ou sexuais, por exemplo. Por isso, não se descartam punições como expulsão de alunos e demissão de professores e funcionários.

Segundo Knobel, no Brasil, é comum as universidades terem núcleos, centros ou comissões de promoção e afirmação dos direitos humanos. Na sua avaliação, a Direção Executiva de Direitos Humanos da Unicamp se diferencia dessas iniciativas porque possui o poder de promover ações de forma orquestrada. "Qualquer instituição de ensino ou pesquisa que queira estar entre os melhores do mundo precisa cultivar essa preocupação com a promoção de uma educação em direitos humanos na perspectiva intercultural, crítica e emancipatória, que procure articular questões relacionadas à igualdade e à diferença no âmbito da comunidade universitária", argumenta. ■

Ilustração de Bernardo França para a revista Pesquisa FAPESP, artigo "Abraçando as diferenças", 2019.



Detalhes da ilustração de Bernardo França para a revista Pesquisa FAPESP, artigo “Abraçando as diferenças”, 2019.

ILUSTRAÇÃO EDITORIAL: CONHECIMENTO

Casos e exemplos

Exemplos de Reportagem Visual em sanfona

Já vimos vários exemplos de reportagem visual para revistas.

Vale atentarmos para alguns exemplos em outro tipo de suporte: a sanfona. A Sanfona é interessante porque, ao mesmo tempo em que define páginas que podem ser vistas isoladamente, estabelece uma forte conexão visual entre elas. Uma sanfona pode ser aberta e vista em sua totalidade (um lado por vez) como um grande painel.

Esse suporte pode ser eventualmente desenvolvido em trabalhos autorais e independentes, para um zine, por exemplo.



Trabalho de Reportagem Visual no formato sanfona de Julia Navarro de Vasconcelos, 2020.

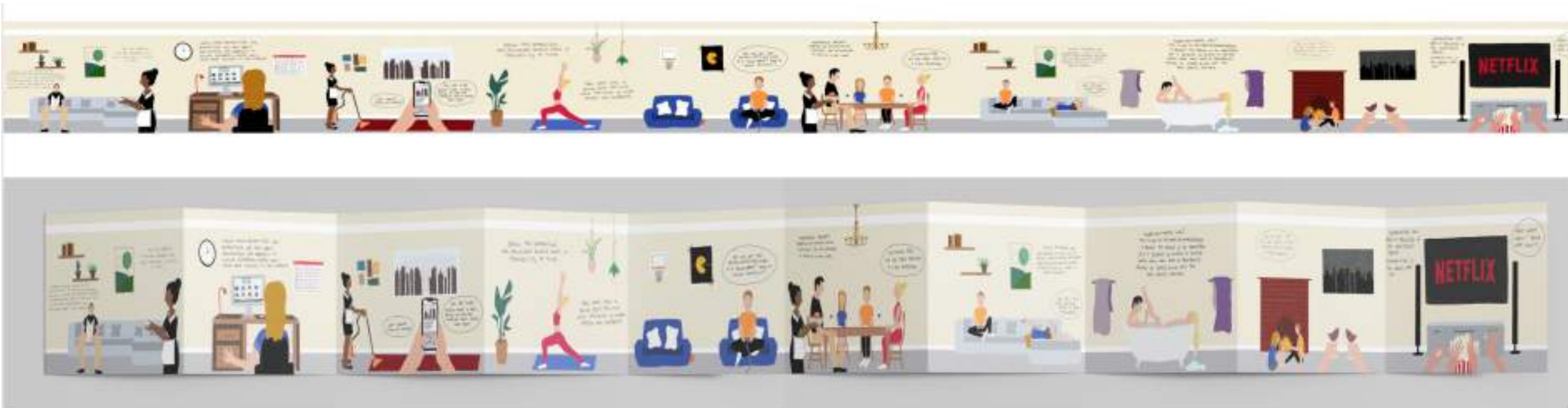
A ilustradora teve como ponto de partida a pandemia de Covid-19 e o isolamento, e fez um recorte de temática social refletindo sobre o impacto desse momento em diferentes camadas da sociedade.



Trabalho de Reportagem Visual no formato sanfona de Julia Navarro de Vasconcelos, 2020.
Acima, detalhe do trabalho mostrando duas páginas da sanfona.



Trabalho de Reportagem Visual no formato sanfona de Julia Navarro de Vasconcelos, 2020.
Acima, detalhe do trabalho mostrando duas páginas da sanfona.



Trabalho de Reportagem Visual no formato sanfona de Julia Navarro de Vasconcelos, 2020.
Acima, o outro lado da sanfona.



Trabalho de Reportagem Visual no formato sanfona de Julia Navarro de Vasconcelos, 2020.
Acima, detalhe do trabalho mostrando duas páginas da sanfona.



Trabalho de Reportagem Visual no formato sanfona da ilustradora Laíssa Moreira: “Existem três rios na rua Três Rios?”, 2019.

O processo criativo envolveu coletas de conversas, ilustrações e fotografias que aconteceram em repetidos passeios pela rua Três Rios no bairro do Bom Retiro, São Paulo.



Trabalho de Reportagem Visual no formato sanfona da ilustradora Laíssa Moreira: “Existem três rios na rua Três Rios?”, 2019.
 Acima, detalhe do trabalho com duas páginas da sanfona.



Trabalho de Reportagem Visual no formato sanfona da ilustradora Laíssa Moreira: “Existem três rios na rua Três Rios?”, 2019.
Acima, detalhe do trabalho com duas páginas da sanfona.

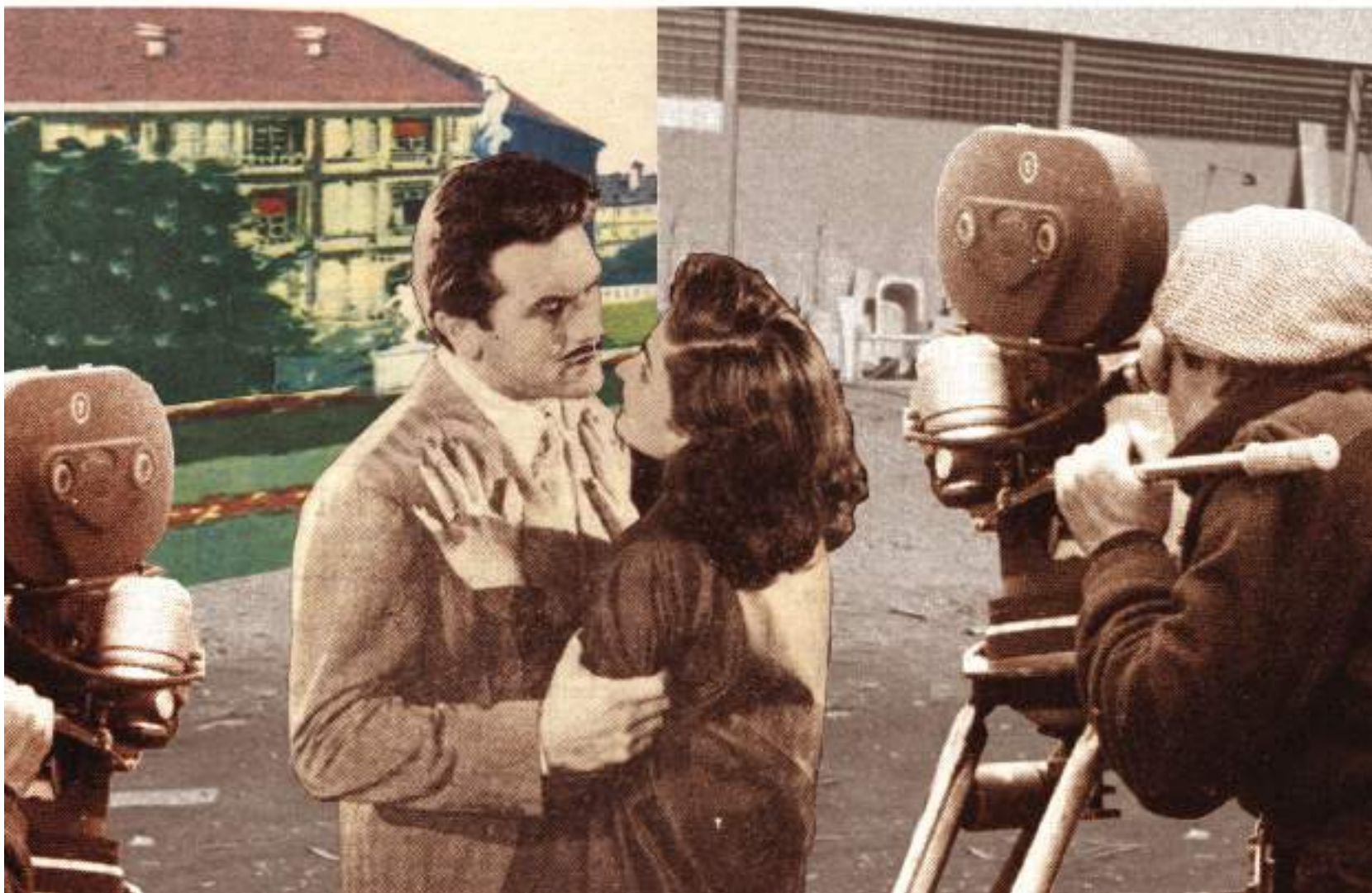


Trabalho de Reportagem Visual no formato sanfona da ilustradora Laíssa Moreira: “Existem três rios na rua Três Rios?”, 2019.
Acima, detalhe do trabalho com duas páginas da sanfona.

Comunicando com História em Quadrinhos

Vamos ver agora um trabalho desenvolvido para a revista Mundo Estranho sobre como fazer uma novela.

Inspirada nas fotonovelas que marcaram décadas atrás o meio das publicações – e que teciam um diálogo com a cultura das novelas – a equipe resolveu explicar o conteúdo da matéria através da linguagem da HQ.



Quadrinho do artigo em formato de HQ “Como é feita uma novela?”, revista Mundo Estranho, 2004.
Texto de Cíntia Cristina da Silva, Design de Daniele Doneda, ilustrações de Daniel Bueno.

REPORTAGEM CULTURAL

Como é feita uma novela?

O processo de produção de uma novela brasileira, desde a ideia até a exibição, é complexo e envolve muitos atores. A produção começa com a ideia, que pode vir de um roteirista, um produtor ou mesmo de uma emissora. Depois, vem a pré-produção, que envolve a contratação de atores, a escolha do cenário e a montagem do elenco. A produção propriamente dita começa com a gravação dos primeiros capítulos, que são exibidos em uma programação específica. O processo continua com a gravação dos capítulos seguintes, que são exibidos em uma programação regular. A novela termina com a exibição do último capítulo, que é geralmente um episódio especial.

Em 1967, com o fim da ditadura, a produção de novelas tornou-se mais livre. A TV Globo, que era a única emissora de televisão a cabo no Brasil, começou a produzir novelas em preto e branco. A primeira novela produzida pela TV Globo foi "O Rei do Castelo", em 1967. A novela foi um sucesso e marcou o início da era de ouro da novela brasileira. Desde então, a TV Globo tem produzido muitas novelas, que são exibidas em uma programação regular. A produção de novelas tornou-se uma indústria importante no Brasil, com muitos profissionais envolvidos no processo.

MUNDO ESTRANHO PRODUÇÕES APRESENTA

ERA UMA VEZ...

UM ROMANCE À MODA ANTIGA - MAS, SE NÃO DER AUDIÊNCIA, A GENTE EXPLODE TODO E MUDA A TRAMA!

IDEIA POR CINTIA CRISTINA DA SILVA
DIÁLOGOS POR DANIELE DONEDA
CENÁRIO E TRAMA POR DANIEL BUENO

3 EM BOBINA, COMEÇA A FAZ DE PRÉ-PRODUÇÃO. SE ENVOLVE ATÉ 100 PESSOAS E INCLUI VÁRIAS ETAPAS: PESQUISA DE TEMA, BUNDA DE LUGAR PARA FILMAGEM EXTERNA E, CLARO, A CONFEIÇÃO DOS CENÁRIOS. NA ILUSTR. É O FÔTO NA PRÁTICA DO PROJETO



7 DEPOIS DA JORNADA, ENTRA EM CENA A EQUIPE DE PRÉ-PRODUÇÃO. NÓS VAMOS VER AQUI: UMA EQUIPE COM A BUNDA DE LUGAR, MUITO FÔTO EXTERNA E A TRAMA BOBINA. NORMALMENTE, ESSA EQUIPE NÃO DEBORA MAIS DO QUE UM DIA



1 UMA NOVELA COMEÇA A NASCER COM AS DETERMINAÇÕES DE POTENCIAL NA TV GLOBO, OS AUTORES DA CADA PRODUÇÃO VÃO ENCONTRANDO A DIREÇÃO ARTÍSTICA QUE LHE A MANEIRA PARA O NOVELA. AS NOVELAS SÃO E A DAD 7 TEM POUCA MANEIRA, ENCONTRO AO DIA E TEM TAMBÉM MANEIRA BOBINA



4 ENQUANTO BOLA A PRÉ-PRODUÇÃO, O ELenco DA NOVELA MEXE NA CARACTERIZAÇÃO DOS PERSONAGENS. SE O ATOR NÃO ALTERNAR UM BOM DIA RITO QUE VEM DA FRANÇA, POR EXEMPLO, ELE PRECISA FALAR COM DITADO, TREINANDO COM UM PROFESSOR DE LÍNGUA CONTRATADO PELA EMISSORA



8 MESMO COM UMA TRAMA BOBINA, É COMUM QUE A HISTÓRIA MUDAR DURANTE O DESENVOLVIMENTO DA NOVELA. DEPENDENDO DA AUDIÊNCIA, O ATOR PODE DAR MAIS DETALHES A UM PERSONAGEM SECUNDÁRIO OU UM PERSONAGEM PRINCIPAL



2 COM O POTENCIAL APROVADO, A TROVOLA ARTÍSTICA DA EMISSORA ENTRA O DIRETOR QUE TEM MAIS APROVADO COM A HISTÓRIA. DEPOIS, O ATOR E O DIRETOR VÃO TESTES PARA DESENVOLVER O NOVELA. O DIRETOR PREPARA OS PRIMEIROS CAPÍTULOS DA TRAMA ESPECIALMENTE PARA ADOPTAR OS PAPÉIS

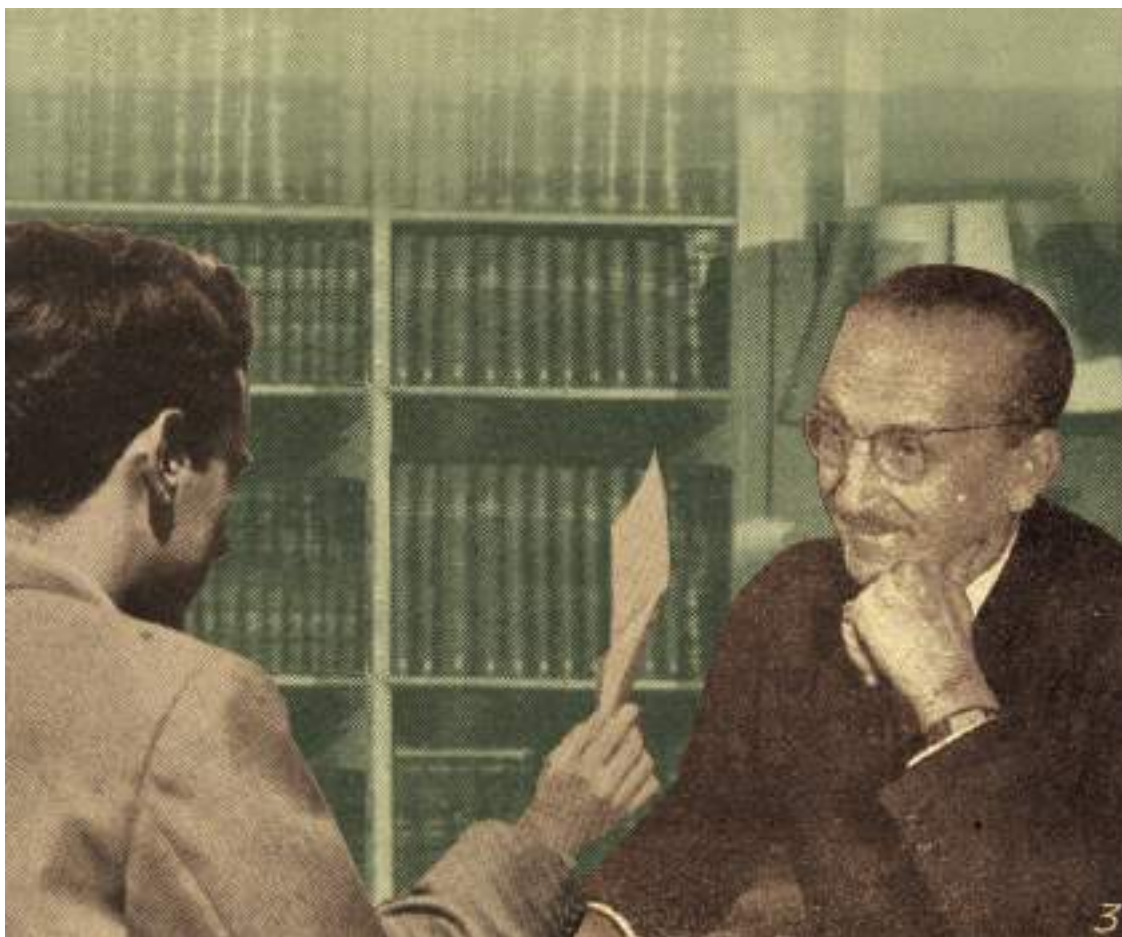


5 ALGUMAS SEMANAS ANTES DO INÍCIO DAS GRAVAÇÕES, SE ATOR ENCONTRA DE TEXTO COM AS CENAS DOS 20 PRIMEIROS CAPÍTULOS PARA ANALISAR EM CASO DE NOVELA. DEPOIS, DURANTE A HISTÓRIA ENCONTRO DO O ATOR BOBINA PARA DESENVOLVER, O TEXTO PODE SER EXTERNO ATÉ NA VESPERTA DA FILMAGEM

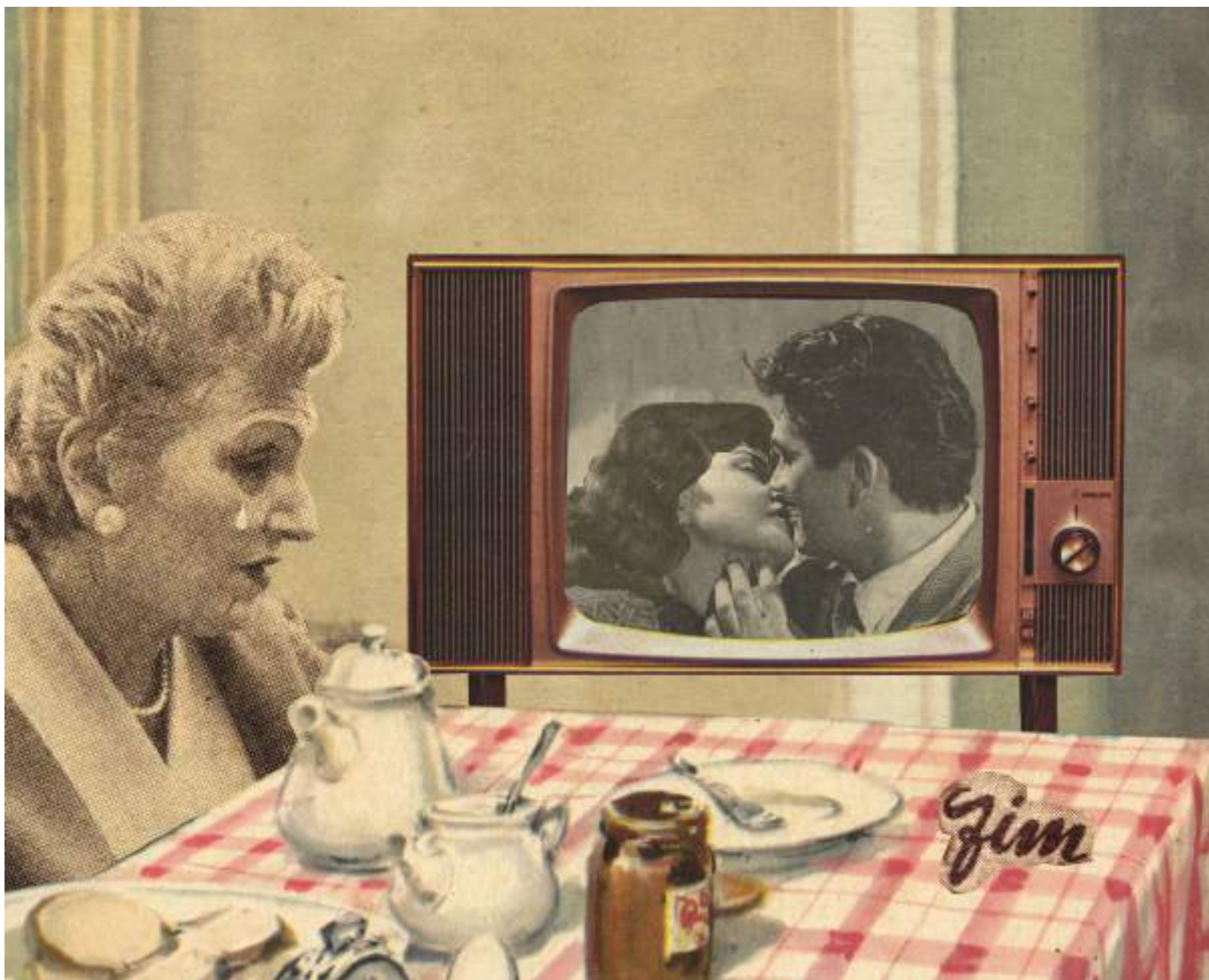


9 DEPOIS DE 205 CAPÍTULOS E DESENVOLVIMENTO DE ATOR, É BOLA DO FÔTO NA PRÁTICA. UMA NOVELA NÃO É POR MUITO DE 2,5 MILHÕES DE DOLÁRES, MAS O DESENVOLVIMENTO É TODA UMA FELICIDADE PARA O ATOR!





Para elaborar as colagens, o ilustrador recorreu a uma coleção de revistas de fotonovelas antigas (fornecida pela repórter do artigo). A colagem foi digital: as figuras foram escaneadas e montadas no Photoshop.



E assim terminou a história em quadrinhos.

Colagem de Daniel Bueno, 2004.

Vinhetas

É forte a presença de vinhetas nas publicações do meio editorial brasileiro. Ao fazer uma vinheta, o ilustrador deve estar atento à síntese e escala do desenho para que o efeito seja consistente. Fazer uma ilustração grande e simplesmente diminuir o tamanho pode não dar certo.

Vamos conferir exemplos de vinhetas para a revista de ciência Pesquisa FAPESP.

DADOS E PROJETOS

TEMÁTICOS E JOVEM PESQUISADOR RECENTES

Projetos contratados em abril e maio de 2015

TEMÁTICOS

A. Resiliência da biomassa de cana-de-açúcar: fundamentos relacionados à formação da parede celular, ao pré-tratamento e à digestão enzimática, aplicados no desenvolvimento de novos modelos de biorrefinaria
Pesquisador responsável: André Luis Peres
Instituição: UF de Lavras/USP
Processo: 2014/06823-0
Vigência: 01/04/2015 a 31/03/2019

L. Epitelmologia molecular de bactérias gram-negativas e genética de resistência a antibióticos
Pesquisador responsável: Ana Lucia da Costa Dias
Instituição: FCF de Ribeirão Preto/USP
Processo: 2014/14494-0
Vigência: 01/04/2015 a 30/04/2019

A. Abordagem multi e interdisciplinar para compreender padrões espaço-temporais de insetos-praga e delimitar paisagens para manejo sustentável de pragas em sistemas agrícolas tropicais
Pesquisador responsável: Wesley Augusto Cande Godoy
Instituição: UFRJ/USP
Processo: 2014/76609-7
Vigência: 01/04/2015 a 31/03/2019

G. Geotecnologias no mapeamento digital pedagógico detalhado e histórico espacial de solos de áreas de desenvolvimento e aplicações
Pesquisador responsável: José Alexandre Melo Donato
Instituição: FURG/USP
Processo: 2014/02262-0
Vigência: 01/06/2015 a 30/04/2020

B. Seleção de matrizes de massa para formação de jardins de sementes e produção de mudas comerciais usando as técnicas com preservação de variabilidade genética
Pesquisador responsável: Carlos Augusto Colombo
Instituição: UFRJ/USP
Processo: 2014/23681-1
Vigência: 01/04/2015 a 31/03/2019

J. Dinâmica de transmissão de malária em diferentes habitats de fragmentação da paisagem
Pesquisador responsável: Carlos Zomlefer
Instituição: FAPESP
Processo: 2014/039174-1
Vigência: 01/04/2015 a 31/03/2019

M. Mecanismos e consequências do transiente do tráfego intracelular por O₂ e H₂O₂ em células em modelos de paracitose fúngica
Pesquisador responsável: Agostinho Hernandez Lopez
Instituição: FCF/USP
Processo: 2014/13443-0
Vigência: 01/04/2015 a 31/03/2019

S. Espectroscopia de infravermelho na caracterização estrutural de pequenas moléculas e materiais
Pesquisador responsável: João Marcos Batista Junior
Instituição: CCET/UFSCar
Processo: 2014/25222-9
Vigência: 01/04/2015 a 30/04/2019

Publicações científicas e impacto relativo*

Brasil e São Paulo avançam pelo número de publicações, mas perdem posições no número relativo de citações

País/Região	Publicações (título único)	Posição**	País/Região (título único)	Publicações (título único)	Posição**	Impacto relativo*	Posição**
	1999-2013	2009-2013		1999-2013	2009-2013		1999-2013
MUNDO	805.595	1.258.727		130	106	1,00	1,00
Estados Unidos	271.068	369.276	1 (1)	96,2	1.166	99 (98)	1,40
China	81.426	163.939	2 (9)	26	120	53 (50)	0,97
Reino Unido	73.236	101.075	3 (3)	1.238	1.599	14 (1)	1,25
Alemanha	69.766	95.721	4 (6)	847	1.173	16 (2)	1,60
Japão	74.387	77.341	5 (2)	989	906	52 (28)	0,85
França	50.382	67.625	6 (5)	821	1.038	23 (8)	1,04
Coreia	39.714	59.312	7 (8)	1.151	1.728	11 (3)	1,34
Índia	33.949	55.249	8 (1)	595	947	25 (22)	1,04
Espanha	24.404	50.178	9 (10)	906	1.026	22 (5)	0,94
Itália	18.608	46.762	10 (18)	38	38	60 (58)	0,94
Coreia do Sul	16.152	45.192	12 (14)	342	909	29 (3)	0,71
BRASIL	11.976	35.663	13 (2)	68	101	0,68	0,66
Holanda	20.090	34.097	14 (2)	1.050	2.044	9 (4)	1,40
Rússia	26.141	28.641	15 (9)	903	300	44 (20)	0,38
Suécia	14.569	34.689	17 (14)	2.032	3.116	1 (1)	1,49
Turquia	7.992	24.114	18 (25)	119	391	38 (39)	0,97
São Paulo***	6.012	18.284	(22) (26)	161	380	(20) (27)	0,72
Portugal	8.719	31.889	24 (27)	269	1.133	24 (26)	0,88
México	5.382	10.543	31 (28)	31	98	53 (49)	0,67
África do Sul	4.024	9.210	26 (34)	99	179	48 (48)	0,76
Argentina	4.580	7.938	35 (32)	129	190	45 (38)	0,70
Índia	2.190	5.726	44 (40)	340	33	37 (37)	0,68

* Impacto relativo é a razão entre o número de citações por artigo para cada país/região e o número de citações por artigo para todos os artigos publicados no mundo, na base considerada.
** As posições são calculadas para o conjunto de 18 países que tiveram pelo menos um artigo publicado no período 1999-2013.
*** As posições para São Paulo não foram consideradas das bases Scopus e WoS.

Fontes: bases FAPESP, Thomson Reuters (publicações e citações), atualização setembro/2014, Banco Mundial (desenvolvimento)

BOAS PRÁTICAS

Mapeamento do plágio

O físico norte-americano Paul Ginsparg imaginava haver casos de plágio no arXiv, repositório criado por ele em 1991 no qual físicos, matemáticos e biólogos divulgam dados de suas pesquisas, submetendo-os à análise de colegas antes que sejam publicados. Para verificar a extensão do problema, ele e o pesquisador Daniel Citron, ambos da Universidade Cornell, Estados Unidos, analisaram 757 mil manuscritos indexados ao portal entre 1991 e 2012 por meio de um software que identifica a repetição de trechos em mais de um texto sem dar o devido crédito ao autor original. As conclusões do trabalho, publicadas em dezembro na revista *Proceedings of the National Academy of Sciences*, mostram que a reutilização de textos é mais comum do que Ginsparg considerava.

Segundo o levantamento, um em cada 16 autores do arXiv já praticou o autoplagio, que é a repetição de trechos presentes em manuscritos antigos de um pesquisador em novos trabalhos de sua autoria. O levantamento ainda mostra que um entre cada mil autores já copiou o equivalente a pelo menos um parágrafo de texto assinado por outros pessoas, sem citá-las. Também foi possível verificar que a incidência de casos de plágio varia geograficamente.

Em parceria com a revista *Science*, Ginsparg e Citron mapearam 57 países cujos pesquisadores têm contribuição destacada para o arXiv. Japão, Estados Unidos e Alemanha, que figuram entre os que mais compartilham trabalhos no repositório, tendem a plagiar com relativamente pouca frequência. O índice de autores com alta probabilidade de terem plágio

foi de 5,6%, 4,7% e 3,2%, respectivamente.

Os índices mais altos foram observados em nações como Índia (25,2%), Irã (15,5%) e China (10,7%), que estão bem acima da média global, que é de 3,2%. No Brasil, 8% dos autores que submeteram manuscritos ao arXiv no período analisado enfrentam forte suspeita de terem cometido plágio. No artigo, os autores da pesquisa atribuem tais práticas a "diferenças em infraestrutura e orientação ou incentivos que enfatizam a quantidade de publicações em vez da qualidade". Os resultados do estudo indicam, ainda, que autores que copiam textos alheios costumam ser pouco citados. Para Rogério Menechini, coordenador científico da biblioteca virtual SciELO Brasil, a pressão sobre os pesquisadores para publicar



cada vez mais pode criar condições que favoreçam casos de má conduta. "Essa pressão é forte em países como China e Irã, cujos pesquisadores procuram revistas de outros lugares, inclusive o Brasil, para escoarem essa produção crescente", diz Menechini.

Pouca transparência

Um estudo conduzido pelo Escritório de Integridade Científica britânico (Ukrii, na sigla em inglês) mostrou que poucas universidades no Reino Unido publicam relatórios das investigações que realizam sobre casos de má conduta científica, embora devam divulgar tais informações anualmente. Desde 2013, a Universities UK, órgão que reúne instituições de ensino superior e pesquisa britânicas, determina que as universidades sigam um guia de boas práticas científicas que estabelece transparência nas investigações, com a divulgação pública de seus resultados.

Mas não é o que acontece. Das 27 universidades ligadas ao escritório que participaram da pesquisa, apenas um terço divulgou relatórios nos

quais expõem conclusões e medidas tomadas em relação a infrações cometidas por pesquisadores entre 2013 e 2014. O estudo escolheu aleatoriamente outras 44 instituições não vinculadas ao Ukrii. Observou que somente três (7%) publicaram documentos desse tipo. No total, foram contabilizados apenas 12 relatórios gerados a partir de 21 inquéritos, dos quais em 4 se confirmaram as alegações de má conduta. Para a autora da pesquisa, Elizabeth Wager, as universidades temem que a exposição de casos ao público prejudique a sua reputação. "Investigações conduzidas corretamente devem ser vistas como motivo de orgulho, não como algo que possa envolver uma universidade", disse ela à revista *Nature*.

Sequência de páginas das seções da revista Pesquisa FAPESP, vinhetas de Daniel Bueno, 2015.

Reconhecimento britânico

O diretor científico da FAPESP, Carlos Henrique de Brito Cruz, recebeu no dia 20 de maio a condecoração de Oficial da Ordem do Império Britânico, em reconhecimento a seu trabalho na Fundação pela ampliação e fortalecimento de parcerias para cooperação científica entre Brasil e Reino Unido. Ele é o primeiro brasileiro nos últimos 10 anos a receber o título, que reconhece o valor do trabalho de pessoas nos campos das artes, ciência e serviços públicos.

A cerimônia aconteceu na residência da consuleira-geral britânica, Joanna Crellin, em São Paulo. "Tanto do ponto de vista pessoal como institucional, este reconhecimento vem de realizações da FAPESP ao longo de sua história e especialmente, em tempos mais recentes, do desenvolvimento da atividade de colaboração internacional em pesquisa", disse Brito Cruz. Ele também citou o atual estágio "mais complexo e completo" da cooperação FAPESP-Reino Unido. Na cerimônia, foi destacada a sua participação no estímulo ao intercâmbio científico entre pesquisadores do Reino Unido e de São Paulo e nos esforços feitos em sua gestão na Diretoria



Carlos Henrique de Brito Cruz, diretor científico da FAPESP, recebe condecoração de Oficial da Ordem do Império Britânico

Científica para o estabelecimento de acordos de cooperação em pesquisa. Hoje, a Fundação mantém 35 acordos com instituições de fomento, ensino e pesquisa e com empresas britânicas. Ao entregar a insígnia, criada em 1917 pelo rei George V, o embaixador britânico no Brasil, Alex Ellis, afirmou que a FAPESP contribuiu para uma mudança na relação científica entre os dois países. "A condecoração de um acordo com os Conselhos de Pesquisa do Reino Unido, em 2009, foi um fato transformador, em termos de fluxo de conhecimento entre as instituições dos dois países", disse.

Conselheiro Goldemberg

O físico José Goldemberg foi nomeado pelo governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, para integrar o Conselho Superior da FAPESP, em complementação ao mandato do professor titular do Instituto de Física da Universidade de São Paulo (USP) Alejandro Szanto de Toledo, que morreu em fevereiro. Professor do Instituto de Energia e Ambiente da USP, Goldemberg foi indicado ao cargo pela universidade, da qual foi reitor entre 1986 e 1990. Nascido na cidade gaúcha de Santo Ângelo em 1928, Goldemberg fez o bacharelado em Ciências (1950), doutorado (1954) e livre-docência (1957) na USP. Também passou períodos nas universidades de Paris, Toronto, Princeton e Stanford. No governo federal, foi secretário de Ciência e Tecnologia da Presidência da República, secretário

interino de Meio Ambiente na época da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente (Rio-92) e ministro da Educação. Entre os anos de 2002 e 2006, assumiu a Secretaria do Meio Ambiente do governo paulista. Especialista em física nuclear e em energia renovável, José Goldemberg é um dos mais premiados pesquisadores do país. Em junho de 2008, recebeu o prêmio Planeta Azul, da Asahi Glass Foundation, do Japão, por contribuir na formulação e implementação de políticas para melhorar o uso e a conservação de energia, com destaque para um conceito formulado por ele segundo o qual, para se desenvolver, os países pobres não precisam repetir paradigmas tecnológicos trilhosados no passado pelos ricos. No ano passado, recebeu em Abu Dhabi e Zayed Future Energy Prize, concedido a profissionais de destaque na área de energia renovável por uma fundação criada pelo filho do sheique Zayed bin Sultan Al Nahyan, um dos fundadores dos Emirados Árabes Unidos. Em 2004, ganhou o prêmio da Fundação Conrado Wessel na categoria Ciência, que será entregue este mês.



José Goldemberg, nomeado para o Conselho Superior da FAPESP



Novo modelo de aconselhamento

Parece ter chegado ao fim o mal-estar gerado entre a Comissão Europeia e a comunidade científica do continente, após seis meses de incertezas sobre quem substituiria a bióloga escocesa Anne Glover no cargo de conselheiro científico-chefe da instituição. O presidente da comissão, Jean-Claude Juncker, escalou o português Carlos Moedas, comissário da União

Europeia para assuntos científicos e de inovação, para coordenar a implantação de um novo modelo de aconselhamento científico para a Comissão Europeia, baseado na formação de um comitê independente composto por sete cientistas de alto nível acadêmico. O padrão até então adotado era muito parecido com o dos países de língua inglesa, como Estados Unidos e

Reino Unido, em que o conselheiro científico, centrado na figura de uma única pessoa, trabalha integrado ao comando da instituição ou do governo. Países europeus, no entanto, preferem a formação de conselhos consultivos. Segundo reportagem publicada pelo jornal Financial Times, Moedas espera que o novo sistema entre em vigor até o segundo semestre.

O português Carlos Moedas mudará o aconselhamento científico na Comissão Europeia

Guia de museus da América Latina

Dos 468 centros e museus de ciência existentes na América Latina e Caribe, mais da metade (272) está localizada no Brasil. O levantamento está presente no Guia de centros e museus de ciência da América Latina e Caribe, lançado em maio durante o 14º Congresso da Rede de Popularização da Ciência e da Tecnologia da América Latina e Caribe (RedPop), em Medellín, na Colômbia. O guia traz informações sobre a história e a localização de centros e museus dos países da região, incluindo jardins botânicos, aquários, planetários e zoológicos. Há também fatos curiosos sobre alguns deles, como o Museo Chiapas, no México, construído numa antiga prisão.



"A quantidade de centros e museus é maior do que imaginávamos, mas ainda insuficiente", diz Luisa Massarani, diretora da RedPop, pesquisadora do Museu da Vida da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e coordenadora do guia. A expectativa, diz ela, é que o guia dê mais visibilidade aos museus e sirva de referência para pesquisadores. As versões em português e espanhol do guia estão disponíveis no site da RedPop (www.redpop.org).

Inovação ibero-americana

Em 2012, o Brasil contabilizou mais de US\$ 146 milhões gerados a partir da transferência de conhecimento e tecnologia de universidades a empresas, por meio de licenciamento de patentes, criação de spin-offs e outras modalidades. O valor é superior ao de 2009, quando foram registradas pouco mais de US\$ 33 milhões. A análise faz parte de uma radiografia dos sistemas de ciência, tecnologia e inovação de 21 países ibero-americanos organizada no livro *La transferencia de I+D+I: La innovación y el emprendimiento en las universidades*, lançado na FAPESP. "O objetivo foi medir o impacto da atividade de pesquisa na relação entre universidades e empresas", disse Senén Barro, organizador da obra e presidente da RedEmprendia, que agrega 24 universidades com atuação em inovação. O desempenho brasileiro é atribuído à consolidação dos Núcleos de Inovação Tecnológica (NITs) vinculados a universidades e institutos de pesquisa, responsáveis pela avaliação dos requisitos para patentear tecnologias.





Grãos de pólen podem contribuir para a formação de nuvens, aumentando a incidência de chuvas.

Semeadores de nuvens

O pólen, aquelas minúsculas cápsulas carregadas pelo vento e responsáveis por dispensar o material genético das plantas, além de causar reações alérgicas em milhares de pessoas por todo o mundo, pode contribuir para a formação de nuvens e sua dispersão pela atmosfera, aumentando a incidência de chuvas e influenciando o clima do planeta. A conclusão é de um grupo de pesquisadores da Universidade de Michigan, nos Estados Unidos. Há muito se sabe que, soltos no ar, esses pequenos grãos muitas vezes se quebram em pedaços ainda menores, provocando respostas alérgicas, como a rinite, quando entram em contato com nosso organismo. Em laboratório, os pesquisadores investigaram se a umidade atmosférica

seria responsável por fazê-los se quebrar. Para isso, usaram pólen das árvores que mais liberam essas partículas nos Estados Unidos: carvalho, noz, videira, cedro, pinheiro e amêndoa. Aparentemente, os grãos de pólen dessas plantas rapidamente se rompem em pequenas partículas quando entram em contato com a água (Geophysical Research Letters, 11 de maio). Em seguida, para verificar se eles poderiam contribuir para a formação de nuvens, os pesquisadores pulverizaram esses fragmentos úmidos em uma câmara que simula as condições atmosféricas da Terra. Observaram que eles agiam como núcleos de condensação, ou colóides da água, formando nuvens.



Braço fraco, coração frágil

A reduzida força de preensão — a capacidade de prender algo com firmeza com as mãos, por exemplo — está ligada a uma menor sobrevivência e a um risco maior de infarto, de acordo com um estudo com 140 mil adultos com idade entre 35 e 70 anos em 17 países, incluindo o Brasil (Lancet, 13 de maio). A reduzida força muscular, nesse caso, avaliado por meio de um dinamômetro de preensão manual, tem sido associada à morte prematura e deficiências físicas. Até agora, os dados se limitavam a países ricos.

No mês recente levantamento, no entanto, participaram também pessoas da Índia, Zâmbia e Bangladesh, ao lado de outras do Canadá e da Suécia. Os resultados associaram uma elevação de 16% no risco de morte por qualquer causa e de 17% no risco de morte por infarto a cada 5 quilogramas de declínio na força de preensão. Os autores do estudo, liderado por pesquisadores da Universidade McMaster, Canadá, sugerem que a baixa preensão, por ter se mostrado um forte indicador de risco de morte por problemas cardíacos, poderia ser usada como um teste rápido e de baixo custo para identificar as pessoas mais suscetíveis a infarto.



Caminhão dirigido por piloto automático

Em maio, o Freightliner Inspiration Truck, o primeiro caminhão pesado autônomo — operado por piloto automático — do mundo a receber licença para trafegar em estradas. Produzido pela empresa alemã Daimler Trucks, o veículo recebeu a autorização do estado de Nevada, nos Estados Unidos. O fato de ser autônomo não quer dizer, no entanto, que o caminhão não precise de motorista. Na verdade,

é um profissional que aciona ou desliga o piloto automático rodoviário chamado Highway Pilot e realiza algumas manobras, como dar a partida, estacionar ou trocar de pista, por exemplo. O sistema autônomo é dotado de uma câmera estereoscópica e sistemas de radar com as funções de manter a distância e de evitar colisões. Ele regula a velocidade, usa os freios e dirige. O veículo

cumprirá os limites de velocidade informados, ajusta a distância a ser mantida em relação ao carro que vai à frente e usa a função de parada/partida durante a hora do rush. O sistema Highway Pilot não dá início às manobras de ultrapassagem de forma autônoma, entretanto. Elas precisam ser executadas pelo motorista. O mesmo se aplica para sair da rodovia ou mudar de faixa.

Highway Pilot ajusta automaticamente a velocidade, acelera freios e previne colisões em estradas.

Dispositivo desenvolvido na Unicamp tem alcance de leitura acima de 8 metros.

Etiqueta inteligente para metais

Uma etiqueta para identificação por radiofrequência (RFID), que opera na faixa UHF (ultra high frequency) e pode ser empregada em objetos metálicos como placas, tubos e contêineres, foi desenvolvida na Faculdade de Engenharia Elétrica e Computação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) durante a pesquisa de mestrado do engenheiro Manoel Barbin, orientada por Michel David Yacoub. O seu alcance de leitura ultrapassa os 8 metros, padrão não nem sempre alcançado pelas etiquetas comerciais. Bastante

utilizadas em aplicações industriais e logísticas, as etiquetas inteligentes convencionais — compostas por um circuito eletrônico que armazena informações e uma antena — enfrentam problemas na leitura de objetos metálicos na faixa UHF, porque o metal interfere nesse tipo de onda. A etiqueta desenvolvida na Unicamp foi construída com um novo método de alimentação do sinal de radiofrequência que faz a conexão entre o circuito integrado e a antena de transmissão e recepção de dados. “A alimentação se dá atra-



visível de uma fenda no elemento irradiante da antena”, diz Barbin. Para ele, o novo método facilita a montagem da etiqueta no processo de fabricação.

Invasores bem integrados

Espécies invasoras são vilãs aos olhos dos biólogos. Como regra geral, a descaracterização de habitats nativos reduz a diversidade biológica. Animais e plantas que vêm de fora são mais generalistas, por isso sobrepõem os locais e geram comunidades mais homogêneas em termos de papéis ecológicos. Mas nem sempre, conforme estudo feito nos Açores por um grupo internacional com o ecólogo Mário Almeida-Neto, da Universidade Federal de Goiás (UFGO, 29 de maio). Ao analisar invertebrados de quatro ilhas (Flores, Faial, Terceira e Santa Maria) desse arquipélago atlântico, em ambientes com diferentes graus de perturbação humana, os pesquisadores verificaram que a fauna exótica forma conjuntos heterogêneos de espécies, que mantêm a complexidade ecológica. A regra parece não ser tão geral assim.



Um retrato profundo da cratera de Colônia

Por meio de uma força-tarefa científica, pesquisadores de São Paulo, Montpellier (França) e Berlim (Alemanha) construíram um retrato bastante rico da estrutura geológica da cratera de Colônia, localizada em Parahybatã, zona sul da cidade de São Paulo. (Meteoritics and Planetary Science, novembro de 2010). Com formato circular, bandas que se elevam a 125 metros da planície central pantanosa e 3,6 quilômetros de diâmetro, a cratera foi descoberta acidentalmente em 1961, a partir de fotos aéreas. É o possível resultado do impacto de um meteorito ou algum outro corpo celeste de dimensões consideráveis, mas ainda não identificada. As análises das rochas e dos sedimentos ainda não elucidaram a origem da

Os pingüins se confundem o gelo, mas o cenário se distingue da paisagem.

Paul Pinquari, USP

No fim de São Paulo, uma rara mancha pantanosa se ergue à escarpada Parahybatã.



O primeiro senso dos pingüins

Sempre foi difícil saber quantos pingüins imperadores vivem na Antártida, porque eles formam colônias imensas e passam a maior parte do tempo em áreas remotas e sob temperaturas bastante baixas. Agora, uma equipe internacional - liderada pelo geógrafo Peter Frenzel, do Serviço Antártico Britânico (BAS), em colaboração com especialistas dos Estados Unidos e da Austrália - parece ter resolvido o problema a valendo-se de uma técnica de mapeamento por satélite. Usando imagens de resolução muito alta, os pesquisadores conseguiram ver a diferença entre as áreas, o gelo, a sombra e o guano dos pingüins. E, como resultado,

chegaram a um total de 595 mil pingüins vivendo em 44 colônias já conhecidas e sete ainda desconhecidas ao longo da costa da Antártida. Essa estimativa representa quase o dobro da estimativa anterior, de 270 mil a 350 mil animais. Esse é o primeiro censo abrangente de uma espécie feita do espaço, realizada por meio de uma técnica de baixo impacto ambiental e baixo custo. Os pesquisadores responsáveis por esse trabalho acreditam que daí devem sair informações precisas para planejar o trabalho de conservação dos pingüins, ameaçados pelo aquecimento global (PLoS ONE, 13 de abril).

Emoções sob o filtro da cultura

Os seis estados emocionais básicos dos seres humanos - felicidade, surpresa, medo, z, surpresa, indiferença, aversão, raiva e tristeza -, que Darwin supunha universais, não são universais: sofrem a influência da cultura (PNAS, 16 de abril). Pesquisadores ingleses e suecos chegaram a essa

conclusão vendo como 15 europeus e 15 chineses classificavam imagens de rostos que expressavam essas emoções. Enquanto os ocidentais reconhecem as seis emoções básicas com um conjunto característico de movimentos faciais, os orientais as identificam mais facilmente por meio de movimentos dos

olhos. Os orientais sabem se alguém está feliz, mas pelos olhos do que por um sorriso. Os asi-estados emocionais previstos por Darwin parecem ser inadequados para representar os estados dos orientais, cuja cultura abriga outros emoções fundamentais como vergonha, orgulho ou culpa.



Bisturi que corta a luz

Como alternativa aos aquecedores importados, pesquisadores do Instituto de Física de São Carlos da Universidade de São Paulo (USP) e da empresa WEM concluíram o desenvolvimento do protótipo de um bisturi ultrassônico, que deve proporcionar aos médicos maior precisão nos cortes que os modelos tradicionais e aos pacientes, uma recuperação mais rápida (USP Online). Um sinal elétrico transmitido ao bisturi excita um conjunto de osciladores, que geram o chamado

efeito piezoeletrico reverso, vibrando e produzindo movimentos em uma frequência de 50 mil a 55 mil Hertz por segundo, bastante superior à detectada pelo tecido humano. Um conversor amplifica a potência acústica e gera uma vibração longitudinal na haste, que decompõe as proteínas de que estão formados os tecidos. Projetado para cortar tecidos moles, o aparelho possui uma ponta, similar a um alfinete, que prende o tecido enquanto o corte é o cauteloso.

Além do instrumento de cura, doença que se espalha em São Paulo.



Vírus da dengue tipo 4 em SP

Um grupo do Instituto Adolfo Lutz isolou e identificou o vírus tipo 4 da dengue (DENV-4) pela primeira vez em duas pessoas em São Paulo em uma mulher de 31 anos residente em São José do Rio Preto, cidade de 400 mil habitantes no norte do estado, e em um homem de 49 anos de Paulo de Faria, de 8.500 moradores, também a norte. Os testes foram realizados por Iraj Maria Rocco, Iraj Bardi e Akemi Suzuki, e os resultados confirmados por meio de várias técnicas (em clones, em células e por biologia celular). As pesquisadores alertam para a possibilidade de surgirem casos mais severos da doença, uma vez que as outras três formas do vírus já estão circulando na região, tendo causado várias epidemias recentes. A população dessa região - e de outras do estado - pode estar vulnerável, já que o vírus tipo 4 não é encontrado há cerca de 30 anos. Os primeiros casos de dengue do tipo 4 no Brasil foram registrados em agosto de 2010 em Rondônia, depois o vírus emergiu em estados das regiões norte e nordeste, sendo registrado no Rio de Janeiro pela primeira vez em 2011 (Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo, Janeiro).

Exemplo de template enviado pela revista Pesquisa FAPESP, com os textos a serem considerados e demarcação dos espaços para as vinhetas. Ao lado, a primeira página dupla da seção Tecnociências, 2012.

O costume era ser uma sequência de páginas. Confirmam e reparem no modo como esses espaços são sugeridos.

A borda irregular recomenda uma vinheta sem fundo bloqueado e retangular.

As loiras das cavernas

As mulheres do norte da Europa adquiriram cabelos claros e olhos azuis – com a ajuda apenas da genética – no final da Idade do Gelo, destacando-se e atraindo a atenção dos homens. Até 11 mil anos atrás os seres humanos tinham cabelos e olhos escuros, mas de uma mutação rara, de repente, começaram a surgir as primeiras Marylins. Essa característica penúltima porque trazia vantagem evolutiva: as loiras de olhos azuis poderiam ganhar a competição com as morenas, já que os alimentos – e os homens – eram escassos e as mulheres não faziam trabalhos (Doolson and Hanson, *Behaviour*, abril). As loiras podem ter surgido na Europa como resultado de uma pressão pela seleção sexual, que favorece características ligadas à cor, concluiu Peter Frost, antropólogo

da Universidade Andrews, Escócia, e autor do estudo que levou a essas conclusões. Até agora, o fato de haver sete tonalidades de loira na Europa permanecia um mistério. No entanto, Peter Ayton, professor de psicologia da City University, de Londres, verificou que os homens modernos responderam mais positivamente a fotos de mulheres morenas e ruivas do que a loiras. A explicação é os homens podem ter se tornado mais atraídos pela inteligência, representada em sua psique por morenas, do que aos encantos mais físicos do cabelo loiro. “A medida que o papel da mulher evoluiu, as expectativas dos homens mudaram”, comentou Ayton. “É possível que certas cores de cabelo possa indicar riqueza e experiência.” (*The Independent*, 18 abril)



Viagra

Ilustra 10cm x 5,5cm

Viagra, o mais falsificado

Medicamentos contra impotência sexual masculina (Viagra e Cialis) foram os mais falsificados nos últimos anos, de acordo com levantamento de Joseane Ames, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, e Daniele Zago Souza, do Departamento de Polícia Federal de Porto Alegre. Das examinadas 610 laudas de apreensão de medicamentos falsificados, declarados falsos após análises laboratoriais e visuais de peritos criminais e 371 laudas de remédios falsificados, com outro princípio ativo, de 2007 a 2010. A

maioria dos laudos (80%) referia-se a vendas falsificadas de medicamentos contra impotência e esteróides anabolizantes. Alguns medicamentos – mesmo os menos frequentes como o antitumoral imatinib (Gleevec) – não tinham nenhum ingrediente ativo. Metade dos remédios falsos foi apreendida no Paraná, 16% em São Paulo e 6% em Santa Catarina. Nenhuma apreensão foi registrada no Acre, Espírito Santo, Pará, Paraíba, Piauí, Roraima, Sergipe e Tocantins. (*Revista de Saúde Pública*, janeiro).



Além disso, átomos de nitrogênio aparecem de modo aleatório

Um computador em um diamante

Físicos da Universidade do Sul da Califórnia (USC), Estados Unidos, fizeram impurezas dispersas entre os átomos de carbono de um diamante se organizarem do modo previsto em um computador quântico, incluindo uma proteção contra um barulho prejudicial chamado decoerência (*Nature*, 5 de abril). Manipulando nitrogênio e partículas subatômicas, eles

reproduziram dois bits quânticos, que podem codificar os estados zero e 1 e fazer cálculos mais rápidos que nos computadores atuais. Rodando o chamado algoritmo de busca de Grover, obtiveram a escolha correta na primeira tentativa em 95% dos casos, que indicou que o conjunto de átomos dentro do diamante operava de modo quântico.

Vida pré-cambriana na China

Shuhai Xiao e sua equipe do Instituto Politécnico e Universidade Estadual de Virgínia (Virginia Tech), Estados Unidos, estão encontrando no sul da China evidências de que animais semelhantes a corais podem ter vivido no chamado período Ediacarano, que começou há 635 milhões de anos e terminou há 542 milhões de anos, quando

começou o período Cambriano. Os microfósseis de embriões bastante preservados, como os da foto ao lado, podem ter de 635 milhões a 551 milhões de anos de idade – são importantes por serem um registro anterior à explosão de formas de vida ocorrida no Cambriano, provavelmente em consequência de níveis mais altos de oxigênio no planeta.

Em um de seus estudos mais recentes, Xiao argumenta que o surgimento de colônias com milhares de microfósseis deve estar associada a variações locais de oxigenação em lagoas na China (Precambrian Research, janeiro).



Embriões bem conservados, com 600 milhões de anos

Oregano e tomilho para conservar óleos

O oregano, condimento indispensável em pizzas e molhos da autêntica cozinha italiana, ganhou mais uma utilidade: ajudar a conservar óleos vegetais, sujeitos a oxidação e alterações de sabor quando deixados para ser consumidos. Patrícia Vieira Del Rê e Neusa Jorge, pesquisadoras da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de São José do Rio Preto, compararam as propriedades antioxidantes das folhas de três vegetais usados como tempero – oregano, manjerico e tomilho. O oregano e o tomilho foram os que se mostraram mais eficazes para conservar óleo de soja, em concentrações de 3 mil miligramas por quilograma – para quem tem interesses culinários em pequena escala de produção, bastariam algumas folhas para manter as características sensoriais de cada tipo

de óleo aberto. Os pesquisadores responsáveis por esse estudo acreditam que as oleorresinas e os antioxidantes (principalmente beta-caroteno e ácido linoleico) dessas plantas poderiam servir como alternativa aos conservantes sintéticos. (*Ciência e Tecnologia de Alimentos*, outubro).



Orégano

Ilustra 7cm x 8cm

Quem estudou mais vive mais

Como nos países ricos da Europa, a maior escolaridade parece beneficiar a longevidade nos países pobres da América Latina e da Ásia. Um estudo internacional com pesquisadores da Inglaterra, Peru, Venezuela e Índia chegou a essa conclusão após realizarem um levantamento com 12.373 pessoas com 65 anos ou mais de 2003 a 2005 de nove cidades da América Latina (Cuba, República Dominicana, Venezuela, Peru), México, China e Índia (PLoS Medicine, fevereiro). As taxas de mortalidade variaram de 27,3 para cada grupo de 1 mil pessoas por ano no Peru a 70 por 1 mil na

Índia (no Brasil, um estudo equivalente, com 1.399 participantes, indicou uma taxa de mortalidade de 48,3 por mil pessoas-ano). Além da escolaridade, a proteção familiar e a efetividade dos sistemas de saúde em prevenir e tratar doenças crônicas e, de modo geral, a independência econômica se mostraram como fatores que reduzem a mortalidade. Comparada com os Estados Unidos, as taxas de mortalidade foram muito maiores nas regiões urbanas da Índia e nas áreas rurais da China, bem menores no Peru, Venezuela e México e similares nos outros países.

Ao lado, a segunda página dupla da seção Tecnociências, 2012.

As áreas coloridas (com especificação de tamanho) devem receber vinhetas.

Emoções sob o filtro da cultura

Os seis estados emocionais básicos dos seres humanos – felicidade, surpresa, medo, z, surpreso, amedrontado, aversão, raiva e tristeza –, que Darwin supunha universais, não são universais: sofrem a influência da cultura (PNAS, 16 de abril). Pesquisadores ingleses e suecos chegaram a essa

conclusão vendo como 15 europeus e 15 chineses classificavam imagens de rostos que expressavam essas emoções. Enquanto os ocidentais reconhecem as seis emoções básicas com um conjunto característico de movimentos faciais, os orientais as identificam mais facilmente por meio de movimentos dos

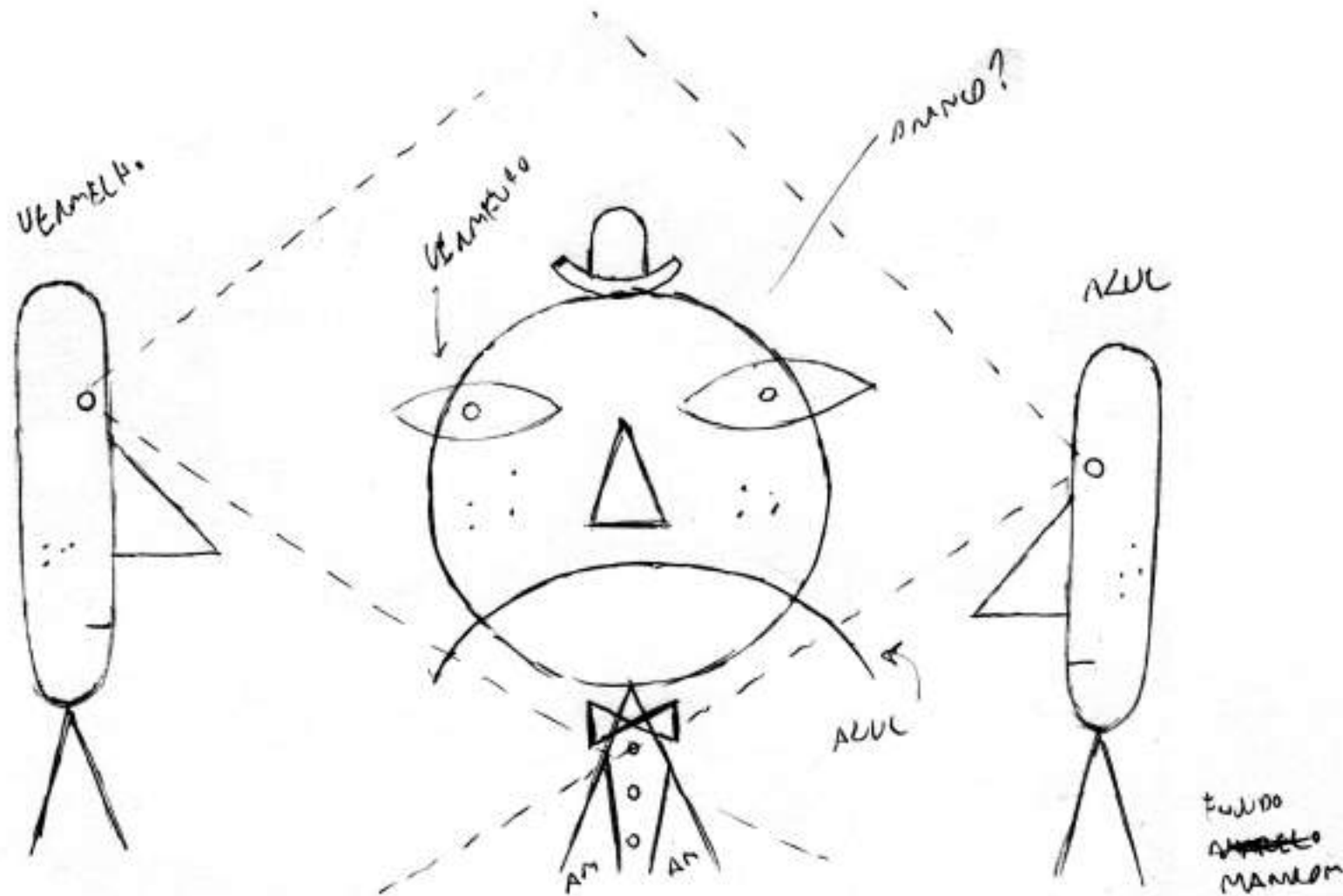
olhos. Os orientais sabem se alguém está feliz mais pelos olhos do que por um sorriso. Os seis estados emocionais previstos por Darwin parecem ser inadequados para representar os estados dos orientais, cuja cultura abriga outras emoções fundamentais como vergonha, orgulho ou culpa.

Emoções

Ilustra 11, 5cm x 5,5cm

No detalhe ao lado podemos conferir o conteúdo do texto.

Vamos ver como o ilustrador Daniel Bueno fez o rascunho e finalizou a vinheta nesse caso.



Rascunho enviado para o cliente.

Após ser aprovado, o ilustrador partiu para finalização em arte digital, explorando formas sintéticas e geométricas, e cores chapadas.

Importante: uma paleta de cores foi definida para ser aplicada em toda edição (a colaboração era mensal). Isso ajudaria a dar coesão às páginas e identidade à seção.



Ao lado, a arte
concluída.

Além das cores
chapadas, o ilustrador
utilizava na época
elementos gráficos (que
tinha prontos) para um
“toque final”.

O próprio ilustrador
testava depois a vinheta
na diagramação pra
avaliar o resultado.

Há uma forma de fundo
circular coesa, mas
vários elementos
“escapam” dela.

ILUSTRAÇÃO EDITORIAL: CONHECIMENTO

Processo Criativo e Mapas Imaginários



CASO 1: Ciência Hoje das Crianças

Iremos agora conferir o processo criativo de criação de uma ilustração para revista infantil Ciência Hoje das Crianças.

Tema: O Caipora – lenda indígena

Cores: CMYC

Tamanho: Página dupla (ver template)

Prazo: Menos de uma semana: deveria enviar o rascunho em dois dias e finalizar em mais três dias.

Layers: o elemento principal da ilustração (de modo geral, um personagem) deveria ser enviado em layers num arquivo PSD com resolução de 400 dpi para ser trabalhado numa animação na página do site.

Formato 41cm X 27,5cm + 0,5cm em volta para sangramento.
Vamos manter um box em branco com o texto em preto

BAÚ DE HISTÓRIAS

O caipora

**Lenda indígena*

Caipora, em Tupi, quer dizer ‘habitante do mato’. Reza a lenda que essa criatura protege as plantas, os animais, os rios e as cachoeiras, aparecendo sempre muito depressa para assustar qualquer estranho.

Dizem que o caipora é pequeno, cabeludo, tem a pele vermelha e um olho só. Não parece alguém que a gente tenha muita vontade de encontrar. Mas Cauê encontrou.

Cauê era um jovem indígena, um tanto rebelde, que resolveu fugir de sua aldeia para se isolar no mato. Passou a viver distante dos outros índios, longe do aprendizado de sua tribo e começou a fazer coisas erradas. Arrancava folhas, desperdiçava comida, arremessava pedras e mais pedras no rio...

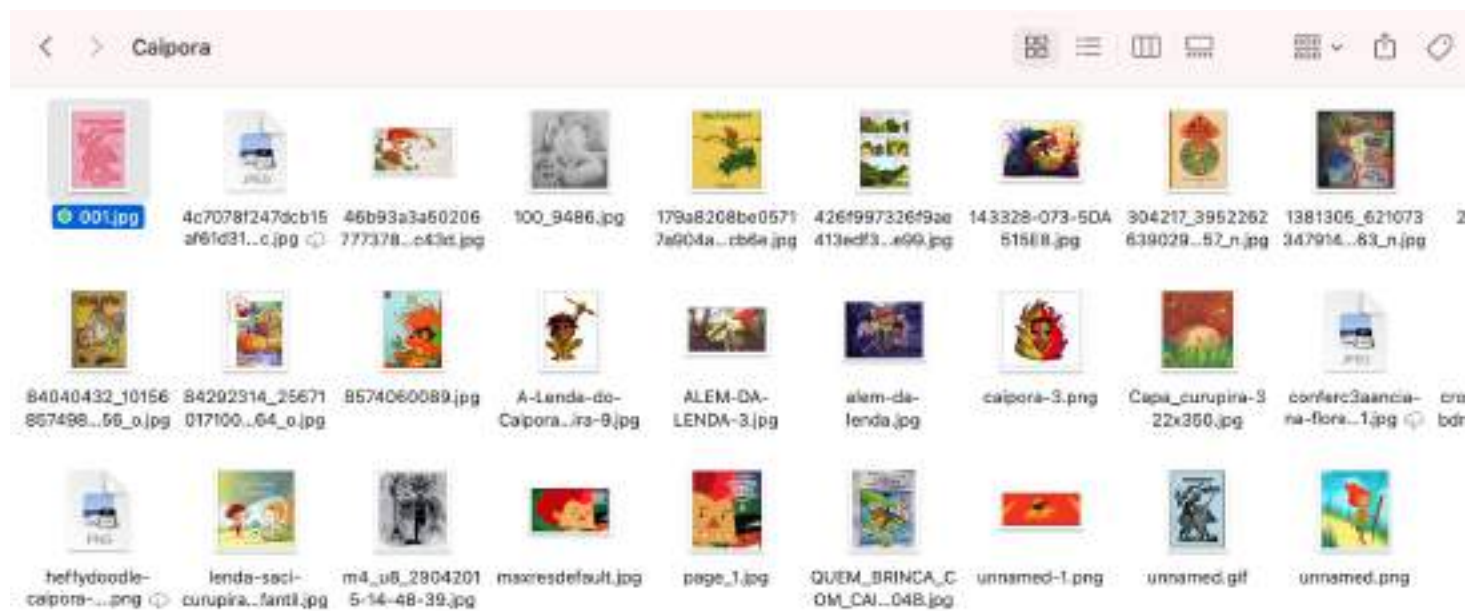
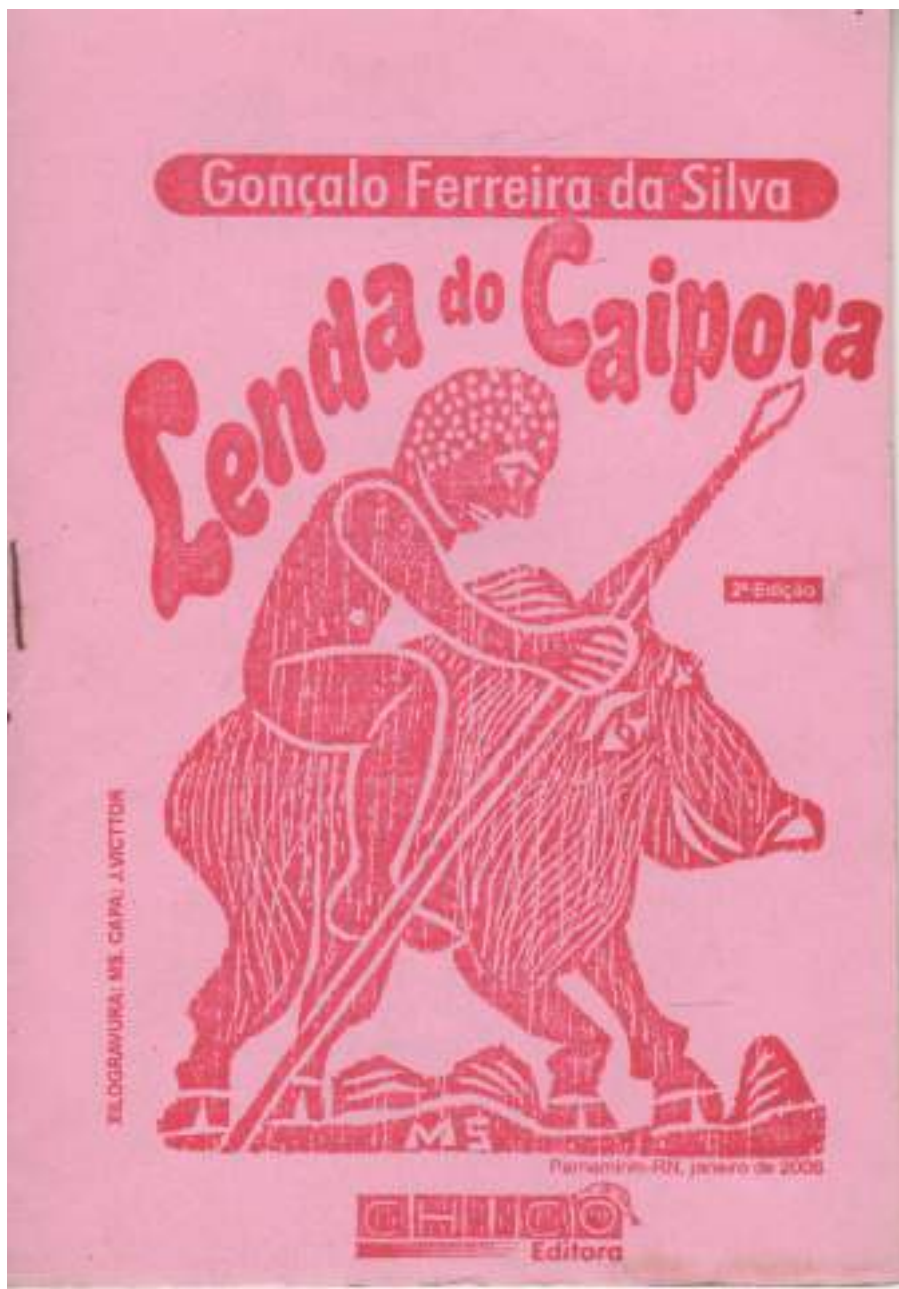
Não demorou para que o caipora farejasse aquela desordem na mata. Montado em seu porco selvagem, saiu para ver o que estava acontecendo. Galopou em alta velocidade, abrindo espaço entre veados, coelhos, capivaras e outros bichos. Sentindo a presença de Cauê, os cabelos do caipora se balançaram. O índio ficou apavorado com o vento, pressentindo a proximidade do protetor da mata. Assustado, voltou correndo para a aldeia e prometeu nunca mais se afastar da sua gente.

**Lenda de origem indígena livremente adaptada pela CHC.*

TEMPLATE

Ao lado temos o arquivo em PDF enviado pelo designer da revista com o template indicando o espaço pra ilustração: toda a página dupla, com exceção do bloco de texto.

Reparem que o texto final já está inserido no bloco branco.



PESQUISA

Após ler o texto, achei importante entender melhor o que é o Caipora, e fiz uma pesquisa de imagens e conteúdo na internet.

Abri uma pasta pra esses arquivos, como é possível perceber na imagem acima (detalhe da pasta aberta).

Ao lado, algumas das imagens da pasta.



RASCUNHO

Após alguns testes e versões, mando o rascunho definitivo pra aprovação do cliente.

No corpo da mensagem, envio um texto explicativo justificando as escolhas do rascunho.



BAU DE HISTÓRIAS

O caipora

**Lenda indígena*

Caipora, em Tupi, quer dizer 'habitante do mato'. Reza a lenda que essa criatura protege as plantas, os animais, os rios e as cachoeiras, aparecendo sempre muito depressa para assustar qualquer estranho.

Dizem que o caipora é pequeno, cabeludo, tem a pele vermelha e um olho só. Não parece alguém que a gente tenha muita vontade de encontrar. Mas Cauê encontrou.

Cauê era um jovem indígena, um tanto rebelde, que resolveu fugir de sua aldeia para se isolar no mato. Passou a viver distante dos outros índios, longe do aprendizado de sua tribo e começou a fazer coisas erradas. Arriancava folhas, desperdiçava comida, arremessava pedras e mais pedras no rio...

Não demorou para que o caipora farijasse aquela desordem na mata. Montado em seu porco selvagem, saiu para ver o que estava acontecendo. Galopou em alta velocidade, abrindo espaço entre veados, coelhos, capivaras e outros bichos. Sentindo a presença de Cauê, os cabelos do caipora se balançaram. O índio ficou apavorado com o vento, pressentindo a proximidade do protetor da mata. Assustado, voltou correndo para a aldeia e prometeu nunca mais se afastar da sua gente.

**Lenda de origem indígena livremente adaptada pela CHC.*

DIAGRAMAÇÃO

Jogo o rascunho no template pra visualizar melhor a proposta. O desenho irá me orientar na hora de desenhar digitalmente.

Procuo reservar a parte mais importante para a primeira página. A segunda página receberá uma continuação dessa imagem, com a paisagem, elementos de fundo.

Reparem nas linhas de corte espaço pra sangria: deveirei continuar a ilustração 0,5 cm pra cada lado da linha de corte.



ILUSTRAÇÃO FINALIZADA

Na hora de definir as cores, joguei as cores mais fortes e impactantes vermelho e preto no personagem principal; pro fundo explorei a luz do amarelo (contribuindo para o tom dinâmico e animado da ilustração) e verde claro (remetendo à natureza e, ao mesmo tempo, dando leitura sem competir com as imagens do primeiro plano).

Sutis texturas digitais foram acrescentadas no acabamento.

CASO 2: Mapinhas

Iremos agora conferir o processo criativo de uma série de mapinhas em tamanho pequeno para uma coluna da revista Carbone Uomo.

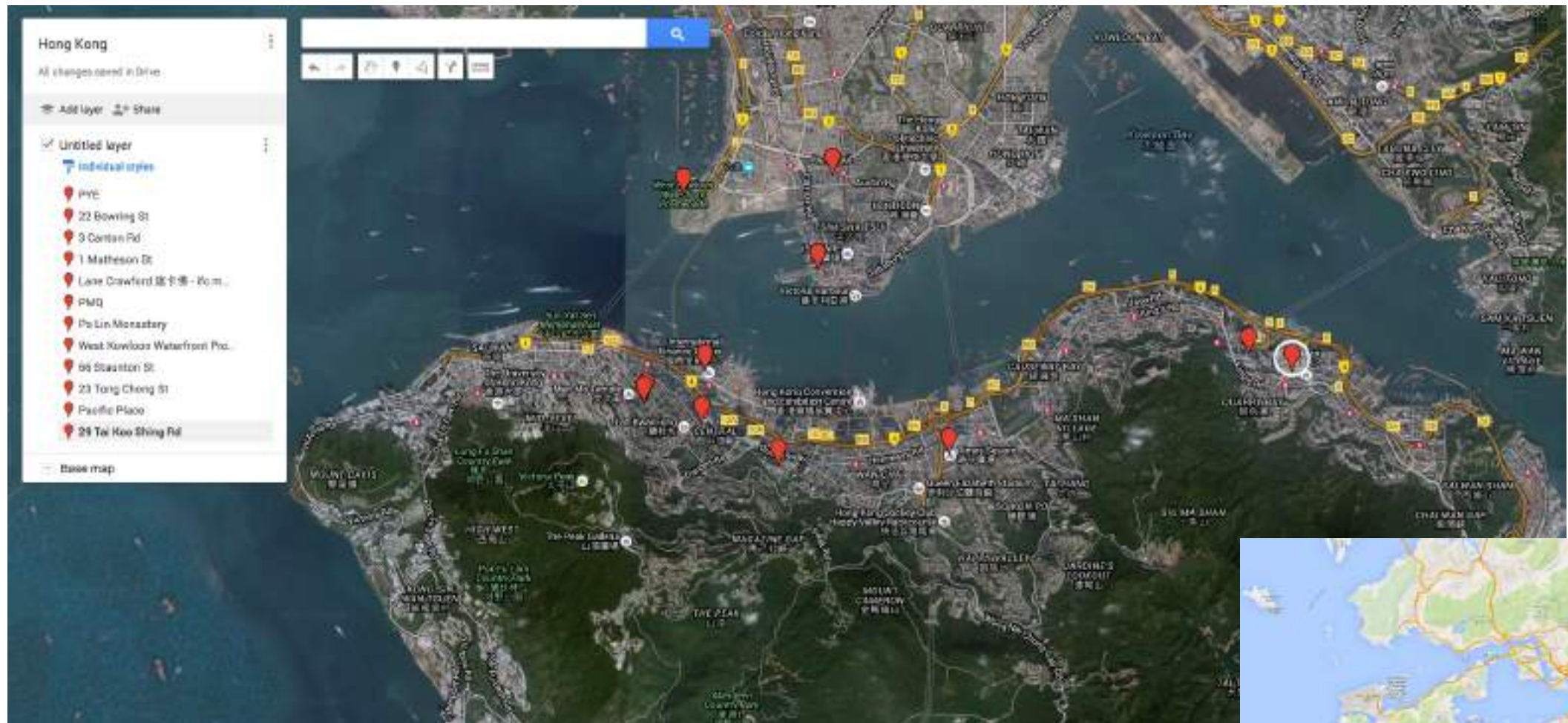
Tema: Cidades ou países em seção sobre viagens.

Cores: CMYC

Tamanho: variado, mas pequeno – como uma vinheta.

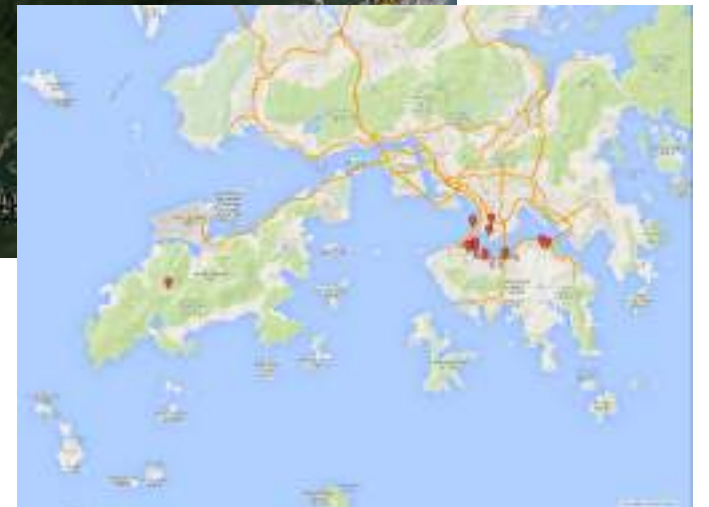
Prazo: Uma semana (em alguns casos eram três vinhetas nesse período).

Abordagem: Explorar a linguagem do mapa, mas fazer algo mais visual, mais uma ilustração livre do que algo informativo.



PESQUISA

Para fazer o mapinha de Hong Kong, fiz pesquisas na internet e selecionando imagens que pudessem me ajudar.





Quando ir

As temporadas vão do fim de novembro até o meados de abril. Durante os 11 dias de Sundance Film Festival, em janeiro, as ruas ficam lotadas, os restaurantes são fechados por grupos, os hotéis têm tarifas mais altas, mas as pistas estão vazias e você tem mais liberdade para esquiar



Istanbul



Estamos no meio do nada, a 150 quilômetros de algo parecido com o mundo civilizado. Para chegarmos até aqui, nas Mentawais, um grupo

VIAGEM

PARK CITY

texto e fotos Victor Collor de Mello



Localizada nas montanhas do norte do estado mórmon de Utah e endereço do badalado festival de cinema de Sundance, Park City reunia três das melhores estações de esqui dos EUA: Park City Mountain Resort, Deer Valley e Canyons Resort. Isso até o ano passado, quando a Vail Resorts (proprietária das estações de Vail e Beaver Creek, no Colorado, e de Lake Tahoe, entre os estados da Califórnia e de Nevada), interessada na combinação de gente bacana, resorts de luxo, neve de altíssima qualidade e outros atrativos como cervejarias artesanais, butikques de grifes de luxo e galerias de arte, adquiriu duas de suas estações. Depois de longa negociação, a empresa comprou o Park City Mountain Resort e o Canyons Resort por US\$ 182,5 milhões. Uma das primeiras e bem-vindas iniciativas da companhia foi uni-las sob apenas o nome de Park City, o que transformou a região no maior complexo de esportes de inverno americano, com quase 30 milhões de quilômetros quadrados de pistas esquiáveis.

Park City possui a maior concentração de hotéis e condomínios de luxo dos Estados Unidos. Para se ter uma ideia do luxo oferecido ao visitante, ícones do requinte e do bom gosto em hotelaria, como o Waldorf Astoria, o Saint Regis, o Montague e o Stein Eriksen Lodge, tem unidades na região. A cidade de 7.500 habitantes é uma joia guardada entre as montanhas. Mesmo com todo investimento, turismo e tecnologia dos dias atuais, ela tem um conselho atuante que mantém suas caracterís-



Estamos no meio do nada, a 150 quilômetros de algo parecido com o mundo civilizado. Para chegarmos até aqui, nas Mentawais, um grupo



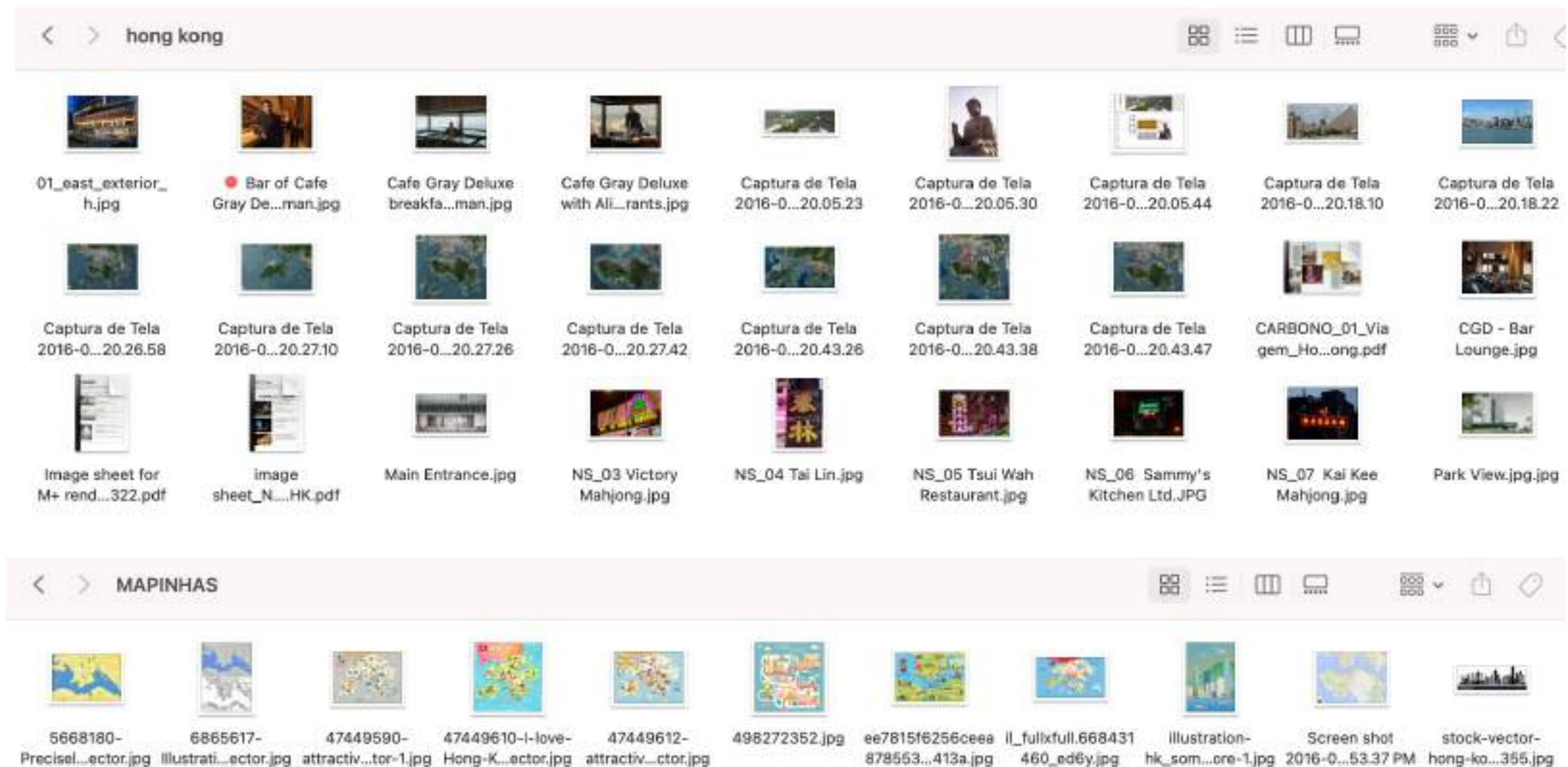
Como chegar

Park City fica a 35 minutos do aeroporto internacional de Salt Lake City, capital do estado de Utah. Vale a pena alugar um carro para aproveitar lugares que estão um pouco afastados da região central, e até mesmo conhecer outras pistas de esqui da região

TEMPLATE

Ao lado vemos o template enviado para passar uma ideia da diagramação e disposição da ilustração.

O mapa de Hong Kong entraria num espaço semelhante ao do mapinha amarelo da imagem.



PESQUISA

Criei algumas pastas: acima, vemos uma com imagens genéricas de Hong-Kong, mostrando edifícios icônicos, elementos urbanos, etc. Na segunda pasta, pesquisei mapas já feitos anteriormente para a Hong Kong.



ILUSTRAÇÃO FINALIZADA

Acima, vemos a arte finalizada dessa ilustração pequena – podemos chamar de uma vinheta – com o mapa de Hong Kong. Reparem que a abordagem é bastante livre, não há uma preocupação exagerada em definir elementos concretos. A intenção é passar uma ideia geral do lugar, funcionando mais como uma ilustração que teve o mapa como ponto de partida.



SÉRIE

A revista Carbono Uomo passou a me chamar com frequência para fazer esses mapinhas para cidades variadas. Acima, mapas de Park City e do Texas, revista Carbono Uomo, 2016.

VIAGEM

TEXAS

Texto e fotos Roberta Morbach Pacheco Ilustração Daniel Bueno



Gosto muito dos EUA e conhecia lugares mais “comuns”, como Miami, Orlando, Nova York, Las Vegas e Los Angeles. Mas desde pequena sou apaixonada por cavalos e viajar para o Texas sempre foi um sonho antigo. O estado americano é o destino ideal para quem faz uma das modalidades westerns, que é o meu caso – sou competidora de três tambores. Tudo tem o jeitinho *country*: a música, a comida, a cultura, a maneira de se vestir. As cidades maiores, como Dallas, Houston e Austin (especialmente essa), são super cool. A vida noturna é animada! E para quem gosta de aproveitar mais o dia, tem muitos museus interessantes (aposte em Dallas e Houston). Sem falar nos parques, que são bem legais para passear e fazer esportes ao ar livre. Achei as cidades maiores uma versão “campo” de Miami e Los Angeles. Já as menores me conquistaram. Não conhecia nada parecido: são rústicas, charmosas e têm tudo o que amo num lugar só. Fora que os moradores tratam você com carinho. Até o pessoal da imigração quer jogar conversa fora e te dar dicas. Confira as minhas:

Fort Worth

A Comece sua viagem por esta cidade, que fica bem perto de Dallas e tem um jeitinho bem texano. Siga para Fort Worth Stockyardsm, o centrinho histórico, com a cara do Velho Oeste, cheio de lojinhas, restaurantes, bares e museus. Uma boa pedida para um almoço rápido é o Love Shack. O Risky’s BBQ também é uma boa opção. À noite, não deixe de ir no Billy Bob’s Texas, um dos maiores bares de música country ao vivo dos EUA. É imperdível, superanimado e ainda conta com uma minipista de rodeio com competição de montaria em touro todas as sextas e aos sábados.



A



B

D Six Flags Over Texas – Passamos um dia no parque que fica em Arlington, só a 20 minutos de Forth Worth. Para quem curte montanha-russa é bem bacana!

D Boot Barn e Cavenders: são duas lojas com vários endereços espalhados pelo Texas: os melhores lugares para comprar bota, calça jeans, chapéu, cinto, fivela e camisa.

San Antonio

E River Walk – A cidade é uma graça, e cortada pelo rio San Antonio. Vale a pena almoçar ou jantar nos restaurante que ficam às suas margens. É uma delícia caminhar por ali também: o calçadão é principal atração da



F



F



I

Austin

G A metrópole mais jovem do Texas, e também a capital, foi a nossa terceira parada. Austin é uma cidade universitária, por isso, animada, moderna e até um pouco excêntrica – bem diferente do resto do estado. Sempre tem algo acontecendo por lá: evento esportivo, festivais de música, rodeios etc. A noite costuma intensa (as opções de restaurantes e bares são enormes).

H Parque – O Zilker é enorme e fica em Downtown. É cortado pelo Rio Colorado e, por isso, é possível alugar caiaques e canoas para passear. Outra boa opção é alugar uma bike ou correr pela trilha que margeia o rio.

I Churrasco – Salt Lick é o barbecue mais famoso de Austin. Fica num rancho em Driftwood, a 30min de carro da capital do Texas, mas vale super a pena ir até lá. O lugar também é lindo e o churrasco é feito, e servido, sem frescuras.

TEMPLATE

Ao lado vemos mais um exemplo de template enviado pelo cliente para a criação desses mapinhas.

Eles usaram um dos mapas feitos anteriormente para definir a disposição e espaço da ilustração.

Mapas Imaginários

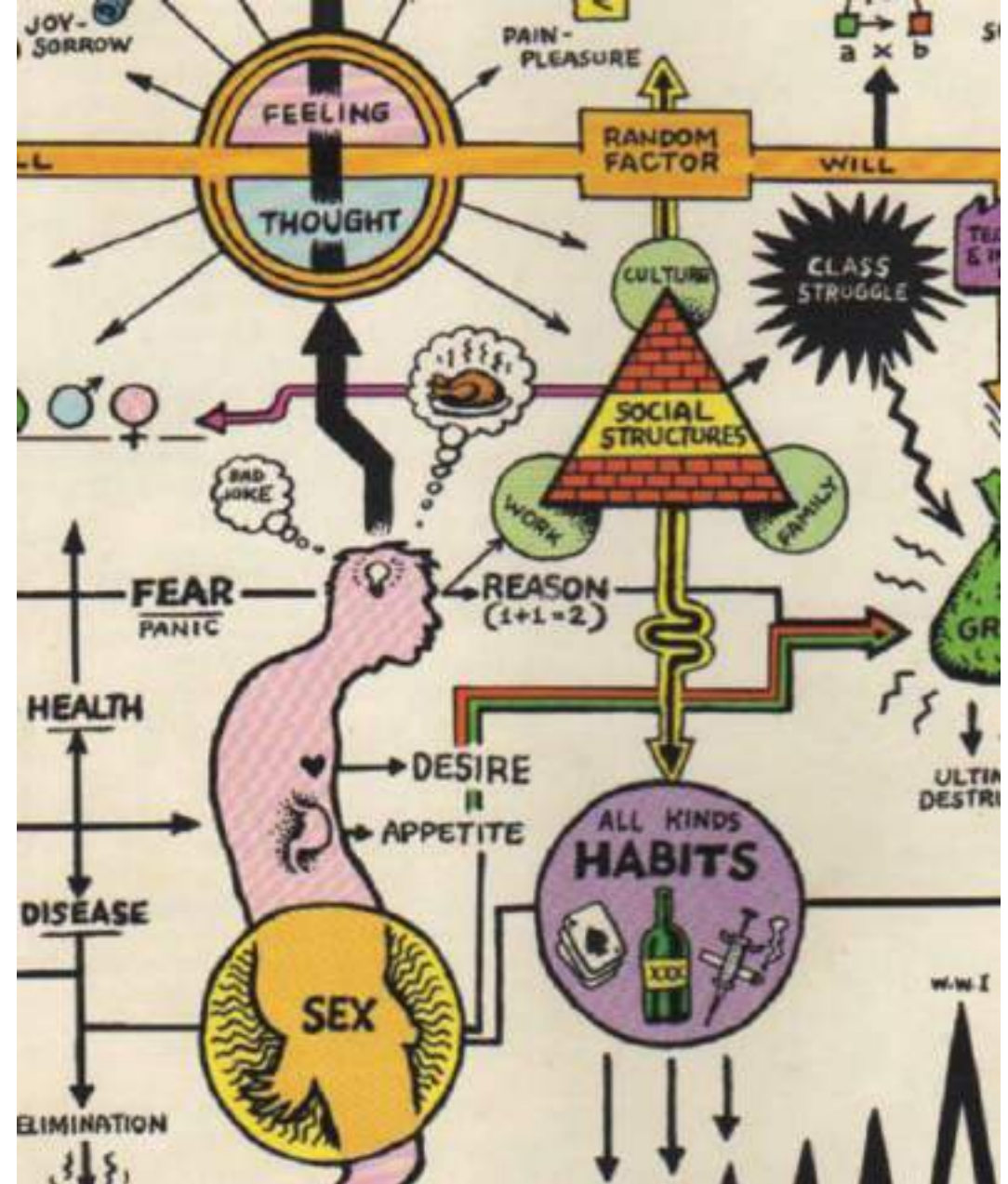
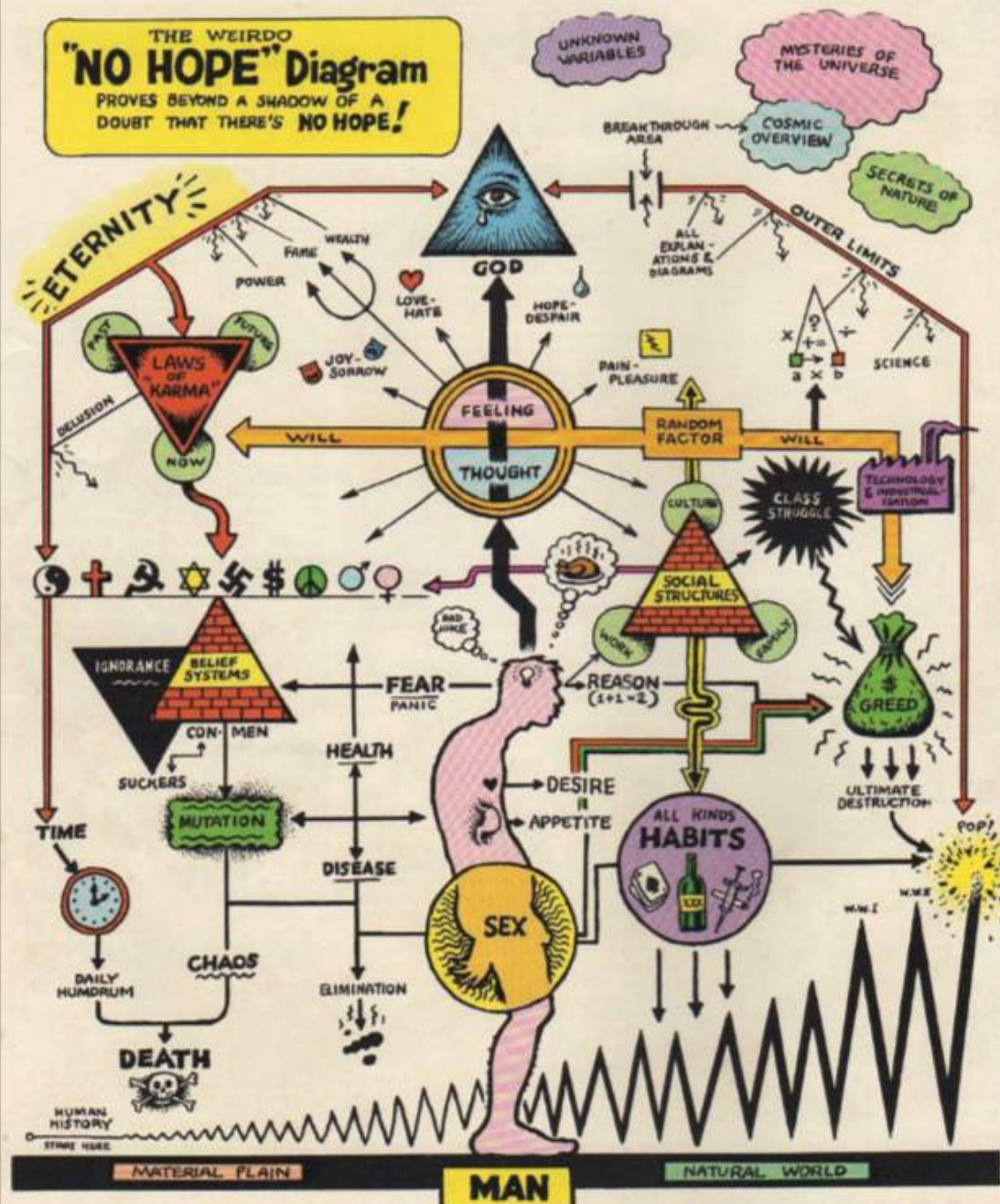
Nem toda representação esquemática é usada para comunicar informações reais: elas podem também ser usadas para exprimir informações fictícias. Um exemplo é o Mapa de Oz ou um mapa da Terra do Nunca de Peter Pan.

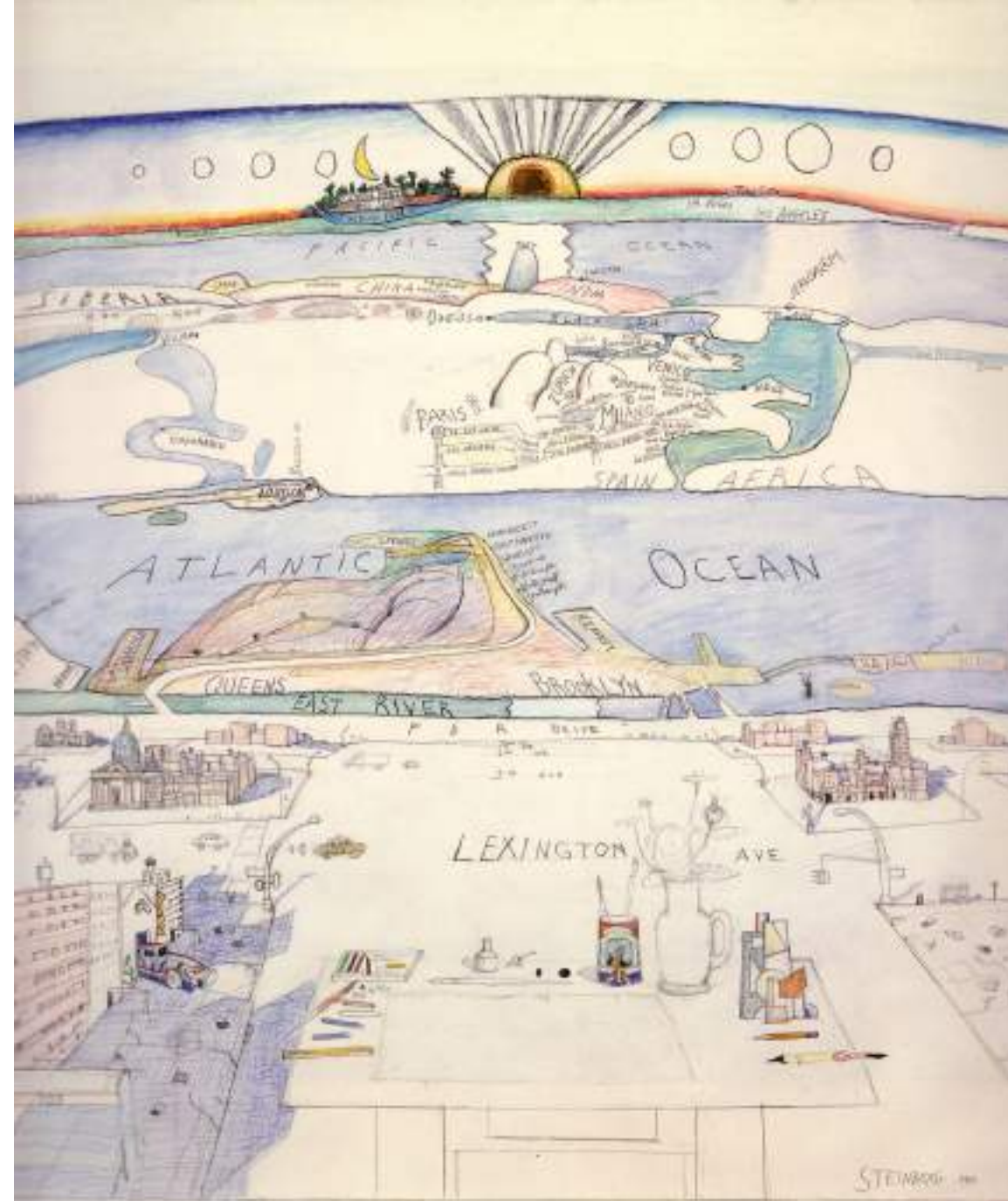
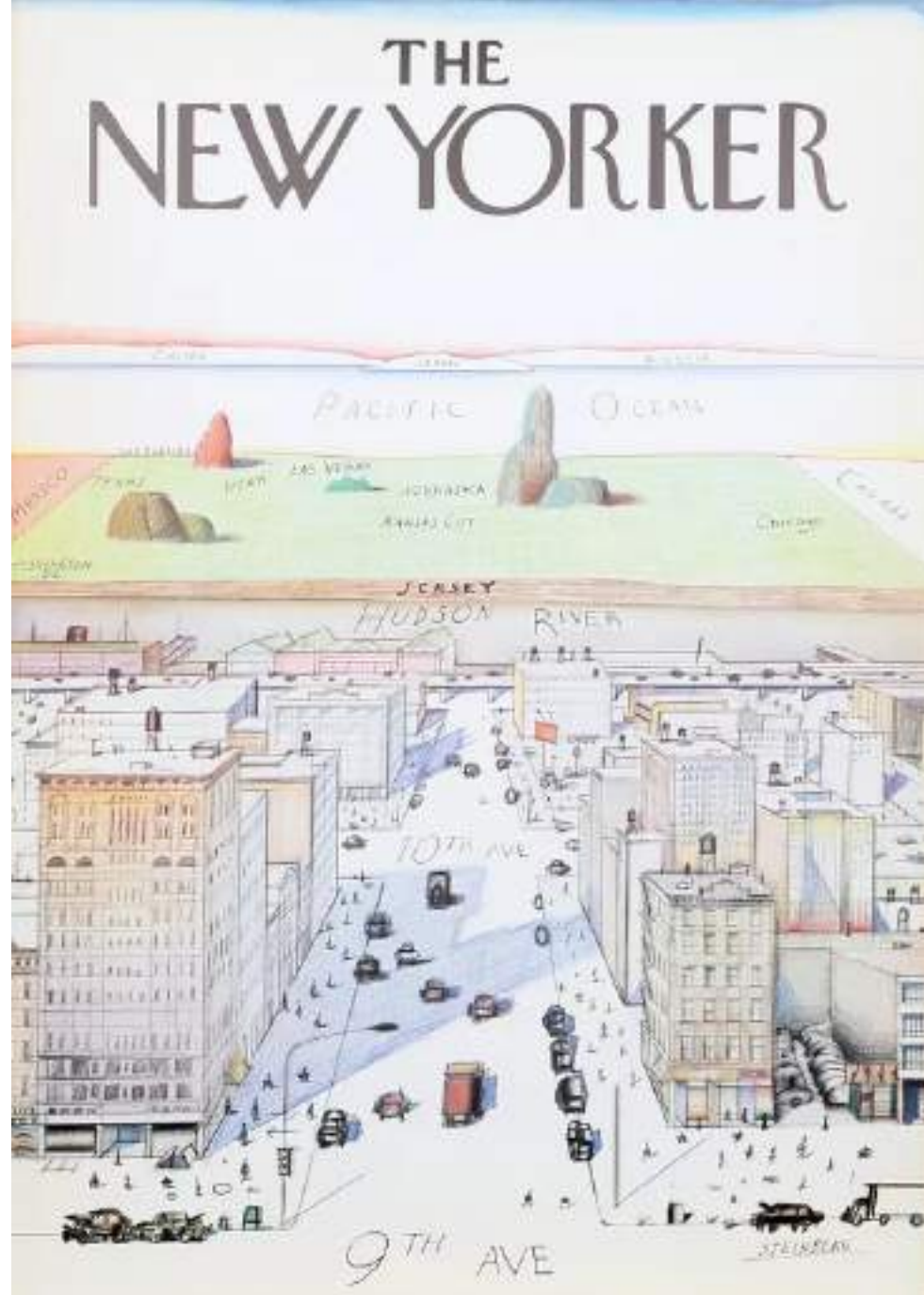
Os mapas podem, também, transmitir informações e temas conectados à realidade (como, por exemplo, nossos sentimentos ou visão da sociedade), mas explorando fantasia, humor, distorções, imagem dupla e ambigüidade gráfica, alegorias, etc.

Nos trabalhos que veremos adiante – de mapas e infográficos – poderemos perceber de um modo mais aprofundado essas inusitadas soluções.

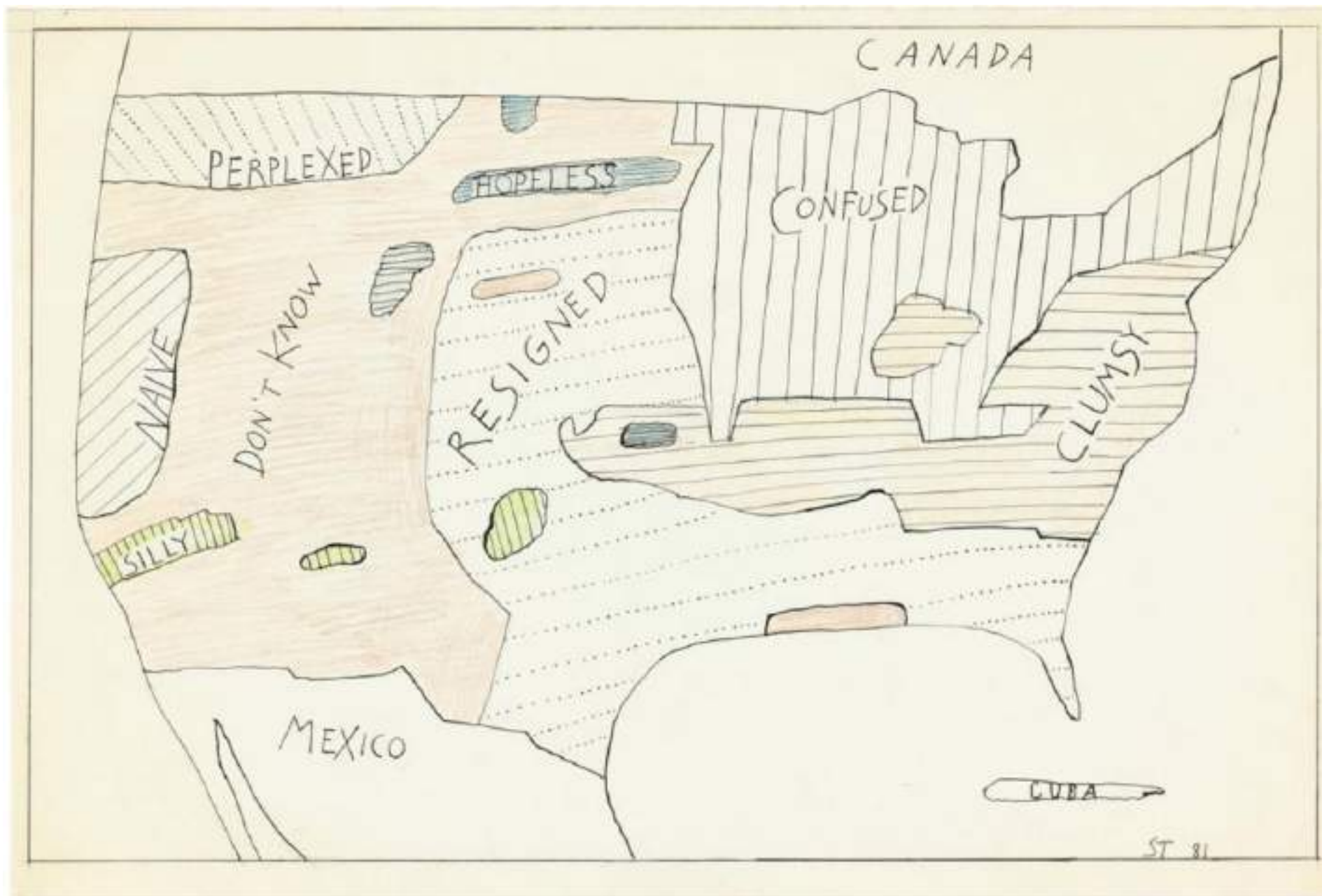


Jack Kirby:
Mapa do mundo
do personagem
Kamandi.

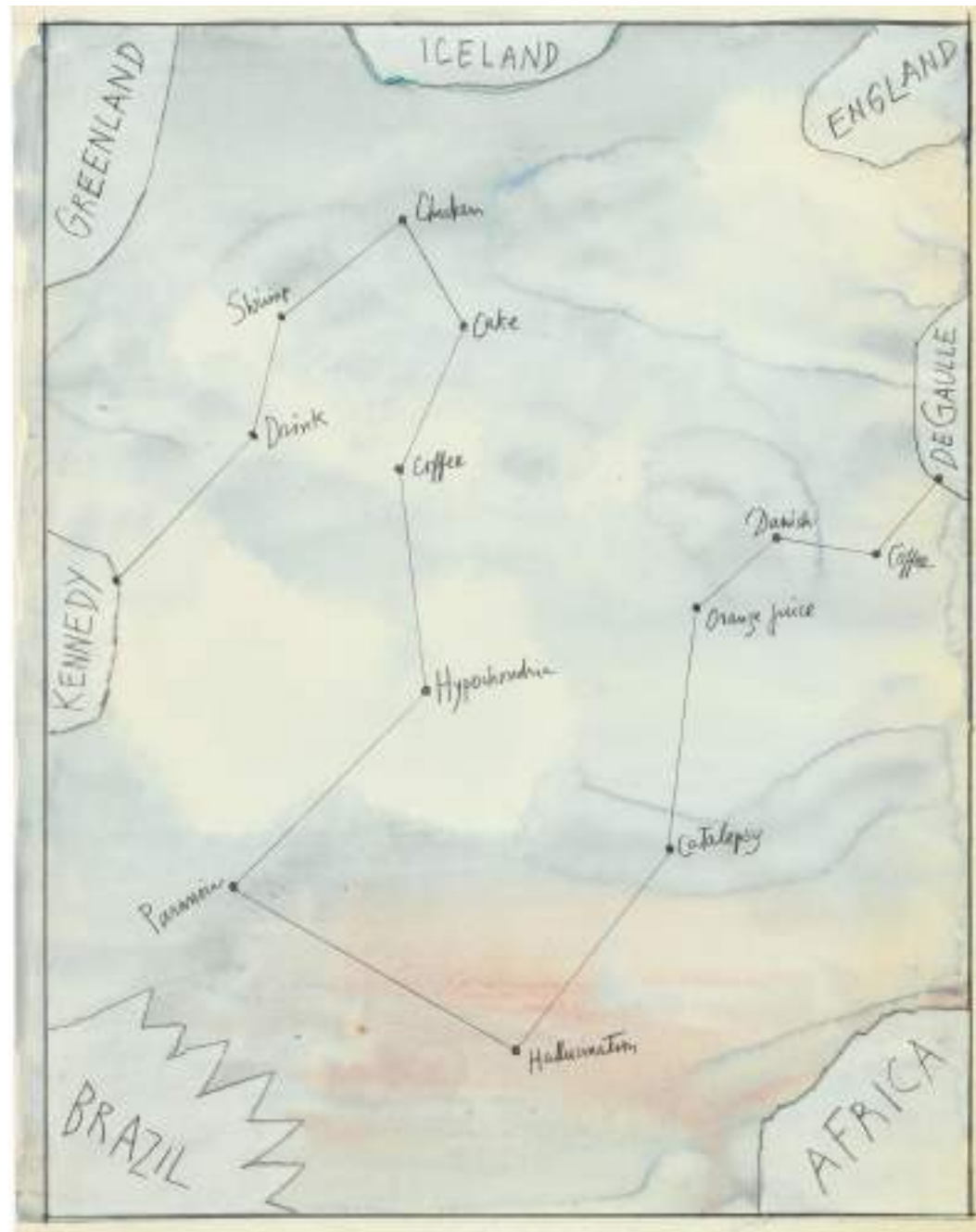
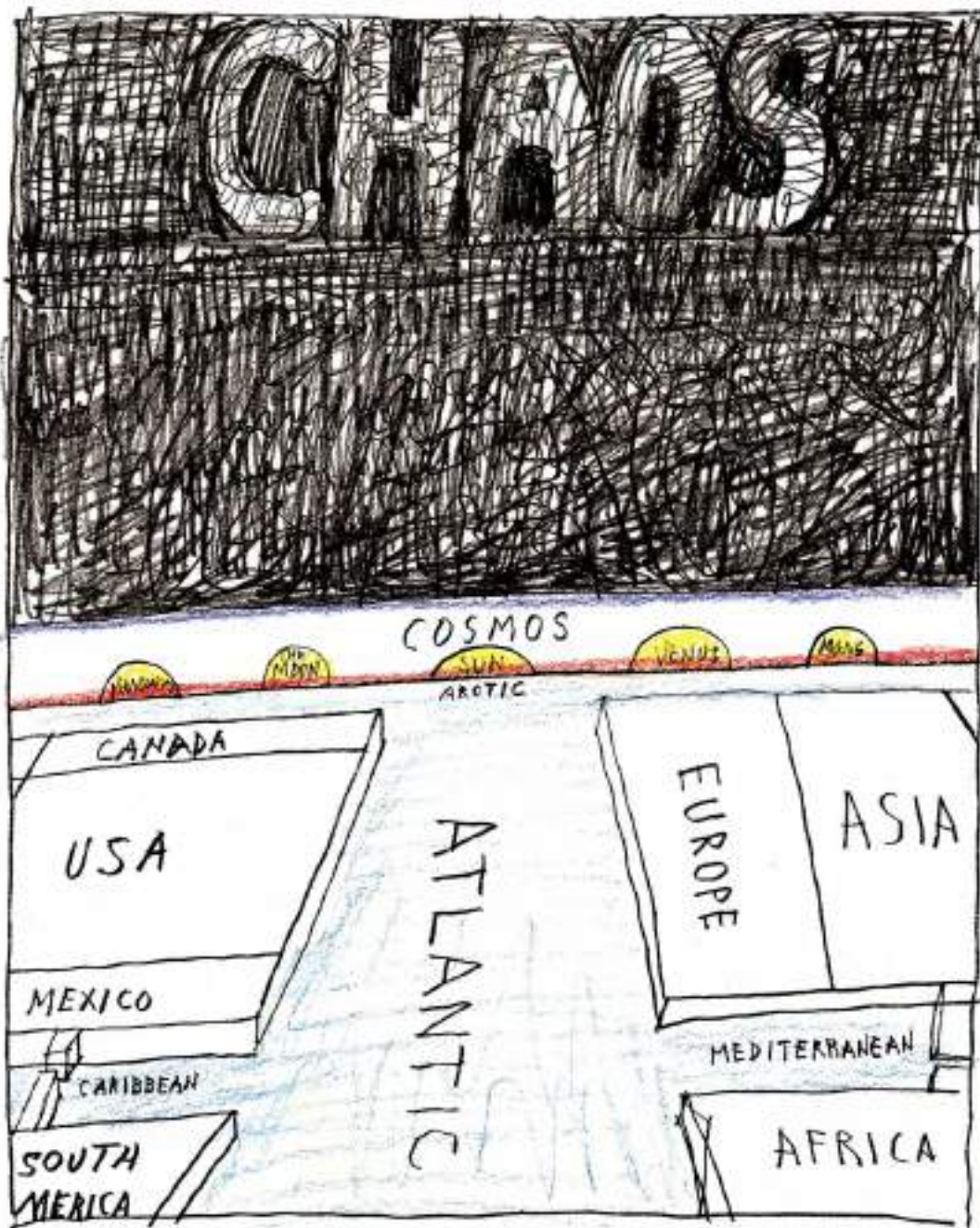




Saul Steinberg:
no canto esquerdo,
“View of the world
from 9th Avenue”,
capa da revista The
New Yorker, 1976.
Ao lado,
“Autogrography”,
publicado no livro
The Discovery of
America, 1986.



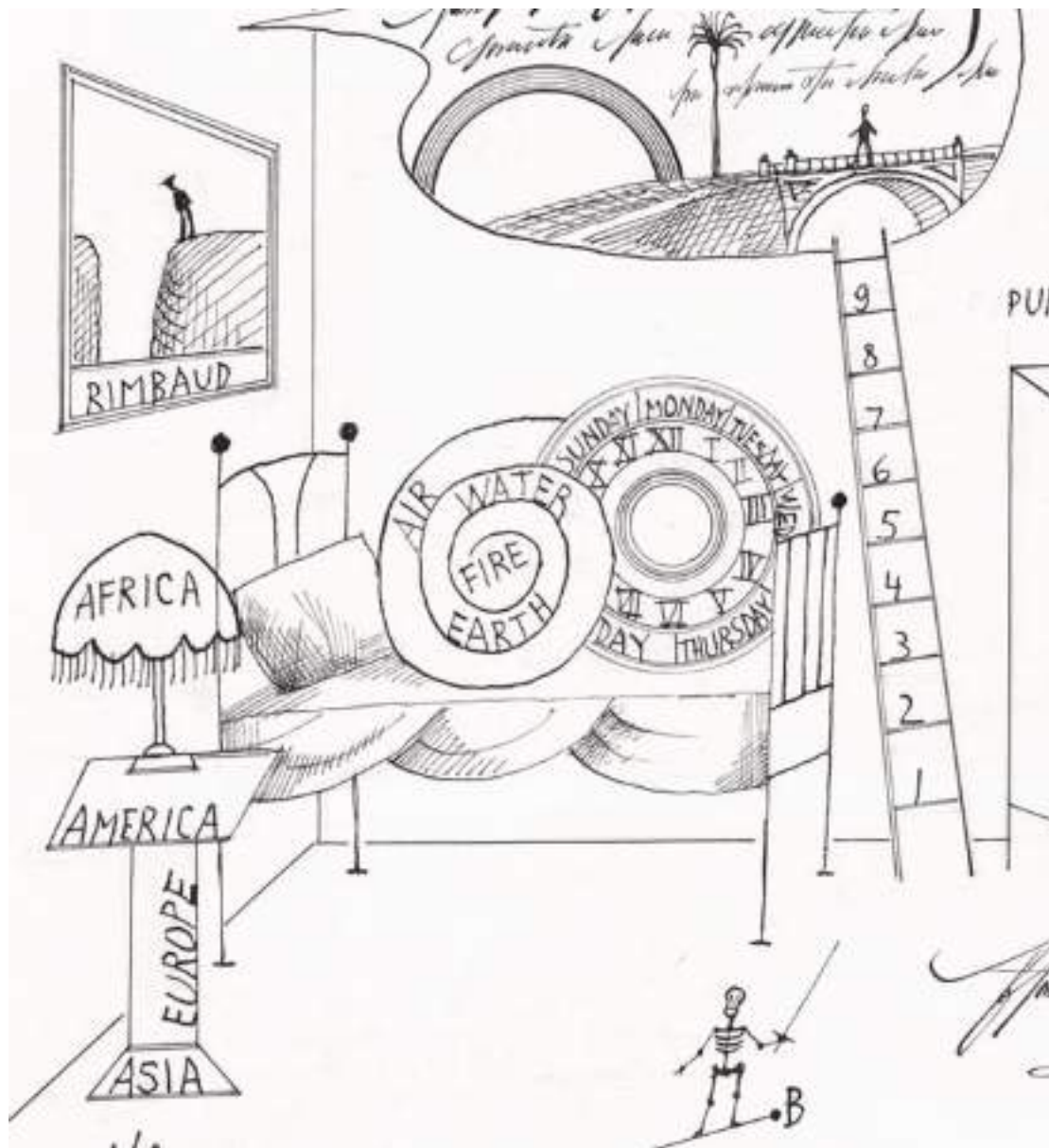
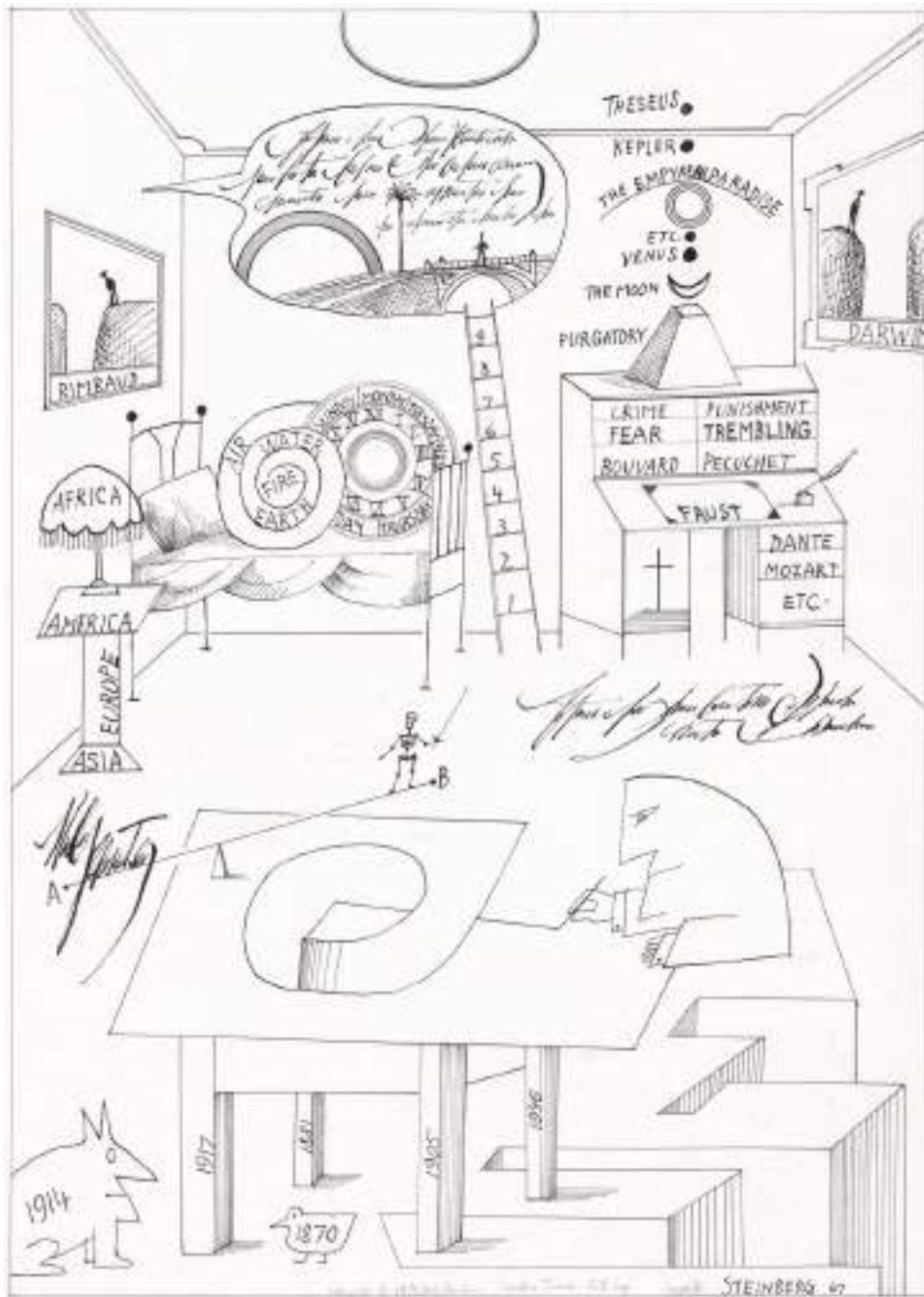
Saul Steinberg: "Statistics U.S.A.", 1981.



Saul Steinberg:

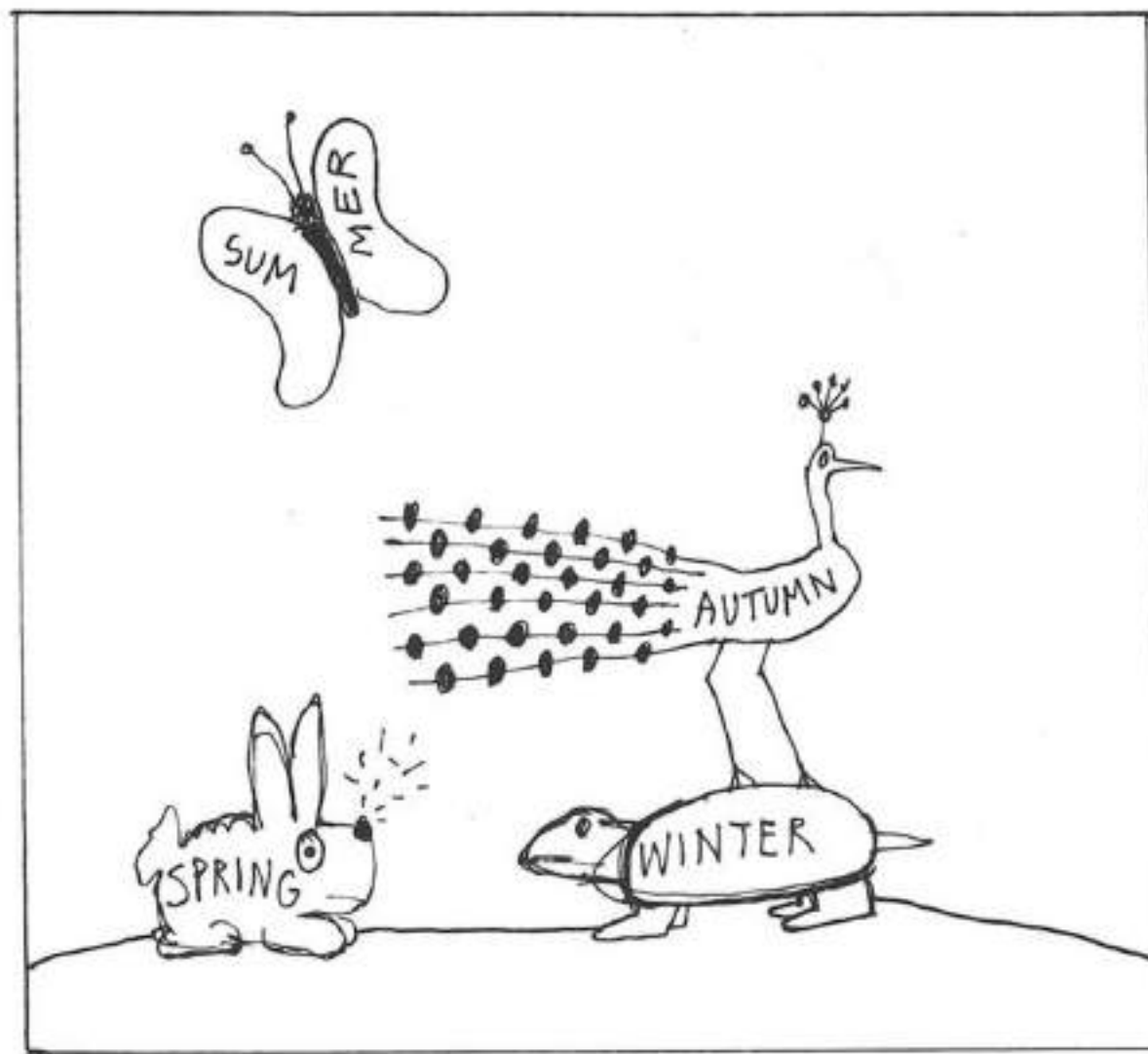
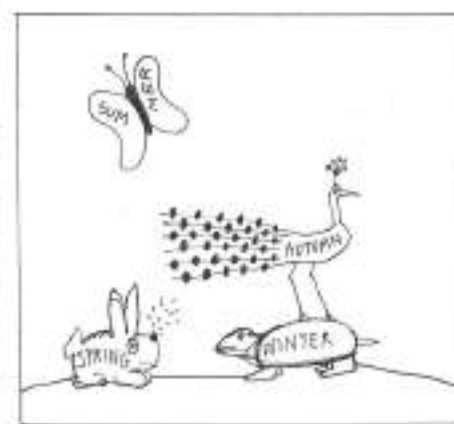
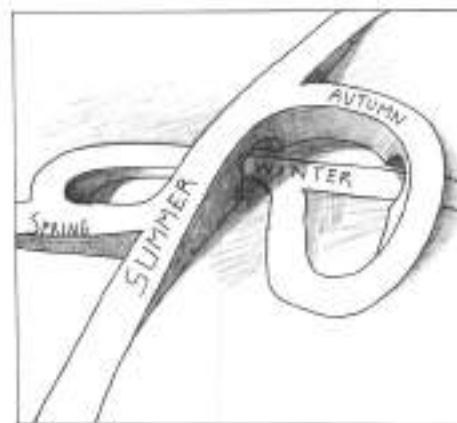
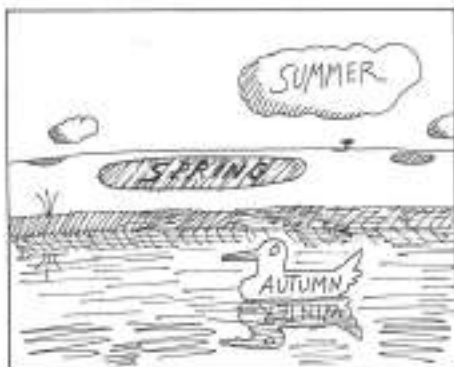
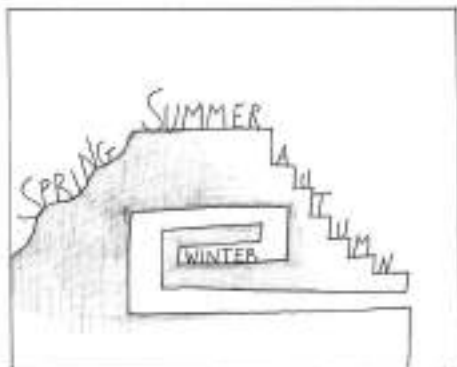
No canto
esquerdo, obra
sem título, 1990.

Ao lado, "Flight
Map", anos 1980.

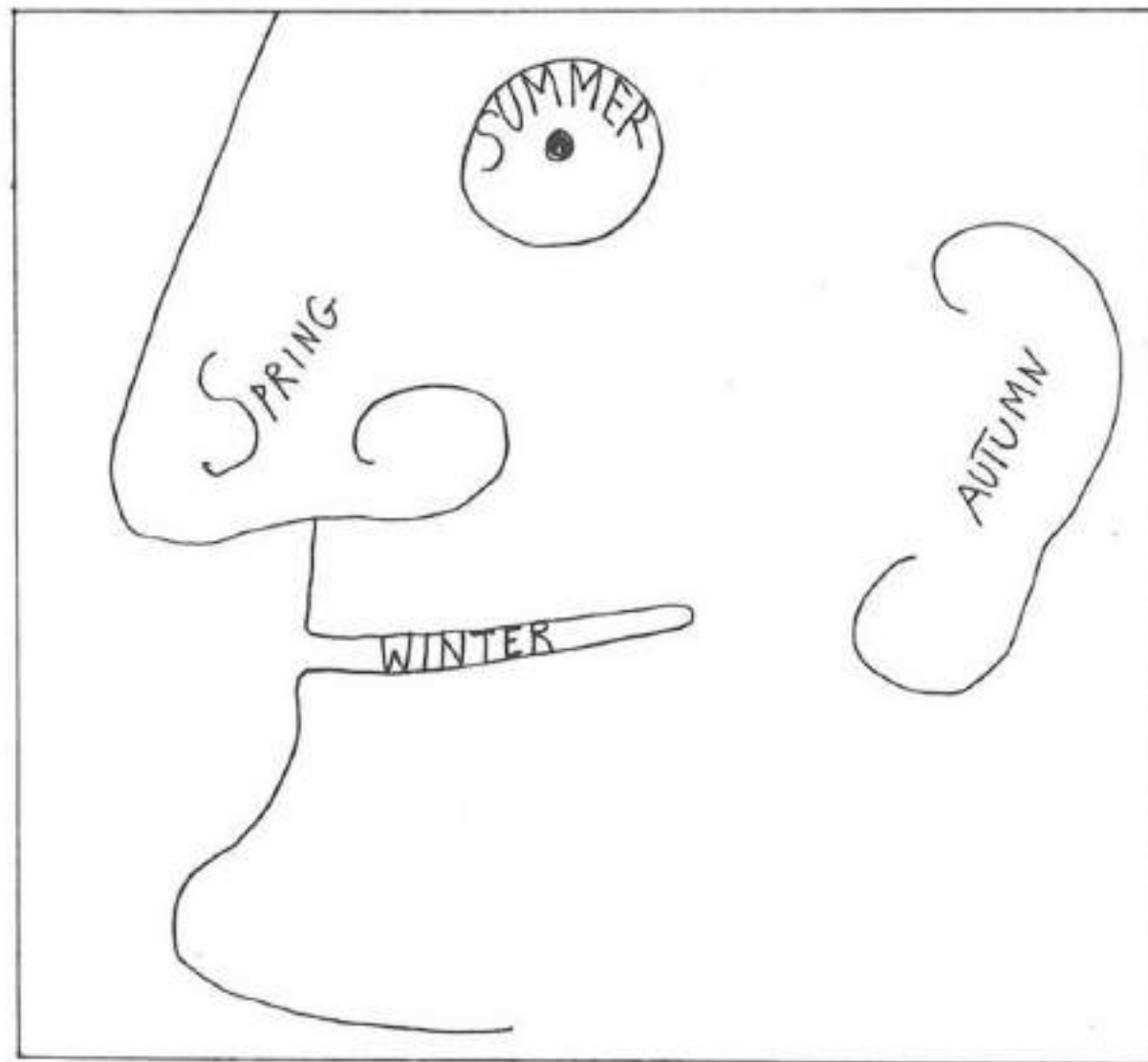
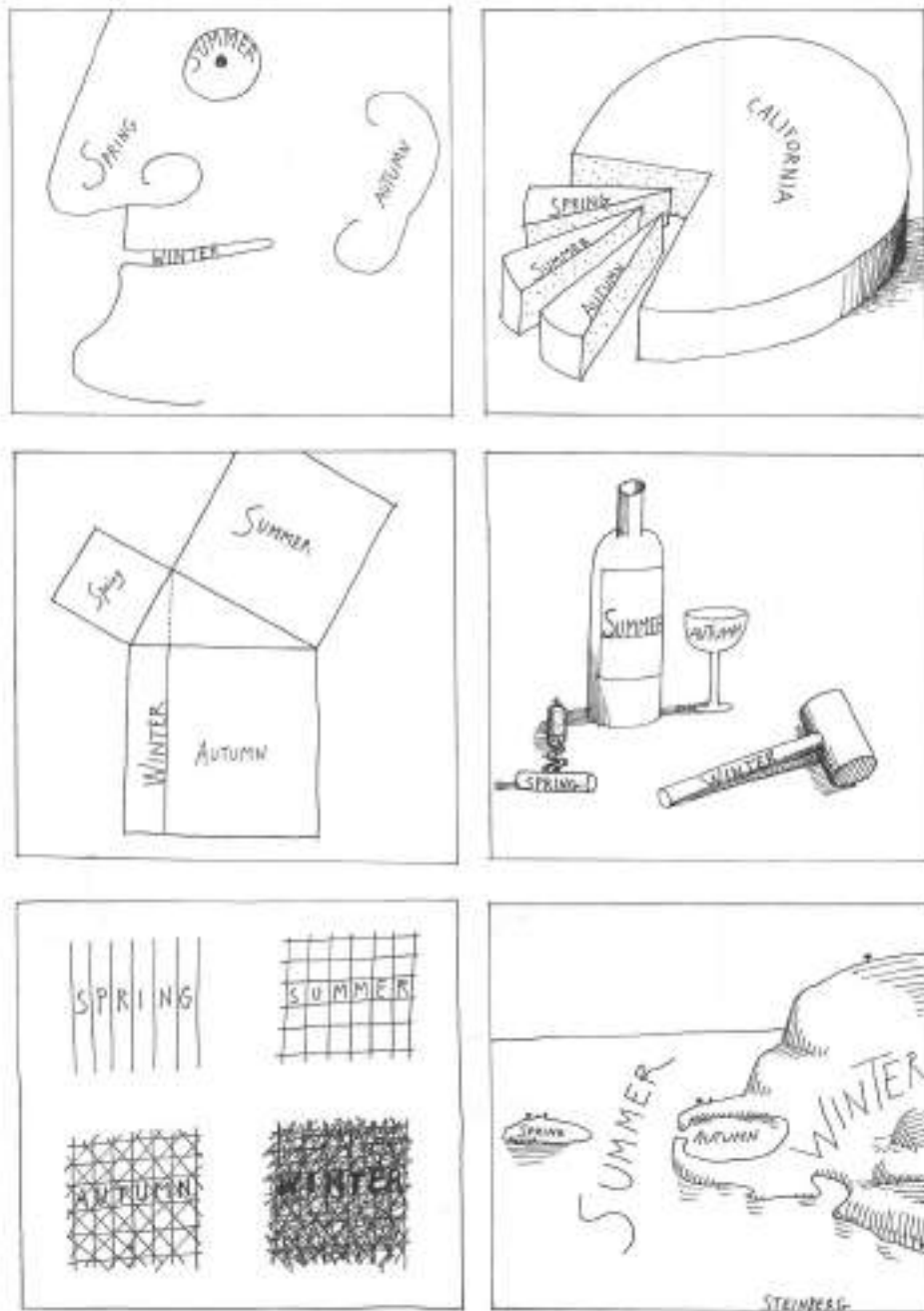


Saul Steinberg: Obra sem título, 1967.
Acima, detalhe do desenho.

12 VARIATIONS



Saul Steinberg: "12 Variations", publicada em portfolio da revista The New Yorker, 1982.
Acima, detalhe do desenho.



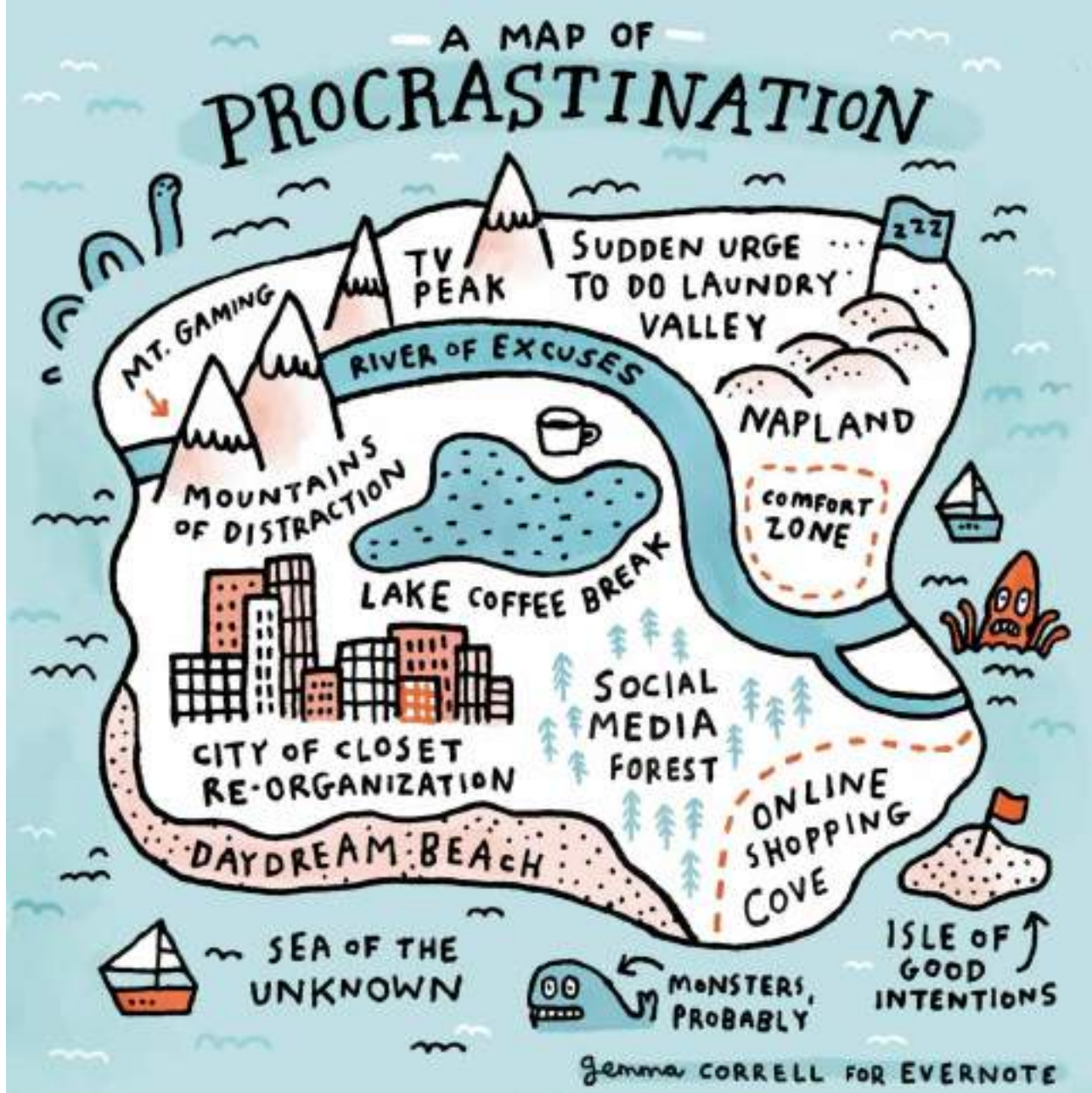
Saul Steinberg: "12 Variations", publicada em portfolio da revista The New Yorker, 1982.
Acima, detalhe do desenho.



Marc Bell:
"Ornate Investment
Banker".



Marc Bell: Detalhe de
 “Ornate Investment
 Banker”.



Gemma Correll: "A Map of Procrastination", 2018; "A Map of Meditationland", 2019.



The Introvert's Heart
BY AN INTROVERT

* NO CELL PHONE RECEPTION

GEMMA CORRELL 2014

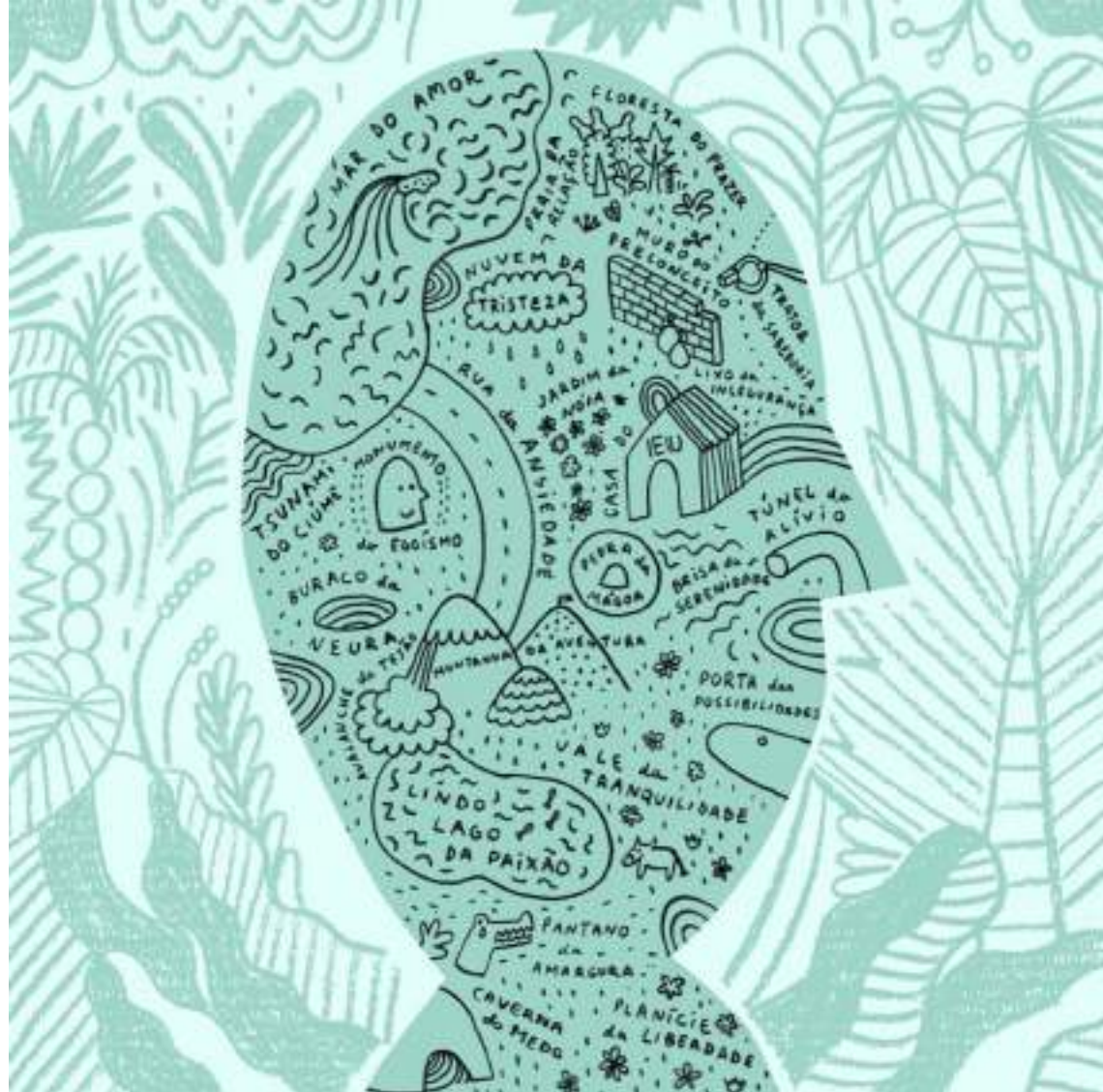
Gemma Correll: "Menstrual Island", 2016; A Map of The Introvert's Heart (by an introvert), 2014.



Robert William:
"The Mystery
Map of Assinine
Atoll", detalhe,
1977.



Robert William: "The Mystery Map of Assinine Atoll", detalhes, 1977.



Mapas Imaginários dos ilustradores Guilherme Lira ("Mapa de Dentro", acima) e Rodrigo César ("O Mapa da Merda", à direita), 2019.

